

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

SORAYA VIEIRA DE ALBUQUERQUE



São Luís
2009

SORAYA VIEIRA DE ALBUQUERQUE

MUSEU HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO MARANHÃO: um patrimônio cultural e fonte
histórica ludovicense

Monografia apresentada ao Curso de
Biblioteconomia da Universidade
Federal do Maranhão, para obtenção do
título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Msc. Raimunda
Ribeiro Araújo.

São Luís
2009

Albuquerque, Soraya Vieira de.

Museu Histórico e Artístico do Maranhão: um patrimônio cultural e fonte histórica ludovicense / Soraya Vieira de Albuquerque. __ São Luís, 2009.

121 f.

Orientadora: Profª. Msc. Raimunda Ribeiro
Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Biblioteconomia, 2009.

1. Museu Histórico e Artístico do Maranhão. 2. Patrimônio Cultural – Maranhão.
3. Fontes Históricas – Maranhão. I. Título.

CDU 069.02:7(812.1)

SORAYA VIEIRA DE ALBUQUERQUE

MUSEU HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO MARANHÃO: um patrimônio cultural e fonte
histórica ludovicense

Monografia apresentada ao Curso de
Biblioteconomia da Universidade
Federal do Maranhão, para obtenção do
título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Msc. Raimunda Ribeiro Araújo (Orientadora)
Mestra em Ciência da Informação
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a. Dra. Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira
Doutora em Engenharia de Eletricidade
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Msc. Isabel Cristina dos Santos Diniz
Mestra em Ciência da Informação
Universidade Federal do Maranhão

A Deus por ser a fortaleza e essência de minha vida.
A meus pais e aos meus irmãos pelo amor e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, pois Ele merece toda honra e toda glória e assim, por meio de Sua vontade e, sobretudo de Seu amor incondicional, obtive a oportunidade de alcançar este sonho tão almejado, com serenidade, força, perseverança e sabedoria.

A meus pais amados, Socorro Vieira e João Rodrigues, por todo amor, dedicação e incentivo reservados a mim, sem os quais minha vida não teria sentido, pois pude com essas duas pessoas especiais, herdar, dentre todos os princípios instruídos, a humildade e a honestidade. Muito obrigada.

Aos meus queridos irmãos, Michael Douglas e Tereza Helena, pelo carinho, paciência, apoio e amizade que me dedicam a cada dia, por estarmos sempre unidos, sendo essa a essência de nosso sublime amor.

Às minhas estimadas amigas, Gleide Cristina e Luciana Roberta, pela amizade e carinho, as quais são capazes de almejar minha vitória e preservar com bondade nossa harmoniosa relação, mesmo com a distância circunstanciada pela execução deste trabalho.

A todos os meus amigos, pelo carinho, apoio e incentivo.

A Prof^ª. Msc. Raimunda Ribeiro, pela orientação, carinho e credibilidade dada à realização desta produção monográfica. Agradeço ainda, pelos significativos conselhos e expressivo apoio durante o curso e especialmente por ter conquistado sua amizade.

A todas as amigadas conquistadas durante o curso, imprescindíveis para o desenvolvimento acadêmico, pois se tornaram fontes de companheirismo, carinho e troca de conhecimentos. Em especial agradeço às amigas, Elcilene Fonseca, Nayara Costa, Nádia Maria e Marrhiette Martins, pois sempre estiveram ao meu lado, incentivando e acreditando que sou capaz.

Aos meus professores, pela disposição, paciência e empenho com que transmitiram seus conhecimentos a mim.

A todas as amigadas conquistadas durante a experiência de estágio, em particular a Elizabeth Wernz, Lisiana Bessa, Gizelly Almeida, Silvia Castro, Kyazzumym Silva, Janaína Pinheiro, Eulina, Betânia Fontinelle e Rosângela Diniz, pois foram fundamentais em meu crescimento pessoal e profissional, das quais pude obter carinho, incentivo e troca de experiências.

A recente amiga, Elymariane, pelos laços de afeto e amizade que estamos construindo e pela atenção e apoio dado a este momento final de execução da monografia.

As funcionárias do departamento e coordenação de Biblioteconomia, Severina, Vanda e Fátima e estagiárias, Fabiana e Antonia que sempre se disporem a me ajudar em tudo que fosse necessário durante o curso, com muito carinho e atenção.

E para não cometer nenhuma injustiça, agradeço a todos àqueles que direta e indiretamente contribuíram para tão sonhada formação profissional.

*Guardar... Guardar... Guardar
Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la
Em cofre perde-se a coisa à vista
Guardar uma coisa é olhá-la. Fitá-la
Mirá-la por admirá-la
Isto é, iluminá-la e ser por ela iluminado
Estar acordado por ela
Estar por ela
Ou ser por ela*

Antonio Cicero

RESUMO

O estudo monográfico versa acerca da relevância dos museus como patrimônio cultural e fonte histórica de uma sociedade, cujo objetivo constitui-se em avaliar o papel do Museu Histórico e Artístico do Maranhão como patrimônio indispensável para a preservação da memória e identidade cultural ludovicense, sendo que este se encontra situado na cidade de São Luís. Com isso, pretende-se a partir dos conceitos de fonte histórica e patrimônio cultural, identificar o museu em estudo a luz das fontes de informação numa abordagem interdisciplinar, cuja ênfase é dada a área de Biblioteconomia. Para tanto, apóia-se na pesquisa bibliográfica, documental e de campo, envolvendo entrevistas realizadas com a diretoria e funcionários do museu em estudo e questionários aplicados aos estudantes dos cursos de Biblioteconomia, Ciências Sociais, História e Turismo da Universidade Federal do Maranhão. E assim, tem-se o intuito de identificar os aspectos característicos do Museu Histórico e Artístico do Maranhão para fins de conhecimento e mostrar que tanto as fontes históricas quanto o patrimônio cultural estabelece mais um recurso para obtenção de conhecimento. Portanto, vale ressaltar que os museus juntamente com o patrimônio e as fontes de informações convencionais e não convencionais, formam um somatório de conhecimento, demonstrando aos pesquisadores, estudantes e ao público em geral, a diversidade de recursos para a busca de suas pesquisas.

Palavras-chave: Museu Histórico e Artístico do Maranhão. Fontes Históricas. Patrimônio Cultural. Memória Ludovicense. Identidade Cultural

ABSTRACT

The monographic about the relevance of museums as cultural patrimony and historical source of a company whose objective is aimed at evaluating the role of the Museum of Historical and Artistic Heritage Maranhao as essential to the preservation of memory and cultural identity Ludovicense, and this is situated in the city of São Luis. The proceeds will to the concepts of historical sources and cultural patrimony, to identify the museum in the study of light sources of information in an interdisciplinary approach, whose emphasis is given to area librarianship. For this purpose, is based on the literature, documentary and field research involving interviews with management and staff of the museum in the study and questionnaires answered by students of Library Science, Social Sciences, History and Tourism of the Federal University of Maranhão. And so, we have aimed to identify the characteristic features of the Museum History and Art of Maranhão for knowledge and show that both the historical sources and cultural heritage provides another resource for obtaining knowledge. Therefore, it is noteworthy that the museum along with the assets and sources of information conventional and unconventional form a pool of knowledge by demonstrating to the researchers, students and the general public, a range of resources for the pursuit of their research.

Keywords: Museum of History and Art of Maranhao. Historical sources. Cultural Patrimony. Memory Ludovicense. Cultural Identity

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Distribuição dos estudantes questionados quanto ao período em que se encontram matriculados.....	70
Gráfico 02 – Distribuição dos estudantes questionados quanto ao sexo	71
Gráfico 03 – Distribuição dos estudantes questionados quanto à faixa etária	71
Gráfico 04 – Distribuição dos estudantes questionados quanto à ocupação profissional ...	72
Gráfico 05 – Representação esquemática do grau de importância atribuída a História	75
Gráfico 06 – Representação esquemática referente à relação existente entre História, Fontes Históricas e Patrimônio Cultural.....	75
Gráfico 07 – Representação esquemática relacionada ao nível de conhecimento sobre Fontes Históricas e Patrimônio Cultural.....	77
Gráfico 08 – Representação esquemática referente ao que os estudantes pensam sobre Fontes Históricas.....	79
Gráfico 09 – Representação esquemática acerca do conceito atribuído ao Patrimônio Cultural.....	80
Gráfico 10 – Representação esquemática do nível de importância aplicado as Fontes Históricas e Patrimônio Cultural ludovicense.....	82
Gráfico 11 – Representação esquemática acerca do primeiro local recorrido pelos Estudantes ao realizar uma pesquisa.....	85
Gráfico 12 – Representação esquemática do ponto de vista dos estudantes acerca da relação entre museu, fontes históricas e patrimônio cultural.....	86
Gráfico 13 – Representação esquemática do número de estudantes que já visitaram o Museu Histórico e Artístico do Maranhão.....	87
Gráfico 14 – Representação esquemática da frequência dos estudantes que já visitaram Fontes Históricas e Patrimônio Cultural.....	88
Gráfico 15 – Representação esquemática do número de estudantes que admitiram não ter ainda visitado o MHAM, mas que sentem vontade de visitar o mesmo.....	89
Gráfico 16 – Representação esquemática da avaliação dos estudantes sobre o Museu Histórico e Artístico do Maranhão diante da sociedade ludovicense.....	90
Gráfico 17 – Representação esquemática referente ao Museu Histórico e Artístico do Maranhão possuir teor científico.....	91
Gráfico 18 – Representação esquemática da importância do Museu Histórico e Artístico do Maranhão para disseminação da informação.....	92

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	17
3	REPENSANDO AS FONTES HISTÓRICAS.....	19
4	PATRIMÔNIO CULTURAL.....	24
4.1	Contexto histórico.....	25
4.2	Conceito.....	29
4.3	Função.....	31
5	PANORAMA HISTÓRICO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO.....	34
5.1	Manifestações culturais.....	38
5.2	Arte, música e pintura.....	41
6	MUSEU HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO MARANHÃO.....	43
6.1	Resgate histórico.....	45
6.2	Missão e objetivos.....	49
6.3	Características.....	49
6.4	Normas para visitação.....	51
6.5	Fluxo de visitação.....	52
6.6	Corpo funcional.....	53
6.7	Projetos desenvolvidos.....	53
6.8	Acervo.....	55
6.8.1	Azulejaria.....	58
6.8.2	Porcelana.....	59
6.8.3	Numismática.....	59
6.8.4	Mobiliário.....	60
6.8.5	Documentos.....	61
6.8.6	Artes plásticas.....	61
6.8.7	Arte sacra.....	61
6.9	Perfil do público-alvo.....	62
6.10	Relevância histórica e cultural ludovicense.....	64
7	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	70
8	CONCLUSÃO.....	94
	REFERÊNCIAS.....	98

APÊNDICES.....	103
ANEXOS.....	113

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, o homem sentiu a necessidade de registrar sua vivência por meio de desenhos em cavernas, e anos mais tarde, pela expressão escrita e lingüística, mediante sua evolução humanística, cujo intuito atribuía-se ao fato de compartilhar experiências. Percebe-se que o contexto histórico das formas de expressar idéias, feitos e informações perpassa pelos desenhos pictóricos à internet, tendo como propósito principal a disseminação da informação e formação da memória cultural da humanidade. Sendo que a informação constitui-se num bem fundamental para o desenvolvimento do ser humano. E a cultura forma a identidade e memória de uma sociedade, pois representa modos de vida, crenças, instituições, valores espirituais entre outros. Além disso, esta é inerente à formação e desenvolvimento do homem e por essa razão possui uma ampla concepção.

Neste contexto, encontram-se inseridas as fontes de informação que são formadas por enciclopédias, guias, catálogos, dicionários, materiais, produtos, notícia, tese, quadros, partitura musical, fotografia, discurso e outros. Logo, as fontes de informação são recursos que fornecem informações ou dados que possam ser interpretados e transformados em conhecimento. De acordo com o exposto, pode-se dizer que as fontes de informação guardam os registros desenvolvidos pelo homem em meio impresso, eletrônico ou também através de instituições culturais referentes a bibliotecas, arquivos e museus.

No que se refere às fontes de informação é dado ênfase as fontes históricas, objeto de estudo desta pesquisa, que possuem como definição serem sinais deixados pelo homem durante suas experiências e vivências e, além disso, confirmam a existência de um passado distante ou próximo. Pois, contribuem de forma essencial para conservação e preservação da memória social, cultural e política de uma sociedade. Além disso, constitui-se em um dos fatores fundamentais preestabelecidos para indicar se um bem material (igrejas, casas, praças, pinturas, esculturas, artesanato e etc.) e imaterial (literatura, música, linguagem e etc.) possui ou não valor cultural para a sociedade que se encontra inserido.

Dessa forma, fonte histórica constitui-se em subdivisão das fontes de informação e de acordo com Accioly (2007, não paginado) possui como definição ser uma “[...] denominação de todo ‘artefato’, escrito ou não, que preserve, de alguma forma, a história de uma época, de uma civilização ou de qualquer objeto de estudo [...] que nos ajuda a tentar explicar o passado [...]”. Somado a isso, pode-se dizer que elas são pertinentes para reorganizar o passado e propiciar reflexões sobre o presente, formando aspectos que demonstrem características e culturas de uma realidade passada, bem como garantam a

conservação e manifestação de heranças às gerações futuras. E a partir disso, constituem a identidade e memória de um povo, sendo que esses dois aspectos também formam a categoria patrimônio cultural.

Em se tratando de patrimônio cultural, a Unesco ([200_?], não paginado) afirma que ele: “[...] é de fundamental importância para a memória, identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas”. Mediante essa afirmação, percebe-se o valor atribuído a esta categoria, que salvaguarda e protege a cultura por meio dos bens materiais, imateriais e naturais, a fim de preservar informações singulares como fontes históricas e vislumbrar estudos futuros às gerações vindouras.

Tal relevância necessita de preservação, para garantir que um bem cultural ou mesmo as manifestações culturais perpetuem por muito tempo. Assim sendo, pode-se dizer que tanto a preservação bem como a proteção de um bem material, imaterial e natural é de responsabilidade do Governo Federal, Estadual, Municipal e de todos os cidadãos, pois o patrimônio cultural constitui-se num elemento importante que suscita a continuidade e estabilidade da herança cultural.

Diante desse contexto, considera-se que as instituições culturais habitam esse cenário de fontes históricas e patrimônio cultural, dentre estas se tem como foco o Museu que se constitui num bem material. Pois, Caldeira (2005, p.142) ressalta que:

[...] Os museus expressam as necessidades educacionais culturais da sociedade contemporânea, constituindo-se em instrumentos para atendê-la em suas pretensões, por intermédio da frequência de seus cidadãos, estudiosos e viajantes estrangeiros que a eles acorrem para satisfazer seus anseios intelectuais.

E para complementar, Carvalho ([2005?], não paginado) afirma de forma sucinta que “o museu habita o imaginário popular como um lugar de guardar raridades e mistérios”.

Esse espaço contemplativo tem também como finalidade, preservar a memória, fazer com que pensemos sobre o presente e refletirmos acerca das mudanças ocorridas ao longo da história. Com isso, evidencia-se que o século XIX foi marcado pelo auge de desenvolvimento dos museus, tendo em vista isso, no Brasil, foram fundados nesta época, dois museus, os quais tiveram como responsável o rei Dom João VI. (CALDEIRA, 2005).

A partir de então, observou-se que diversos museus, de tipologias variadas, foram criados em todo o território brasileiro, resultantes da ação governamental e particular de algumas instituições. Em se tratando da tipologia dos museus, ressalta-se que de acordo com a natureza administrativa, eles são classificados em públicos e privados e, além disso, podem ser categorizados em museus de arte, históricos, de ciência, e etc. Também podem ser

classificados em museus especializados e museus ao ar livre. Desse modo, essa classificação depende unicamente das peças associadas ao acervo destas instituições culturais.

Assim, segundo Caldeira (2005, p. 146-148), **os museus de artes** têm por aspecto característico o valor estético, incluindo em seu contexto as artes sacras, as pinturas, as esculturas, as artes de decoração, as artes primitivas, o folclore, dentre outras. Possui como público-alvo, artistas, estudiosos, amadores, curiosos e turistas. **Os museus históricos** possuem o acervo pautado em fatos históricos e caracterizam-se por serem didáticos, pois representam a história social, política e cultural de um povo. Abrangem os sítios arqueológicos, monumentos e memória a alguma pessoa. **Os museus de ciência** constituem-se pelo teor ambiental, aprimoramento cultural, educação comunitária e avanços tecnológicos, destacando o setor industrial e da tecnologia. Permite que pesquisadores e cientistas sejam os atores que formam este cenário. **Os museus especializados** são voltados para uma área específica do conhecimento ou artefatos específicos. **Os museus ao ar livre** ocupam espaços definidos, bem como jardins, parques e compreende também os zoológicos, aquários e planetários. Possui como aspectos característicos serem dinâmicos, o acervo constitui o próprio local do museu e proporciona acesso a um grande número de pessoas.

Nessa perspectiva, durante o curso de Biblioteconomia observou-se a relevância das fontes de informação, no que se refere à articulação do profissional bibliotecário em atender as necessidades informacionais de seus usuários e assim disseminar a informação pertinente ao mesmo. Diante desse contexto percebeu-se a relevância dos recursos que compõem o rol das fontes de informação, a fim de nortear a pesquisa, sendo que toda essa abrangência está subdividida em: fontes geográficas, fontes históricas, fontes bibliográficas, fontes jurídicas, fontes eletrônicas, dentre outras.

Sendo assim, estudou-se sob a ótica das fontes históricas o Museu Histórico e Artístico do Maranhão com o propósito de identificar o mesmo como patrimônio cultural e fonte histórica ludovicense, onde a cidade de São Luís do Maranhão se constitui num cenário propício para o desenvolvimento tanto das fontes históricas quanto do patrimônio cultural, devido a sua história, a abrangência de suas manifestações culturais e riqueza arquitetônica e artística.

Tudo isso, pela relevância percebida nas fontes históricas como memória e identidade da humanidade e pelo fascínio atribuído a esta rica estrutura arquitetônica que envolve os museus, que constrói história e constitui-se em instituição criada e modificada pelo homem por passar não só a memória, cultura e patrimônio, mas também o teor científico.

Nesse sentido, faz-se algumas indagações:

- a) Será que o Museu Histórico e Artístico do Maranhão pode realmente ser considerado uma fonte histórica?
- b) A sociedade ludovicense reconhece o Museu Histórico e Artístico do Maranhão como patrimônio cultural e fonte histórica?
- c) Qual a relevância do Museu Histórico e Artístico do Maranhão para disseminação da informação?

Refletindo acerca destes pontos, teve-se como objetivo geral avaliar o papel do Museu Histórico e Artístico do Maranhão como patrimônio indispensável para a preservação da memória e identidade cultural ludovicense, apoiados nos seguintes objetivos específicos:

- a) Mostrar o valor do Museu Histórico e Artístico do Maranhão como fonte histórica ludovicense;
- b) Verificar os fatores que contribuem para que Museu Histórico e Artístico do Maranhão seja considerado patrimônio cultural;
- c) Identificar o público-alvo do museu.

Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica e documental respaldada no seguinte referencial teórico: Janotti (2005); Meireles (2008); Amaral (2003), Azevedo Neto (1983); Cervo e Bervian (1996); Abreu (1996); Caldeira (2005); Carvalho (2005), Ramalho (2009), Peta e Ojeda (1999), Dias (2009), Teixeira (2008), Funari e Pinsky (2007), Zanirato e Ribeiro (2006), Miranda (c2004), Piletti e Piletti (2002), Kerriou (1992), UNESCO ([200_?]), Nascimento (2001), Ferreira Junior (2006), Pereira (2003), Pereira (2001), Carvalho (2008), Lima (1988), Matos e Lucas (2009), Accioly (2007), Morigi, Vanz e Galdino (2002), Funary e Pinsky (2005), Campelho e Caldeira (2005), Rodrigues (2007) e Souza (2009) e outros.

A partir disso, realizou-se uma pesquisa de campo, por meio da observação e entrevistas com o diretor e funcionários do Museu História e Artístico do Maranhão e também aplicação de questionários aos estudantes de Biblioteconomia, Ciências Sociais, História e Turismo da Universidade Federal do Maranhão, onde eles serão questionados acerca do valor deste museu como fonte histórica, patrimônio, identidade e preservação da memória cultural ludovicense, bem como espaço disseminador da informação em prol de suas pesquisas. Assim, foi observado se a sociedade ludovicense recorre aos museus para realizar suas pesquisas e adquirir conhecimento, e se reconhecem os mesmos como espaço propagador de conhecimento.

Com isso, o estudo proposto apresenta seções direcionadas as fontes históricas, o patrimônio cultural, panorama histórico de São Luís, Museu Histórico e Artístico do

Maranhão, análise e discussão dos dados. Com isso, pressupõe-se compreender todos os pontos que fundamentam este estudo e alcançar o objetivo em questão.

Espera-se que a referida temática contribua de forma significativa para o fortalecimento e enriquecimento das fontes de informação e diante desta perspectiva objetiva-se permear reflexões em meio à comunidade acadêmica, principalmente aos estudantes de Biblioteconomia, expondo que distintos suportes informacionais podem compor uma relevante fonte de informação, a exemplo a fonte histórica. Nesse contexto, espera-se também demonstrar que os objetos artesanais, artísticos e que relembrem o passado de uma sociedade, os quais formam um museu constituem-se em fontes de informação não convencionais para o âmbito acadêmico, mas mesmo assim possuem informações relevantes e preciosas e, por isso merecem reconhecimento.

Tem-se o propósito também de contribuir para as futuras pesquisas referentes à temática em questão, pois revela o fascinante mundo dos museus e por ele ser uma instituição cultural importante para o contexto da sociedade. Considerando isso, almeja-se colaborar com a sociedade ludovicense para a divulgação desse espaço histórico e internalizar o fato de que os objetos materiais possuem relevância informacional por que eles são frutos da relação de tempo, espaço e sociedade, servindo para enriquecer a cultura e tradição ludovicense.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A perspectiva metodológica adotada para o desenvolvimento deste estudo, mediante os referidos objetivos, constituiu-se em pesquisa exploratória que “[...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema [...]” (GIL, 2002, p. 41) e descritiva que “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...]”. (GIL, 2002, p. 42), visando compreender com mais afinco o foco de estudo. Diante disso, Cervo e Bervian (1996, p. 50) acrescentam que a pesquisa descritiva, “[...] trabalha sobre dados ou fatos colhidos da própria realidade”.

E de acordo com os procedimentos técnicos baseados em Gil (2002) foi utilizada a pesquisa bibliográfica que proporcionou a base teórica formadora deste estudo, pesquisa documental que contribuiu de forma complementar a pesquisa bibliográfica, com o levantamento de artigos e revistas eletrônicas e outros que contribuíram de modo significativo o estudo em destaque. Por conseguinte, teve-se a pesquisa de campo, cujo intuito foi captar por meio da observação e entrevistas, os pontos pertinentes ao estudo, para assim alcançar explicações e interpretações acerca do problema estudado.

Este estudo foi realizado no Museu Histórico e Artístico do Maranhão, que fica localizado na Rua o Sol, 302, bairro Centro, sendo que este museu caracteriza-se por possuir fachada arquitetônica, amplo espaço e exposições que relevam aspectos característicos da cultura ludovicense permeada nos séculos passados. Dessa maneira, teve-se a pretensão de avaliar o nível de relevância do Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM) como patrimônio cultural e fonte histórica para a sociedade ludovicense. Para isso, o universo pesquisado contou com a contribuição de: gestores e funcionários do Museu Histórico e Artístico do Maranhão e estudantes universitários da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) dos seguintes cursos: Biblioteconomia, Ciências Sociais, História e Turismo.

A escolha dos referidos cursos teve como propósito atingir o público que tem mais afinidade com o assunto e perceber no mesmo, o nível de relevância dado ao MHAM. Nessa perspectiva, buscou-se como objetivo alcançar pelo menos uma amostra de 10% dos estudantes matriculados em cada curso citado, e assim, primeiramente foi necessário averiguar nas coordenações de cada curso o número de matriculados, sendo que em Biblioteconomia, obteve-se o número de 255 matriculados, em Ciências Sociais encontrou-se 259 matriculados, História resultou em 404 matriculados e Turismo gerou um resultado de 353 matriculados. Diante disso, obteve-se uma amostra de 127 universitários matriculados.

Para isso foi usado como instrumento de coleta de dados, o questionário (APÊNDICE A), com perguntas fechadas, tendo em vista, que algumas perguntas deram margem ao estudante explicar por que marcou determinada opção, permitindo assim, uma ampla abrangência, o que torna as perguntas uniformes e favorecem contextualização e a tabulação das mesmas. Diante disso, teve-se também como aspecto favorável, a curta duração na aplicação dos questionários, já que favoreceu ambas as partes, pesquisador e pesquisados. Estes questionários foram aplicados no período de junho a julho de 2009, no turno matutino para o curso de Biblioteconomia e no turno vespertino para os cursos de: Ciências Sociais, História e Turismo. No que se refere à escolha dessa amostra pesquisada, foi feita de forma aleatória simples, pois não era possível prever quem seriam os estudantes selecionados.

Para complementar os instrumentos de coleta de dados, foram utilizadas entrevistas estruturadas com os gestores, estagiários e funcionários do Museu (APÊNDICES B, C E D), as quais possibilitaram a coleta de dados subjetivos e a compreensão da realidade. Essas entrevistas foram realizadas no período de maio a junho de 2009 no turno vespertino, tiveram a duração de aproximadamente 45 minutos cada, e devido à objeção dos entrevistados em que o registro das informações fosse gravado, utilizou-se a forma manuscrita de registrar as mesmas e o universo de entrevistas compreendeu o número de seis entrevistados, caracterizados pelas letras A, B, C, D, E e F. Além disso, a aplicação das entrevistas foi de acordo com a disponibilidade de cada entrevistado.

Assim sendo, o estudo envolveu também a pesquisa quantitativa e qualitativa, sendo que a pesquisa qualitativa segundo Richardson (1999, p. 90) é: “[...] caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos”. E a pesquisa quantitativa caracteriza-se por complementar a pesquisa qualitativa, representando de forma tangível e concreta os resultados.

Portanto, visou-se alcançar com esses métodos a resposta para a seguinte problemática “Qual a relevância do Museu Histórico e Artístico do Maranhão para a sociedade ludovicense como patrimônio cultural e fonte histórica?” e desta forma, contribuir para o reconhecimento desse espaço tão rico que por vezes fica a margem da sociedade.

3 REPENSANDO AS FONTES HISTÓRICAS

O século XXI tem proporcionado uma emergente necessidade de informação, permeando um caráter exigente no cotidiano das pessoas, que buscam adquirir conhecimento de modo acelerado. E em meio a tantas tribulações, vivemos preocupados com o presente, o passado e o futuro. No entanto, dentre estes três aspectos temporais, o passado torna-se o mais relevante, pois é através dele que refletimos e entendemos acerca do presente e vislumbramos o futuro.

Para isso, conta-se com a contribuição da História que se constitui em uma relevante ciência que permite que o homem compreenda de modo consciente e participante a forma como os homens que nos antecederam viviam e prever seus pensamentos. Por meio da História também se tem o privilégio de conhecer o desenvolvimento do homem, no que diz respeito, à aquisição de conhecimento, produção de instrumentos e o aprimoramento atribuído aos mesmos até a atualidade.

Segundo Ramalho (2009, não paginado):

[...] É a história que nos ensina como acumulação de conhecimentos e aperfeiçoamento dos instrumentos possibilitaram ao homem adaptar-se ao meio ambiente retirando dele os elementos necessários à alimentação, ao vestuário e à construção de sua habitação. Também é a história que registra e estuda as conquistas do homem e suas realizações nas ciências e nas artes, entre elas a pintura, a arquitetura, música, a dança, o canto.

Nesse sentido, vale ressaltar que os registros históricos proporcionam a percepção de descobertas e experiências vivenciadas pelo homem, permeada pelo desenvolvimento científico, tecnológico, político e cultural, sendo que esses vestígios foram transmitidos de geração a geração. Contudo,

[...] O estudo da história nos auxilia também a refletir sobre o excesso de riquezas de poucos e a miséria da grande maioria da população em sociedades como a brasileira, em que milhões de crianças não podem estudar porque têm de trabalhar e ajudar os pais no sustento da família. (RAMALHO, 2009, não paginado).

Assim sendo, a História tem como princípio primordial apresentar pontos culminantes à reflexão e senso crítico do indivíduo diante de injustiças iguais a estas que fora citada, fazendo com que o mesmo, tenha a possibilidade de conhecer a real situação e o modo de vida de outros indivíduos. E assim, vim a sentir a necessidade de definir uma postura de agente transformador da sociedade, possibilitando que este venha a contribuir de forma positiva para mudanças de situações injustas e deste modo, colaborar com a melhoria e o

bem-estar social. Bem, a História é construída por cada um de nós e não apenas por pessoas que tem algum prestígio, ou pertença à classe alta da sociedade ou de políticos.

Desse modo, a história tem um percurso antigo, pois surgiu na Grécia Antiga, designada com o termo pesquisa, iniciando assim as histórias de Heródoto, considerado o Pai da história, pois foi o primeiro historiador. “[...] Suas *Histórias*, contudo, eram pesquisas, investigações sobre causas do presente, sendo por essa busca que ele se voltou para o passado”. (FUNARI, 2005, p. 82, grifo do autor). Assim, a História baseia-se em estudar o passado para compreender o presente. Outro historiador famoso foi Tucídides, que pertencia a Atenas e escreveu a História das guerras ocorridas em sua época, tendo como autoria a produção “Guerra de Peloponeso”.

Ainda neste século a História tinha a função de relatar o passado e, além disso, direcionar o comportamento dos homens numa dada situação ou momento. Se a História baseia-se em estudar o passado, ela começou a ser construída bem antes, nos primórdios da sociedade, quando os homens ainda viviam em cavernas e deixavam seus registros nas paredes das mesmas.

Alguns autores, dentre estes, Ramalho (2009, não paginado) afirmam que para os historiadores a História começou a partir do surgimento da escrita, excluindo registros históricos da Pré-História. Admiti-se então, que a história também se faz presente na Pré-História, pois pode-se dizer que foi neste período que começou os registros históricos herdados por toda a sociedade.

Em consonância a isso, o desenvolvimento da história das sociedades do ocidente teve sentido por meio dos filósofos, que convencidos de princípios, tiveram como conclusão, que o destino de um povo é presidido pela evolução e pelo avanço do mesmo. Do século XVII ao século XVIII, ocorreram as revoluções liberais que favorecem o capitalismo do comércio e da indústria em alguns países, dentre estes se tem a França e a Inglaterra e também o continente norte-americano.

Diante disso, surgiram as classes operárias, as quais sensibilizaram Karl Marx, que defendia que a estrutura econômica é à base da sociedade, e essa doutrina deu sentido a História referente às lutas sociais dominantes e dominadas que se opunha ao liberalismo. De acordo com isso, as ciências Economia e Sociologia tiveram seus estudos desenvolvidos referentes a interpretar as fontes, perpassando também pela Política e atuações de personagens.

Assim sendo, no século XIX, a História surge como disciplina acadêmica com gênero literário e caráter moralista e teológico, em virtude da tradição cristã, tornando assim a mesma em alguns aspectos distante de sua origem greco-romana. E a partir de então, foram

traçados os aspectos metodológicos, os quais priorizaram a legitimidade dos documentos e dessa forma, reconstitui os fatos passados encadeados em causa e efeito. Ainda no século XIX, a historiografia da França, a qual possuía relevância para o Brasil, continha na área de História uma política de produções de caráter sólido, advinda de pensamentos científicos que eram distintos da Filosofia da História.

A partir disso, segundo Funari (2005) surgiu a obra a **Revue Historique** com a direção de Gabriel Monod e G. Fragniez em 1876 e a publicação **Introdução aos Estudos Históricos** de Charles V. Langlois. Anos mais tarde, os historiadores ressaltaram que a História necessitava de interferências geográficas relacionadas às inter-relações culturais e modos de vida, resultando na **Síntese Histórica** de Her Berr. No século XX, foi publicado o livro **La Terre et L'Evolution Humaine** de Lucien Febvre que abrangeu o universo das fontes. E depois da Primeira Guerra Mundial ocorreram muitas mudanças e mediante isso, os historiadores também se voltaram para as transformações e conflitos sociais. Em prol do desenvolvimento, um grupo de historiadores da França que faziam parte da Revista **Annales d'histoire économique et sociale**, retomam aspectos da **Revue Syntèse Historique** e contrapõem o modo cientificista e declaravam a história sob o aspecto subjetivo.

Com esse aspecto subjetivo, a História apresentava que “[...] as fontes deveriam ser buscadas e interpretadas segundo as hipóteses que partiam do historiador. Todas as atividades humanas deveriam ser consideradas com a mesma importância”. (JANOTTI, 2005, p. 13). Dessa forma, considera-se de grande relevância as obras criadas em meio ao desenvolvimento da História, pois elas contribuíram com o progresso e interdisciplinaridade desta ciência, percebe-se também que neste período as fontes que asseguravam as informações necessárias para definir algum aspecto histórico, dispunham do relevante contexto das atividades humanas, bem como, o valor que também é dada nos dias de hoje ao contexto histórico.

Então, como se pode perceber para que a História seja analisada e disponha de interpretações, os historiadores utilizavam e utilizam as fontes históricas. Portanto, entende-se como fontes históricas os diversos documentos, que abrangem tanto materiais escritos (oficial, literário, jornalístico, dentre outros) como manifestações artísticas referentes à pintura, música, escultura, cinema, fotografias, dentre outros. Para Petta e Ojeda (1999, p. 2) “tudo o que nos permite perceber alguma coisa a respeito das pessoas que produziram o material torna-se um documento histórico. Até memória das pessoas é documento histórico!”.

Percebe-se assim, que estudar o passado não é uma atividade direta e sim intercedida por meio de vestígios humanos nomeados de fontes históricas, que envolvem

registros humanos que retratem a memória, experiências e vivências passadas de um povo. Então a história humana perpassa pelos desenhos em cavernas, sendo estes vestígios históricos que revelam os feitos, a cultura e identidade de uma sociedade em outra época. Durante anos, as comunidades antigas foram deixando indícios que deram margem a estudiosos, apontarem hipóteses que demonstrassem os distintos modos de vida.

Assim, Janotti (2005, p. 10) relata que:

[...] surgiram sociedades complexas, como as do Oriente antigo, e com elas a instituição da propriedade privada, do comércio, de religiões, de cidades, de estados e impérios que geraram novas configurações de registros, destacando-se entre elas a invenção da escrita, responsável pela produção documental dos períodos históricos subseqüentes, constituindo-se nas fontes mais valorizadas pelos pesquisadores até meados do século XX.

A partir de então, os registros históricos transportaram-se das paredes das cavernas e passaram a inseri-se nos documentos escritos e em outras formas de manifestações. De acordo com isso, Ramalho (2009, não paginado, grifo do autor) diz que as fontes históricas encontram-se divididas em:

Restos arqueológicos (esculturas, desenhos, cerâmicas, utensílios domésticos, de caça, de pesca e armas utilizadas na guerra, entre outros);
Monumentos (pirâmides, túmulos, templos e arquitetura em geral);
Documentos escritos (inscrições, manuscritos, jornais, livros, contratos, certidões de nascimento);
 Outros documentos (vídeo, fotos, filmes, máquinas, armas, ferramentas).

A partir disso, nota-se que as fontes históricas estão presentes em vários artefatos e que há um destaque relevante às fontes que proporcionarem uma quantidade significativa de informações acerca de outrora. Nesse sentido, a escrita torna-se essencial para que os aspectos históricos de uma sociedade sejam conhecidos. Assim sendo, as fontes históricas são de grande valia para que a História seja desvendada, garantindo as gerações, conhecer o seu passado que configura a memória, cultura e identidade que contribuem para sua formação.

Para um melhor esclarecimento, Castelli Júnior ([200_?], não paginado) diz que as fontes históricas são: “[...] aqueles vestígios deixados pelo homem que permitem datar e compreender os acontecimentos de outrora”. E sua função principal é tornar conhecido à história, cultura, episódios experimentados pelas sociedades passadas. Dessa forma, o homem à medida que vivencia o cotidiano, deixa para as gerações seus vestígios, a fim de informar sobre algum aspecto característico da época que ele está vivenciando.

No entanto, Kursch ([200_?], não paginado, grifo do autor) ressalta que: “[...] A fonte histórica [...] não pode ser considerada uma verdade absoluta. Ela é apenas mais UMA

das verdades, pois está sujeita a época em que foi produzida, por quem foi produzida e com que objetivo foi produzido”. Assim, é necessário que os historiadores selecionem informações e tenham um posicionamento crítico, a fim de garantir a autenticidade e o valor do documento para perpetuar a História.

Logo, “Estas fontes são particularmente importantes no estudo da história dos povos primitivos”. (DIAS, [200_?], não paginado). A isso, acrescenta-se que não só no estudo da história de povos primitivos, mas no estudo de toda a humanidade. Portanto, a historicidade encontra-se na forma que os historiadores conhecem o fato e a partir daí são convidados a viajar pelo passado, trabalhando com ele por meio das fontes históricas, a exemplo, tem-se a Bíblia que permitiu uma viagem pelo passado, a fim de conhecermos nossa origem a luz dos fatos religiosos, baseados na fé cristã. Percebe-se então, que as fontes históricas que articulam a identificação de um fato considerado relevante para a História, são significativas para o crescente desenvolvimento do ser humano, bem como, a categoria patrimônio cultural, assunto tratado a seguir.

4 PATRIMÔNIO CULTURAL

Os bens culturais que tornam singular a identidade, memória e percurso histórico dos países, dos estados e das cidades, podem ser definidos como uma fonte primária, pois se constituem como primeiro enfoque para o resgate de uma informação. Sendo assim, gera uma comunicação entre o indivíduo e os chamados patrimônios culturais de uma sociedade, visto que, possuem aspectos fundamentais para a preservação e conservação da memória cultural, tornando-se a ponte que leva o indivíduo a encontrar e fundamentar por meio de vestígios históricos as origens de sua herança cultural, identidade e cidadania.

No entanto, antes de entender os conceitos atribuídos a categoria patrimônio cultural, torna-se necessário compreender o que significa a palavra patrimônio para o âmbito social. Nesse sentido, Machado (apud TEIXEIRA, 2008, p. 201, grifo do autor) afirma que patrimônio é: “[...] conjunto de bens pertencentes ao *pater*, no sentido de herança, legado, ou seja, aquilo que o pai deixa para os filhos”. Em complemento a este conceito, Teixeira (2008, p. 201) diz que “[...] patrimônio [é] o conjunto de bens de uma escola, associação, empresa ou de pessoas em geral”.

Mediante esse contexto, tem-se que o termo patrimônio possui origem latina e o radical **pater** significa pai e associa-se ao conceito anterior abordado por Machado. Portanto, o patrimônio relaciona-se também as manifestações culturais que enriquecem a tradição social, enfatizando desta forma, a tradição brasileira. Assim, percebe-se que o conceito de patrimônio é múltiplo e plural, sendo definido como herança que pode ser passada de geração a geração, semelhante a uma herança de pai que é deixada aos cuidados dos filhos e cabe a estes conservar e preservar este legado.

Considera-se que assim como, nossos antepassados deixaram esses bens culturais denominados de patrimônio para lembrar nosso contexto histórico, nós enquanto construtores da história, também deixaremos indícios para as gerações futuras. O outro conceito refere-se à questão de bens financeiros pessoais ou institucionais, tendo como exemplo: cadeiras, mesas, computadores, dentre outros tipos de materiais que possuem valor monetário.

Deste modo, nota-se que o patrimônio compara-se as fontes históricas, e que o mesmo é fundamental para o homem, pois demonstra a relevante valorização cultural dos países e em especial do Brasil e, além disso, fortalece a autoconfiança dos indivíduos. Outro papel importante dos patrimônios é o fato de difundirem a complexidade e a singularidade

atribuída à tradição construída pelas comunidades que nos antecederam. Dessa maneira, Rodrigues (2007, p. 16) ressalta que:

[...] No século XVIII quando, na França, o poder público começou a tomar as primeiras medidas de proteção aos monumentos de valor para a história das nações, o uso de “patrimônio” estendeu-se para os bens protegidos por lei e pela ação de órgãos especialmente constituídos, nomeado o conjunto de bens culturais de uma nação.

Diante disso, observa-se que desde tempos remotos o patrimônio foi reconhecido como algo importante para o indivíduo, sendo respaldado por meio de uma legislação que protege os bens culturais. Logo, no século XIX, houve uma intensiva criação de patrimônios nacionais, os quais se tornaram uma comum referência às pessoas que compartilham do mesmo território.

Tornando, a língua, as tradições, as memórias individuais e coletivas e a história única para os indivíduos de um mesmo local de origem. Assim sendo, Rodrigues (2007, p. 16) aborda que: “[...] o patrimônio passou a constituir uma coleção simbólica unificadora, que procurava dar base cultural idêntica a todos, embora os grupos sociais e étnicos presentes em um mesmo território fossem diversos”.

Deste modo, o patrimônio representa o passado, o presente e o futuro de um povo, construindo o homem e sendo construído por ele. Então, enfatiza-se que o patrimônio compreende paisagens naturais, monumentos arquitetônicos, tradições, aspectos gastronômicos, manifestações artísticas, documentos escritos e artefatos arqueológicos e outros materiais e expressões culturais que possam representar esta categoria.

4.1 Contexto histórico

O patrimônio encontra-se geralmente apresentado na forma de patrimônio histórico, patrimônio ambiental e patrimônio cultural. Nessa perspectiva, vale ressaltar que o estudo dará ênfase somente ao patrimônio cultural. Nesse sentido, resalta-se que, “a partir do final da década de 1970, verificou-se a valorização do patrimônio cultural como um fator de memória das sociedades”. (RODRIGUES, 2007, p. 17). Com isso, enfatiza-se que o patrimônio cultural refleti lembranças do passado e, além disso, permite que o indivíduo perceba que partilha de um mesmo espaço com outros indivíduos, tendo como singular a cultura e aspectos comuns que dão sentido a um povo, gerando a memória e identidade coletiva.

Em 1930, desenvolveu-se no Brasil uma prática referente à preservação e conservação do patrimônio e isso se relaciona como o modo que percebemos nossa herança cultural e atribuímos o significado de memória cultural. Essa relevância e compreensão dada ao patrimônio de maneira tardia no Brasil são decorrentes de fatores relacionados à concepção de cultura e história, não valor cultural ao trabalho e os objetos eram pertinentes à colonização e classe de proprietários.

Dessa maneira, Rodrigues (2007, p. 17) ressalta que: “[...] é de todo compreensível a distância entre patrimônio cultural e a maioria da população brasileira, uma vez que essa não reconhecia nele nada seu”. Sendo que, essa falta de reconhecimento por parte da população brasileira perdurou algumas décadas, no entanto, na década de 80, passou a ser percebido em cada brasileiro a função de construtor histórico e social. A partir de então, pesquisas, pessoas e fatos históricos que revelem o passado, dantes desconhecidos, são valorizados e registrados para a perpetuação da identidade e memória cultural de um povo. Assim, nesse período, o patrimônio era definido da seguinte forma:

[...] um lugar de memória social, propiciando a inclusão de bens materiais, como fábricas e residências operárias, antes impossível no conjunto de bens tombados, eleitos [...] por critérios que, no caso das edificações, consideravam apenas a excepcionalidade material e o valor histórico, este ainda baseado no que a História registrara a respeito dos grandes personagens e grande fatos nacionais. (RODRIGUES, 2007, p. 18).

Nessa perspectiva, o patrimônio apresentava-se como elemento fundamental para o desenvolvimento da memória social, política e cultural de uma sociedade, sendo alvo de uma subversão entre a imagem simbólica e o homem. Em se tratando de memória social, enfoca-se o fato da mesma condiciona a construção da história sob os aspectos mutáveis, políticos e o exercício dos direitos, evidenciando o valor que a sociedade oferece ao passado. Logo, pode-se dizer que a memória social será mais relevante quando refletir mais a vivência dos movimentos sociais e quando promover mobilidade aos sentimentos do homem, fazendo com que este tenha de modo particular, determinadas lembranças.

Então por meio desse sentimento despertado e confirmado pela sensação, há uma plena construção do passado. Nessa perspectiva, espera-se recordar sentimentos e sensações vivenciadas, promovendo o encontro entre a memória individual e coletiva. Nesse sentido, por meio da memória o homem tem a possibilidade de comparar o passado com o presente, refletir acerca destes dois tempos tão relevantes para seu desenvolvimento, formação e compreensão como ser social, que compartilha heranças advindas de um passado distante ou próximo e é construído culturalmente e politicamente. Nesse aspecto, resgata-se que em 1967 o Brasil participou de um encontro no Equador realizado pelo Departamento de Assuntos

Culturais da Organização dos Estados Americanos (OEA) e esse encontro teve como produto a Carta de Quito, que segundo Rodrigues (2007, p. 18): “[...] recomendava que os projetos de valorização do patrimônio fizessem parte dos planos de desenvolvimento nacional e fossem realizados simultaneamente com o equipamento turístico das regiões envolvidas”.

Dessa maneira, o patrimônio adotava valor turístico e apresentava-se de forma eficaz em outros países, uma vez que, manipulava a natureza simbólica que respaldava o civismo. Diante do contexto histórico pelo qual perpassa a categoria patrimônio, tem-se que a chegada da família real ao Brasil no ano de 1808 que proporcionou a instituição de espaços memoriais, com intuito de resgatar marcos históricos nacionais, a exemplo destes espaços culturais destaca-se a Biblioteca Nacional e o Museu Nacional. (RODRIGUES, 2007, p. 19)

Nessa perspectiva, tanto a Biblioteca Nacional quanto o Museu Nacional tinham a finalidade de reforçar o reconhecimento do Brasil como nação depois de sua independência. Nessa proporção, em 1838 foram criados o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o arquivo que possuíam como responsabilidade, construir a História e manter a memória nacional. Entretanto, o Brasil só demonstrou realmente uma preocupação com o patrimônio histórico e arquitetônico nacional a partir do ano de 1910, tendo como cenário uma crise política e de identidade nacional. Além disso, preocupações eram atribuídas à preservação cultural brasileira tinha como fatores o nacionalismo crescente, o desenvolvimento de cidades e o valor conferido a arte sacra diante do mercado nacional. (RODRIGUES, 2007, p. 19)

Sendo assim, pode-se dizer que este cenário se constituiu em rico e promissor para o desenvolvimento de leis e órgãos que garantissem a preservação e conservação de bens culturais nacionais. Então, os intelectuais da escola modernista, no intuito de promover o conhecimento, a compreensão e recriação histórica do Brasil, reforçaram as idéias de proteção e conservação do patrimônio. Essa proteção foi efetivada na era de Getúlio Vargas. Pois, de acordo com Rodrigues (2007, p. 20) “em 30 de novembro de 1937, Vargas assinou o Decreto-lei nº. 25, que teve por base um anteprojeto de Mário de Andrade, criando o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), primeiro órgão federal dedicado à preservação”.

Depois passou a ser denominado de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A partir de então os bens móveis e imóveis considerados patrimônios por refletirem o interesse público e resgatarem a memória brasileira, eram tombados, ou seja, inscritos no livro de tomo referente ao tipo de bem cultural, esse processo era feito para provar o reconhecimento público e impedir que este bem fosse destruído. Vale ressaltar que este processo é realizado ainda nos dias de hoje, tendo em vista as mesmas razões que deram

início ao mesmo. Assim o referido órgão tem estabilizado a adoção do patrimônio cultural em meio à sociedade que o configura, diante disso, Casco (apud TEIXEIRA, 2008, 199-200) enfatiza que as seguintes frentes de atuação inseridas como pontos de partida para o desenvolvimento desse órgão são:

1. Valorizar a diversidade da base social na qual o patrimônio é constituído e reconhecido;
2. Reconhecer, preservar e difundir as referências culturais brasileiras em sua heterogeneidade e complexidade e considerando os valores singulares, sentidos atribuídos e modos de transmissão elaborados pela sociedade;
3. Permitir ao acesso de todos aos direitos e benefícios gerados por uma política compartilhada e participativa de preservação do patrimônio cultural;
4. Promover a apropriação simbólica e o uso sustentável dos recursos patrimoniais com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento econômico, social e cultural;
5. Valorizar os acervos documentais como fonte de conhecimento para o desenvolvimento das ações de preservação;
6. Atualizar e desenvolver, em parceria com a sociedade, as políticas, mecanismos e procedimentos de preservação;
7. Promover e estimular a transmissão do patrimônio cultural e da memória social a gerações futuras.

Com isso, o IPHAN tenta estimular a consciência da sociedade em prol da relevância do patrimônio como bem cultural estimulador da memória e identidade do homem. No entanto, mesmo com este reconhecimento e valor dado pela sociedade ao bem cultural, autores como Rodrigues (2007) afirma que o poder público ofereceu poucos incentivos a conservação e preservação dos mesmos, e este descaso tinha como argumento e justificativa o fato de que esta manutenção requeria altos custos. E em reflexo a este pensar, houve poucas leis de preservação de bens culturais. E paralelo a isso, houve também um exorbitante crescimento no número de bens considerados patrimônios, bem como, um crescimento a preocupação pública em relação a estes bens, pois a sociedade percebia que não havia uma ampliação, no que diz respeito, as formas de lei que favorecessem a proteção destes bens.

Após alguns anos, em destaque o ano de 1968, as atividades referentes à proteção do patrimônio nacional passaram a serem asseguradas por meio da promoção do concurso realizado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat). (RODRIGUES, 2007). Pois no ano anterior, houve uma reforma administrativa, a qual uniu atividades referentes ao turismo, cultura e esporte, tendo em vista, melhorar a coordenação destas atividades. Mediante isso, surgiu a Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, a qual se tornou dependente da Condephaat. Nesse contexto, Rodrigues (2007, p. 21-22) enfatiza que:

[...] Em 1970, os governadores, prefeitos e representantes de instituições culturais presentes a um encontro promovido pelo Ministério de Educação e Cultura, na capital do país, assinaram o Compromisso de Brasília, no qual reconheciam a

necessidade de ações complementares à do órgão federal, para a proteção do patrimônio e também recomendavam a proteção da natureza.

Esse compromisso firmado, a partir do encontro em Brasília, entre os representantes tanto do poder público quanto de instituições culturais, constituiu-se como promissor e significativo para o desenvolvimento do patrimônio. Pois o mesmo foi reconhecido como relevante para a construção histórica nacional e tendo em vista isso, ações foram firmadas para a proteção desses bens culturais e incluso a isso, tinha-se a proteção da natureza.

Nessa perspectiva, foi criado no ano de 1975 o Programa de Reconstrução das Cidades Históricas, cujo objetivo era expandir os cuidados do governo federal como os patrimônios imóveis. (RODRIGUES, 2007, p. 22). E esse programa teve também como finalidade, estabelecer um crédito destinado à conservação, proteção e restauração dos referidos patrimônios, assim como, formar mão-de-obra especializada na atividade de restauração. Dessa maneira, ressalta-se que em decorrência deste programa essas edificações antigas tornaram-se também hospedarias.

Assim, Carta de Nara do ano de 1994 (apud ZANIRATO; RIBEIRO, 2006, não paginado) cita que: “[...] o juízo sobre os valores atribuídos ao patrimônio cultural, além de depender de credibilidade das fontes de informação, difere de cultura em cultura e deve ser formulado dentro de cada âmbito cultural”.

A partir de então, houve uma crescente relevância por parte do poder público em relação ao patrimônio, pois este passou a ser reconhecimento por seu valor cultural e, sobretudo em relação também ao seu valor mercadológico, uma vez que, notou-se que o consumo cultural era promissor financeiramente para o estado ou país. Assim sendo, a sociedade passou a perceber que a qualidade de vida é fruto do valor atribuído ao patrimônio.

4.2 Conceito

O patrimônio cultural constitui-se na compreensão refletida por cada época acerca de alguma coisa e esta compreensão é alvo de modificações mediante a situação. Desse modo, ressalta-se que geralmente associamos o patrimônio cultural com imóveis antigos, entretanto quando o conhecimento nos é atribuído reconhecemos que o mesmo encontra-se configurado num amplo rol de bens móveis e imóveis com variados aspectos característicos. Assim, Miranda (c2004, não paginado) diz que:

[...] a Constituição estabelece que: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleológico, ecológico e científico.

Nesse sentido, percebe-se então o amplo universo que abrange o patrimônio cultural, pois contempla todos os objetos que fazem alusão à memória e a identidade social. Sendo uma das expressões culturais que constroem a sociedades e em particular a sociedade brasileira e compreende aspectos que enfatizem essa categoria. Em consonância ao referido conceito, Piletti e Piletti (2002, p. 167) enfatiza que patrimônio cultural consiste na “[...] herança cultural de um povo, comunidade, país. Refere-se a usos e costumes, músicas, conhecimentos, peças de teatro, obras de arte, ferramentas [...]”.

Nessa perspectiva, nota-se que este conceito é um complemento ao conceito anterior, visto que, se assemelha a este nos pontos essenciais referentes ao patrimônio cultural. E, além disso, completa enfatizando o fato de que esta categoria tem o propósito de tornar o homem um ser consciente de si mesmo e do mundo que o rodeia. Dessa forma, observa-se que o patrimônio cultural defini-se também como bens culturais, de um específico grupo, adquiridos a partir da herança de seus predecessores, refletindo um aspecto positivo.

De acordo com os conceitos anteriores, a Carta do México em Defesa do Patrimônio Cultural (apud KERRIOU, 1992, p. 89) aborda que: “identificamos o Patrimônio Cultural de um país o conjunto dos produtos artísticos, artesanais e técnicos, das expressões literárias, lingüísticas e musicais, dos usos e costumes de todos os povos e grupos étnicos, do passado e do presente”.

De um ponto de vista mercadológico e turístico, enfatiza-se segundo Kerriou (1992) que o patrimônio cultural pode ser visto como produto exótico e peculiar de uma sociedade, sendo produzido por vários grupos sociais que admitem a transcendência deste produto como importante e necessário para o resgate da tradição, costume, memória histórica e cultura de um determinado local.

Portanto entende-se por patrimônio cultural, todos os elementos que representem a cultura de um país, estado e cidade, incluindo símbolos, objetos materiais, imateriais, dentre outras determinações. Sendo um respaldo significativo para preservação da memória e identidade do homem.

4.3 Função

O patrimônio cultural constitui-se numa relevante representação das manifestações e aspectos culturais do passado de uma sociedade, os quais representam à memória e a identidade da mesma. No entanto, há dois aspectos em meio a essa finalidade que refletem duas realidades, ou mesmo duas funções para esta categoria. A primeira configura o patrimônio como mercadoria cultural, visão atribuída pelo poder público, e a segunda destaca a imagem do patrimônio como forma de qualidade de vida, aspecto dado pela sociedade que valoriza e considera o mesmo, a identidade e singularidade de um povo.

Nessa perspectiva, Rodrigues (2007, p. 22) afirma que: “[...] o patrimônio no Brasil oscila entre tornar-se um cenário teatralizado, como o Pelourinho, na Bahia ou mal conservado, situação cujos exemplos são numerosos [...]”. Percebe-se então, que em meio a esta categoria cultural permeia um contraste, referente à imagem teatral que o patrimônio por vezes reflete. Tendo nesse sentido, um atrativo turístico voltado para a função mercadológica. Em contraposição a isso, se tem a não conservação de alguns imóveis considerados bens culturais e memoriais.

Assim, nota-se que o poder público ainda não internalizou com afinco, o fato de que o patrimônio é parte essencial da construção histórica da sociedade. Em consonância a isso, é enfatizado o fato de que esse bem cultural como objeto de políticas pode ser uma solução para a problemática social e cultural que aflige o Brasil. Dessa maneira, o turismo ainda não se encontra atendido de forma suficiente pelos patrimônios nacionais, devido a uma série de problemas relacionados ao tímido reconhecimento desses bens culturais por parte do poder público e da sociedade, o lento processo de formulações de políticas que favoreçam essa categoria, o financiamento insuficiente para manutenção e conservação desses imóveis e móveis tombados, dentre outros.

Para reverter à problemática entre a indústria turística e os patrimônios nacionais, conta-se com as chamadas cidades históricas, que são consideradas um evento particular referente ao turismo patrimonial. E essas cidades a partir de 1972 foram denominadas patrimônios da humanidade pela UNESCO, bem como, a divulgação das mesmas, tornando-se um benefício à atividade turística. Diante disso, Rodrigues (2007, p. 23) relata que:

[...] em setembro de 1998, por ocasião do cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem, um órgão da Unesco, o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (Icomos), divulgara um documento no qual reafirmava o direito ao patrimônio cultural como parte integrante dos direitos humanos. Todo homem tem direito ao respeito aos testemunhos autênticos que expressam sua identidade cultural no conjunto da grande família humana; tem direito de a conhecer

seu patrimônio e o dos outros; tem o direito de participar das decisões que afetam o patrimônio e os valores culturais nele representados; e tem direito de se associar para a defesa e pela valorização do patrimônio.

Observa-se a relevância que esse documento teve em relação à identidade cultural do homem, visto que o mesmo tem por estímulo o interesse e a arte de conhecer seu patrimônio e o patrimônio de outros países, para assim conhecer a si mesmo e o outro no cenário cultural que se encontra inserido, o mundo. De acordo com isso, o patrimônio cultural segundo Rodrigues (2007, p. 24) constitui-se em “[...] ser suporte de identidades e a de ser fonte de divisas”, oscila entre duas vertentes, onde a primeira constitui-se em identidade cultural e a segunda em aproveitamento turístico, aspectos aparentemente contraditórios, os quais permeiam o desenvolvimento e a preservação de bens culturais. Sendo assim, nota-se a necessidade de perceber a relevância de cada um e equilibrar suas funções diante do patrimônio cultural.

Dessa forma, percebemos o quanto é significativo à preservação da memória, onde o homem constitui-se numa peça essencial que contribui para a perpetuação da mesma. Todavia, essa mesma sociedade moderna isola os idosos, os quais possuem experiência de vida e um rico contexto histórico por meio da oralidade. Contrário a isso, nos grupos indígenas o idoso é respeitado como a pessoa que possui e mantém a memória, sendo assim o responsável pela disseminação da cultura que envolve a etnia indígena, revelando a experiência existente nessas sábias pessoas.

Diante disso, Canclini (apud KERRIOU, 1992, p. 94) afirma que: “a cultura é completamente dinâmica e vai se modificando no processo histórico dos grupos sociais. O nativo vai incorporando elementos das culturas de fora e, com isso, vai se dando [...] a formação de culturas híbridas [...]”.

Assim, é formada a relevância do patrimônio cultural, sendo necessário que os órgãos competentes tenham cuidado com as pessoas que são contratadas para preservarem esta categoria, pois a mesma é de propriedade de todos e identifica a singularidade de um povo e a coletividade histórica. Desse modo, ressalta-se que o homem, na qualidade de agente construtor da história, encontra-se comprometido com a tarefa de preservar o patrimônio cultural, assim como, não permitir que bens patrimoniais sejam perdidos.

Com isso, Kerriou (1992, p. 91) relata que: “[...] o Patrimônio Cultural se encontra sob a custódia do Estado e é este que dita [...]”. Essa custódia possui pontos positivos e negativos. O ponto positivo refere-se ao fato de que este patrimônio torna-se acessível e público a sociedade que esta inserida, dentre outros aspectos. Diante do ponto

negativo enfatiza-se o descaso que ocorre por vezes da parte do poder público em conservar e preservar o patrimônio cultural, dentre outras questões.

Mediante essa perspectiva, esta categoria possui a relevância de relacionar-se aos significados econômicos, sociais, culturais e políticos, pois respalda o desenvolvimento destes aspectos e proporciona o acesso específico à cultura. Sendo assim, tem o intuito de sociabilizar o homem no âmbito que se encontra inserido, fazendo este reconhecer seu espaço e apontando os aspectos comuns que distinguem uma sociedade de outra. Deste modo, pode-se dizer que esta categoria possui significância, pois identifica, protege e valoriza a natureza, cultura, história e memória de um povo, pois se constitui de acordo com o cenário em que se encontra desenvolvido. Portanto, vale ressaltar que o estudo possui como cenário principal para as fontes históricas e patrimônio cultural a cidade de São Luís do Maranhão, fonte de encanto e belezas naturais dos ludovicenses.

5 PANORAMA HISTÓRICO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO

São Luís do Maranhão tem a denominação de Ilha do Amor pelas eternas poesias que louvavam a cidade e pela característica romântica atribuída a mesma, Patrimônio Cultural da Humanidade pelo riquíssimo conjunto arquitetônico e cultural e em outrora se denominava de Atenas Brasileira pela grande produção literária e efervescência cultural. Também recebeu os epítetos de: Jamaica Brasileira por adotar o reggae como ritmo musical desde os anos 70 aos dias atuais e de Cidade dos Azulejos pela intensa concentração de azulejos nas fachadas dos casarões advinda da Europa. Diante do contexto histórico, aponta-se o fato de que o Maranhão nasceu a partir da divisão das capitânicas hereditárias em quinze lotes pelo D. João III, rei de Portugal.

Dessa forma, em 1500, os espanhóis chegaram à capitania do Maranhão, sendo considerados os primeiros a adentrarem as terras maranhenses. No entanto, apenas em 1535, foram os portugueses, os primeiros a tentar ocupar a referida capitania, sendo que esta missão fracassou. (HISTÓRIA..., [200_?], não paginado). Ressalta-se que, os primeiros habitantes da cidade encontrados pelos europeus foram os Tupinambás.

Esse Estado era composto por dois lotes e teve sua colonização tardia, devido seus donatários terem encontrado dificuldades para chegarem ao mesmo. Assim, Nascimento (2001, p. 68) descreve que “São Luís foi fundada em 1612 por franceses, mas foi colonizada por portugueses. Originou-se da construção do forte de São Luís, na entrada da baía de São Marcos, na desembocadura dos rios Anil e Bacanga, onde hoje está o Palácio dos Leões”. Complementando essa afirmação, Ferreira Júnior (2006, p. 11) relata que “São Luís, a capital do Maranhão, [foi] fundada em 8 de setembro de 1612 [...]”.

Os franceses originavam-se das cidades de Cancale e Saint-Mailo e sob o comando de Daniel de La Touche fundaram o forte de São Luís, que foi assim denominado devido às homenagens prestadas ao patrono Luís IX e ao rei Luís XIII da França. Assim a cidade de São Luís foi edificada no cabeceira da Baía de São Marcos.

Nesse sentido, Meireles (2008, p. 34) enfatiza que “quando os franceses chegaram a Upaon-Açu, a hoje chamada ilha de São Luís [...] encontraram-na habitada pelos marañaguas [...] que, conforme tudo leva a crer, eram tupinambás chegados do sul”. Ressalta-se que a denominação Upaon-Açu, que significa Ilha Grande, foi dada pelos tupinambás à cidade de São Luís antes dos franceses chegarem, pois a consideravam uma aldeia.

A partir de então, os franceses instituíram a França Equinocial e formaram uma aliança com os Tupinambás de forma que fosse estabelecida uma relação cordial entre eles, cujo interesse estava voltado à fundação do forte, das moradias e da fixação da cruz. E como o território maranhense era visado pelos portugueses, houve momentos de lutas e de tréguas entre esses dois povos até 1615, onde os franceses contavam com a fidelidade dos Tupinambás na luta contra os portugueses a partir deste ano os portugueses recuperaram de forma definitiva a capitania. A partir de então, no ano de 1621, foi estabelecido o estado do Maranhão com intuito de condicionar de uma melhor forma a defesa da Costa e as relações entre as colônias. (HISTÓRIA..., [200_?], não paginado).

Nessa perspectiva, os portugueses começaram a se interessar pelo Maranhão e em razão desse interesse e posterior apropriação de terras, os franceses que tinham se estabilizado e instituído a colônia francesa aqui, foram expulsos. Mesmo com a expulsão dos franceses, o nome Saint Louis dada pelos mesmos a então cidade de São Luís foi conservado pelos portugueses.

Dessa forma, os portugueses passaram a colonizar o Maranhão, começando pelo litoral, cuja economia implantada foi respaldada pela plantação de cana-de-açúcar e por diante de algodão. E como consequência dessa ocupação portuguesa, os índios Tupinambás, primeiros habitantes deste Estado e conseqüentemente de São Luís, foram afastados para a área interiorana do Estado do Maranhão.

Em meio ao desenvolvimento da cidade de São Luís, tem-se que em 1677 ela recebeu o título de cidade por um decreto expedido pelo papa, pois antes era considerada apenas uma vila. No que se refere à economia do século XVII baseava-se no açúcar, cravo, canela, dentre outras especiarias. Entretanto, o avanço econômico se deu a partir de 1755 com criação da Companhia do Comércio Grão Pará e Maranhão e a partir daí começou a ser utilizada a mão-de-obra escrava. (PEREIRA, 2001, p. 20). O arroz e o algodão construíram o referido século e somaram-se ao açúcar, formando os produtos acedentes do século XIX. Entretanto, “[...] Com a abolição da escravatura, a 13 de maio de 1888, o estado enfrentou um período de decadência econômica, do qual viria a se recuperar no final da primeira década do século XX, quando teve início o processo de industrialização, a partir da produção têxtil”. (HISTÓRIA..., [200_?], não paginado).

Ainda no século XIX para o desenvolvimento estrutural e ornamentação da parte interna e externa das moradias, Silva (apud PEREIRA, 2001, p. 20) descreve que:

[...] surgia a cantaria, o calcário, mármore ou pedra de lioz, as grades de ferro fundido geralmente decoradas com Guirlandas e flarões para serem colocados nos

portões, nas cancelas da porta principal e nas janelas do térreo. As bandeiras com vidros coloridos ou incolores em Vernizadas, almofadas e com treliço na complementação dos balcões, ocorrências de suporte de ferro para candeiras que embelezavam formando as partes história de São Luís.

Percebe-se que esses elementos materiais surgidos no século XIX foram reconhecidos como peculiaridades de São Luís, pois contribuíram para configuração da característica local até os dias de hoje. Sendo partes essenciais que contam e recontam a história da formação e desenvolvimento da sociedade ludovicense. Além disso, houve também neste mesmo século, o desenvolvimento urbano com a pavimentação de ruas, criação de jardins, lugares arborizados, cuidados com lagos e fontes, pois se tinha o expressivo propósito de ornamentar e embelezar a cidade.

Com a recuperação do estado, o século XX foi cenário de duas migrações relacionadas aos povos sírio-libaneses e cearenses, os quais contribuíram com o comércio, a agricultura com ênfase na lavoura de arroz, fazendo com que a produção maranhense desenvolvesse. Com o crescente desenvolvimento da cidade e do número de habitantes a cidade de São Luís “[...] compõe-se de aproximadamente 53% de mulheres e 47 % de homens. A economia local baseia-se primordialmente na indústria de transformação de minérios e no comércio”. (HISTÓRIA..., [200_?], não paginado)

Em consonância a esse contexto, Macedo ([200_?], não paginado) enfatiza que:

A Ilha de São Luís é a única cidade brasileira fundada pelos franceses, sob o comando de Daniel de La Touche, e até hoje possui o maior e mais homogêneo conjunto arquitetônico colonial de origem portuguesa. As influências do burgo, tipicamente lusitanas, em sua colonização originaram uma cultura diversificada, sendo influenciada também por negros, indígenas, a qual é enfatizada nas tradições folclóricas, nas lendas, nos mitos e no sincretismo religioso perpassando gerações.

De acordo com isso, Amaral (2003, p. 39) diz que: “A cidade de São Luís capital do Estado do Maranhão, é uma cidade absolutamente francesa, ocupando ainda hoje, o mesmo lugar escolhido por seus franceses”.

Percebe-se então, a grandeza de nossa tradição cultural que apresenta um rico e diversificado contexto de registros e representações culturais, as quais contêm aspectos franceses, portugueses, holandeses, burgueses, negros e indígenas que contribuíram e ainda contribuem para a formação e desenvolvimento da sociedade maranhense, proporcionando o cenário arquitetônico existente, o folclore, as lendas, mitos, dentre outras manifestações. E essa tradição foi preservada de geração a geração, sendo alvo de nossa memória e identidade, pois forma nossa singularidade e permite que sejamos reconhecidos por pessoas de outros estados ou mesmo de outro país.

São Luís encontra-se afastada do continente por meio do Estreito dos Mosquitos, BR 135, Companhia Ferroviária do Nordeste e Estrada de Ferro Carajás. Caracteriza-se por sua poesia, pelo grande acervo arquitetônico com sobrados revestidos de azulejos, e estes sobrados apresentam sacadas e mirantes com material de ferro, sendo o aspecto que simboliza a história e a cultura ludovicense. Desse modo, possui em seu cenário praças, monumentos, igrejas, fontes, dentre outras, que perpassaram o tempo e permitem que os ludovicenses relembrem seu passado. Esses bens culturais testemunham à história e o progresso de São Luís e conseqüentemente do Maranhão. Dentre os pontos turísticos que abrangem a memória e identidade ludovicense destaca-se que a:

Praia Grande é o maior e mais valioso conjunto de arquitetura colonial do século XIX da América Latina. Antigo centro comercial de São Luís, possui cerca de quinze quadras e duzentas edificações que foram restauradas pelo Projeto Reviver e transformadas num centro de vendas, cultura e lazer. (NASCIMENTO, 2001, p. 69, grifo do autor).

E mediante a Praia Grande, outros pontos que merecem destaque são:

- a) Fontes das Pedras;
- b) Avenida Pedro II;
- c) Parque Estadual do Bacanga;
- d) Cais da Sagração;
- e) Palácio dos Leões;
- f) Fonte do Ribeirão;
- g) Palácio Episcopal;
- h) Teatro Arthur Azevedo;
- i) Laguna da Jansen;
- j) Igreja da Sé, Igreja do Desterro, Igreja dos Remédios;
- k) Convento das Mercês;
- l) Centro Cultural Odylo Costa Filho;
- m) Solar São Luís;
- n) Praça Gonçalves Dias;
- o) Cafuá das Mercês;
- p) Fundação José Sarney;
- q) Museu de Arte Sacra;
- r) Museu de Artes Visuais;
- s) Casa de Nhozinho.

Percebe-se a relevância destes pontos turísticos, pois resguardam a história de São Luís, entre estes o estudo faz referência ao módulo Museu Histórico e Artístico do Maranhão. Outro aspecto que descreve essa capital é o poema escrito por Bandeira Tribuzi, intitulado de Louvação a São Luís, o qual se identifica como um retrato do mistério e encanto que permeia a mesma, que mais tarde tornou-se seu hino.

Atualmente tem o rol econômico voltado principalmente para comércio e indústria. No que se refere aos atrativos naturais possui diversas praias, em meio às estas dar-se ênfase as praias de: Ponta d'Areia, São Marcos, Calhau, as quais se pode dizer que possuem uma frequência turística maior.

5.1 Manifestações culturais

A cultura é fruto do encontro de tradições, costumes, crenças, hábitos, modos de vida, dentre outros perpassados de geração a geração. Consoante a isso, expõe-se que “Cultura é aquilo que nos põe em contato com o que há de mais profundo na pessoa – seu modo de sentir, de pensar, de se expressar”. (MACHADO apud ALMEIDA, [199_?], p. 10). Nesse sentido, a cultura constitui-se em algo relevante para propagar os aspectos característicos de uma pessoa e de uma sociedade.

No que tange, a cultura maranhense tem-se que no ano de 1997, a cidade de São Luís recebeu o título de Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO. Nessa perspectiva, a cidade é formada por um rico conjunto arquitetônico colonial com cerca de 3500 prédios que compõem o Centro Histórico e a maior parte deles constitui sobrados com mirante e azulejos de origem portuguesa em seu revestimento. Vale ressaltar o fato de que em 1955 esse acervo arquitetônico foi tombado pelo Instituto Histórico e Artístico Nacional. Dessa forma, a UNESCO “[...] reconheceu a beleza e importância de um dos maiores conjuntos de arquitetura civil de origem européia no mundo”. (ARQUITETURA, [200_?], não paginado)

Assim, pode-se dizer que a cultura maranhense se constitui por meio de uma mistura cultural de povos, como: europeus, africanos e indígenas. Dessa maneira, várias manifestações culturais surgiram enraizadas pelo folclore popular que mantém as tradições vivas na memória e identidade maranhense. Assim Almeida ([199_?], p. 15) destaca que a cultura maranhense é exemplificada por meio de festas, danças regionais, lendas, mitos, costumes, comidas, obras de arte, artesanato, música, literatura e outros. Destaca-se também o fato do Maranhão ser uma mistura cultural do Norte e Nordeste, tendo o destaque maior da

região do Norte. Nessa perspectiva, enfoca-se os seguintes aspectos que formam a cultura maranhense: festas juninas, Tambor de mina, Tambor de crioula, Festa do Divino, Bumba-meu-boi, Arte e Instituições Culturais. Tendo em vista isso, enfatiza-se que as “manifestações típicas, mistura de costumes e tradições do negro, do índio e do branco expressam o patrimônio cultural da cidade [...]”. (SÃO..., [200_?], não paginado).

Sendo assim, torna-se perceptível o fato desta capital expressar um cenário rico em fontes históricas e patrimônio cultural, pois exprime em seu âmago as reentrâncias que enfatizam essa afirmativa por meio das tradições sociais e culturais advindas do negro, do índio e do branco enraizadas em nosso ser e em nosso modo de vida.. A partir disso, ressalta-se que para configurar o cenário da cidade de São Luís, torna-se relevante apontar as seguintes manifestações culturais:

Festas juninas de caráter profano e religioso, onde são prestadas homenagens aos santos: Santo Antonio, São João, São Pedro, Sant’Ana e São Marçal. Para enfeitar essa tradição têm-se as quadrilhas, imitações de danças portuguesas, ladainhas, cacuriá, dança do lelê e bumba-meu-boi que pode ser de matraca, zabumba, pandeiros, timideiras e de orquestra. “[...] o São João do Maranhão é uma concentração sem igual em todo Brasil. [...] a cidade de São Luís se transforma num grande arraial [...] é como um caleidoscópio da riqueza cultural, artística e folclórica do Maranhão”. (MARANHÃO, [200_?], não paginado).

Geralmente tem início na segunda quinzena de junho, concentrando-se em vários pontos da cidade, cuja ornamentação simbólica é formada por barraquinhas, bandeirolas, fogueiras, bebidas e comidas típicas. Tudo isso, contribui para a perpetuação cultural e folclórica de São Luís, pois demonstra a alegria das pessoas ao participarem e serem telespectadores desta festa.

Tambor de mina possui a origem africana e é mantida pelos descendentes dos negros jejês-nagôs. “[...] Fé, alegria e uma pluralidade de sons, ritmos e movimentos contribuem para fazer do circuito religioso uma das grandes atrações culturais do Maranhão”. (MARANHÃO, [200_?], não paginado).

Tambor de crioula também de origem africana é uma dança conhecida pelo som do tambor, umbigada e tambor de roda. Essa dança é freqüente nas festas de São Benedito, São João e carnaval. Caracteriza-se por ser “[...] dança quente e sensual”. (MARANHÃO, [200_?], não paginado)

Festa do Divino é comemorada a vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos. Celebra-se no primeiro domingo depois da Ascensão de Jesus Cristo. Para representar essa festa o altar é enfeitado com a imagem de uma pomba, toalhas e rendas, ocorre também o

levantamento do mastro ao som dos hinos de louvor cantados pelas chamadas caixeiras. As caixeiras acompanham a procissão batendo nas caixas e cantando melodias que percorre pelas ruas da cidade de Alcântara até a casa onde se encontra alojado o imperador ou imperatriz, o qual ou a qual é homenageado (a) pelas pessoas. Ao término da procissão, doces e bebidas são servidas as pessoas que participaram da referida procissão.

Em consideração a isso, Lima (apud CARVALHO, 2008, p. 3) afirma que: “a festa do Divino Espírito santo teve sua origem em Portugal, com a construção da Igreja do Espírito Santo, em Alenquer, estabelecida pela rainha Dona Isabel no século XIII”.

E a partir deste fato, considera-se que a festa obteve grande abrangência por Portugal, ao ponto de alcançar outros lugares, e por isso, segundo Lima (apud CARVALHO, 2008, p. 4) chegou a Brasil, e logo se tornou uma manifestação cultural popular e relevante para o país. Sendo assim, teve sua expansão a vários estados brasileiros e dentre estes o Maranhão.

Nessa perspectiva, tem-se que essa festa

[...] é comemorada durante o mês de maio em várias cidades do Maranhão. Mas é em Alcântara que ela alcança todo o seu esplendor. Esta festa, reúne devoção e história, encontra no casario colonial e nas ruínas. Portanto essa festa tem o propósito de conduzir seus participantes ao uma outra época. (LIMA, 1988, p. 21).

Para tanto, pode-se dizer que a referida festa no Estado do Maranhão possui origem principal no município de Alcântara, pois demonstra uma maior ostentação, beleza e riqueza no trato desta manifestação cultural. Nesse sentido, reuni momentos de devoção e resgate histórico, a fim de proporcionar proximidade com passado a quem participa da mesma.

Bumba-meu-boi é uma das mais antigas tradições do Maranhão e possui três sotaques, tais como: matraca, zabumba e orquestra. Cada um possui um estilo diferente e vislumbram a síntese das culturas da África, indígena e da Europa. É dramatizada e por meio desta demonstra uma crítica aos valores sociais.

[...] O Bumba-meu-boi é uma das mais expressivas manifestações culturais do Maranhão. Este espetáculo de música, dança, cantos e cores arrebatam os sentidos e alegria as noites de São João em São Luís. O Bumba-meu-boi é um auto dramático, fantástica mistura de teatro, dança e folclore, com traços semelhantes aos autos medievais, mas suas verdadeiras origens estão perdidas no tempo. (MARANHÃO, [200_?], não paginado).

Dessa forma, o Bumba-meu-boi consiste em ser uma rica expressão cultural maranhense, que faz parte do folclore e da identidade deste Estado brasileiro, sendo caracterizado como um teatro musical, o qual resgata traços dos tempos medievais. Possui como período excedente o mês de Junho e ultimamente têm decorrido alguns meses depois

com o festejo junino fora de época. Assim, em algumas partes da cidade de São Luís são montados pontos que sejam palcos do Arraial do Maranhão, traduzindo-se numa forma de entreter e relembrar a sociedade ludovicense de suas características singulares.

Em se tratando disso, os autores Falcão ([199_?], p. 9) e Azevedo Neto (1983, p. 61 e p. 65) enfatizam seus pontos-de-vista acerca desta manifestação cultural denominada Bumba-meu-boi, onde o primeiro considera que o Bumba-meu-boi do Maranhão exprime uma mistura entre três vertentes referentes ao processo social, quando relaciona este com uma reivindicação popular, ao processo mitológico, pela mítica que resguarda a tradição permanente até os dias de hoje e ao processo religioso que é cenário desta festa.

Nesse sentido, o segundo concorda com o primeiro ao seguir a linha sociológica, quando considerar essa festa um aglutinador social, pois sob a influência de suas peculiaridades por meio de uma dança dramática que demonstra traços medievais, simplicidade, emoção e linguagem natural, atraem muitas pessoas direta e indiretamente. Sendo uma forma de perpetuar a cultura e prestigiar esta manifestação cultural.

5.2 Arte, música e pintura

Arte é a forma que o ser humano tem em expressar suas emoções, ideais e percepções, a fim de propiciar também a seus admiradores essas instâncias. Nesse sentido, pode-se dizer que esta existe desde tempos remotos, pois há indícios por meio de fontes históricas que confirmam essa afirmativa. Possui caráter inerente a época, a cultura, o clima e as necessidades de cada sociedade. “Originalmente, a arte poderia ser entendida como o produto ou processo em que o conhecimento é usado para realizar determinadas habilidades”. (ARTE, [200_?], não paginado). Sendo assim, também pode ser entendida como uma atividade artística.

Para tanto, o artista utiliza como recurso essencial a inspiração que combinada com sua subjetividade e a forma de percepção que este tem em relação ao meio em que se encontra inserido traduz tudo isso, em obras de arte. Sendo assim, a arte pode ser dividida em categorias específicas denominadas expressões artísticas e dentre estas se tem: o artesanato, a literatura, a música e as artes plásticas. Vale ressaltar, que as referidas expressões artísticas foram enfatizadas no âmbito do Estado do Maranhão, com intuito de demonstra o cenário cultural que permeia este Estado. Portanto, considera-se que:

No **artesanato** é bem expressivo e envolve objetos fabricados com materiais de palha, cerâmica, couro, madeira, penas, ossos, coco, babaçu e outros. Almeida ([199_?], p. 12)

afirma que: “tem gente que faz das mãos seu instrumento de arte. Se viajarmos pelo Maranhão, vamos encontrar em muitos municípios, produções locais que são lindas obras de arte”. Desse modo, enfatiza-se:

- a) a arte em cerâmica de Rosário;
- b) as rendas de bilros de Raposa;
- c) os bordados, crochet e redes tecidas de São João dos Patos;
- d) cestos, chapéus, abanos, dentre outros artesanatos fabricados com palha, encontrados no município de Barreirinhas;
- e) redes artesanais de São Bento.

Na **literatura**, São Luís possui grandes escritores e poetas ilustres, os quais fizeram parte da construção literária maranhense. Dentre estes, aponta-se: Gonçalves Dias, Sousândrade, Coelho Neto, Artur Azevedo, Aluísio Azevedo, Humberto de Campos, Graça Aranha, Maria Firmina dos Reis, Josué Montello, Ferreira Gullar, Bandeira Tribuzi. É necessário ressaltar que por essa razão isto é, presença de grandes literatos, São Luís foi considerada Atenas brasileira, alusão à cidade grega que emergia um grande foco literário e produzia conhecimento.

A **música** tem muita relevância para o maranhense e segundo Nascimento (2001, p. 79) “Ele gosta muito de dançar e mil ritmos atuais, como o reggae, aos tradicionais, como o tambor de crioula, o divino, o bumba-meu-boi e a mina”. O reggae, por exemplo, tem origem jamaicana, no entanto, constitui-se como ritmo musical adotado pelo Maranhão e tornou parte da cultura maranhense. No campo musical maranhense há muitos compositores, dentre estes se pode citar: João do Vale, Papete e Alcione que comumente dá ênfase a cidade de São Luís em suas músicas .

Nas **artes plásticas** o Maranhão possui um significativo número de artistas, dentre estes, tem-se Fransonfer, Newton Pavão, Péricles Rocha e Michel Veiga que representam as informações advindas de suas idéias em pinturas de quadros e estes expõem suas obras em salões e galerias do Estado ou fora do mesmo. Essas exposições ocorrem de forma coletiva e particular.

Portanto, é nesse cenário cultural que se encontra inserido o módulo Museu Histórico e Artístico do Maranhão, o qual se atribui a categoria de fonte histórica e patrimônio cultural ludovicense, por meio das manifestações culturais refletidas em cada espaço do museu e pelas manifestações artísticas, referentes ao artesanato, literatura, artes plásticas e outros que contribuem para preservação desta herança histórica deixada por nossos antepassados e pela categorização atribuída ao mesmo.

6 MUSEU HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO MARANHÃO

O museu constitui-se num bem memorial de fundamental relevância para o ser humano, pois faz parte do contexto social e cultural do mesmo. Desse modo, é formado por distintos atores sociais que o tornam uma realidade compreendida por critérios referentes aos aspectos conceituais e museográficos. Com isso, tem o intuito de contribuir para que a sociedade reconheça o valor deste espaço enquanto disseminador da informação.

Para um maior entendimento, torna-se necessário apresentar um resumo histórico acerca da origem dos museus, a fim de proporcionar uma reflexão benéfica que impulse o ser humano a perceber a relevância e o valor deste espaço que emana memória.

De acordo com Julião ([200_?], p. 20) “[...] a palavra museu origina-se na Grécia antiga. *Mouseion* denominava o templo das nove musas, ligadas a diferentes ramos das artes e das ciências, filhas de Zeus com Mnemosine, divindade da memória. [...] locais reservados à contemplação e aos estudos científicos, literários e artísticos”

Posteriormente, na Idade Média a palavra museu era pouco utilizada, reaparecendo a partir do século XV, quando a arte de colecionar tornou-se moda na Europa. Por volta ainda desde período o homem vivia momentos de desenvolvimento e revoluções perceptivas, envolvendo o campo científico, movimento humanístico referente ao Renascimento e expansão marítima que relevou novos horizontes. Em se tratando de coleções, aborda-se que as coleções de príncipes ganharam enriquecimento nos séculos XV e XVI por meio de objetos artísticos originários da Antiguidade, tesouros e raridades advindas da América e da Ásia e produções artísticas apoiadas pelas famílias nobres. (JULIÃO, [200_?], p. 20)

Assim com o passar do tempo, as coleções obtiveram especialidade, sendo instituída por meio de critérios direcionados a natureza e ao progresso científico dos séculos XVII e XVIII, possuindo a partir de então, a função de ser fonte de pesquisa e ciência pragmática e de utilidade. (JULIÃO, [200_?], p. 20)

Ao longo deste século XVIII, presumi-se que muitas inquietações, no que diz respeito à preservação da memória e da história de um povo surgiram por parte de algumas sociedades. Tendo em vista isso, nota-se que os museus geralmente nascem a partir de uma inquietação de algumas sociedades ou grupos sociais em preservar a memória e identidade por meio de bens materiais e imateriais, e assim perpetuar a história a outras gerações. Diante do contexto histórico dos museus, Hobsbawn (apud FERREIRA JUNIOR, 2006, p. 16) ressalta que no

[...] final do século XVIII, na França, com a Revolução Francesa e a tomada do poder pela burguesia, e a Revolução Industrial, na Inglaterra, a aristocracia européia, preocupada em preservar suas relíquias, obras de arte e memória, criou os primeiros museus e galerias de artes, servindo de entretenimento tanto dessa classe, quanto da burguesia emergente no poder, a fim de, torná-la mais erudita, deixando de lado, entretanto, uma massa de pobres e analfabetos que não tinham o acesso ao contato com as obras de arte. São exemplos de museus inaugurados durante esse período,

Nota-se que os referidos museus foram criados para preservar a memória e atender apenas ao público burguês, com intuito de atribuir a estes o caráter erudito, sendo um espaço de acesso restrito a pessoas letradas e com certo nível de poder social. Nessa perspectiva, a classe pobre e analfabeta não teria acesso a este espaço cultural. Ressalva-se que o fato destes museus terem sido criados, difundiu-se pela Europa e por outros países que não fazem parte do continente europeu, e a partir disso, começa-se a determinar modelos e métodos museográficos, pois o procedimento educacional da época pautava-se no indivíduo e a aquisição informacional era baseada em fatos. Assim os museus apresentavam exposições estáticas com visitantes passivos que observavam as obras de arte como algo sagrado.

A partir do século XVIII vários museus foram criados e assim Suano (apud JULIÃO, [200_?], p. 21) afirma que:

Além das antiguidades nacionais, muitos desses museus reuniram acervos expressivos do domínio colonial das nações européias no século XIX. Expedições científicas percorriam os territórios colonizados, com o objetivo de estudar seus recursos naturais e sua gente, e de formar coleções referentes à botânica, zoologia, mineralogia, etnografia e arqueologia que seriam enviadas aos principais museus europeus.

Ainda neste século, o Brasil foi alvo de várias viagens e de pesquisas realizadas por naturalistas estrangeiros, as quais tiveram como resultado relatos e descrições características do local, gerando um importante acervo brasileiro que compôs o as instituições museológicas e científicas do continente europeu. Tendo em vista isso, o século XIX teve como marco a criação dos primeiros museus brasileiros, sendo uma das iniciativas de D. João XVI e então no ano 1818 surgiu o Museu Real que atualmente recebe o nome de Museu Nacional composto pela coleção de história natural doado pelo monarca. (SUANO apud JULIÃO, [200_?], p. 21).

Por meio dessas iniciativas, outras instituições museológicas surgiram distribuídas em alguns estados brasileiros e sob perspectivas distintas, com a função de preservar os patrimônios locais e nacionais, acrescentando a produção intelectual e práticas das ciências naturais. Dessa maneira, “[...] a criação dessas instituições fazia parte da crença iluminista de pela razão seria possível integrar o país no ‘concerto das nações’. Havia intenção de

objetificar a cultura nacional, ou seja, preservar e expor objetos singulares, expressão da singularidade nacional [...]”. (ABREU, 1996. p. 54).

Nesta época, evidencia-se a intenção de preservar a cultura nacional, por meio da exposição dos objetos, com o intuito de promover o Brasil frente às outras nações, entretanto esta proposta apresentava ainda uma visão distante, no que se refere ao ato de expor e de preservar a cultura nacional, foi então que em 1922 com a fundação do Museu Histórico Nacional reformulou a noção enciclopédia, estabelecendo um novo paradigma para os museus destinado a consagração da história e da pátria e representando o nacionalismo pátrio por meio da cultura materializada. Então entre o período de 1922 a 1959, este museu instituiu a finalidade de educar a sociedade, proporcionando o conhecimento de fatos e personagens do passado, a fim de estimular a preservação da tradição e do desenvolvimento cívico, fatores que contribuiriam para a união e avanço da nação. (ABREU apud JULIÃO, [200_?], p. 22).

Com o desenvolvimento museológico, surgiu o campo da Museologia e outros museus em todo o país sob a ação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional fundado em 1937. (JULIÃO, [200_?], p. 23). Dentro desta perspectiva, surge o Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM) para disseminar, por meio de documentos e artefatos informacionais, os fatos históricos que permeiam a história do Maranhão, com o intuito construir a história humana, em especial a ludovicense, sob a interferência do homem que é denominado como personagem principal deste espaço cultural.

A isso ressalta que o homem constrói sua História a cada dia e por sua vez também constrói os museus. Deste modo, o estudo dá ênfase ao módulo Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM) que reproduz como um filme antigo a história ludovicense dos séculos XVIII e XIX inserida em cada coleção que compõem o acervo deste museu.

6.1 Resgate histórico

Ao término dos anos 60, alguns intelectuais maranhenses sentiram a necessidade de haver um espaço que permeasse lembranças de outrora, em meio a aspectos que relembrem a História e a Arte do Maranhão. Contudo, São Luís neste período caracterizava-se pelas produções artísticas de grande porte, e encontrava-se constituída de galerias, salões de arte e artistas que exibiam suas obras, não só na cidade, mas em outras capitais.

Então, intelectuais como: José Montello, José Sarney, José Jansen, dentre outros compreenderam que o Maranhão necessitava de um museu, que articulasse a preservação, conservação e disseminação da memória do Estado, e assim também promover a relevância

do museu aos maranhenses, com o intuito de que eles percebessem o quanto o mesmo é importante para a formação da identidade cultural da sociedade ludovicense.

Desse modo, Pereira (2003, p. 15) diz que:

Foi com esta determinação que, no dia 28 de julho de 1973, data em se comemora a Adesão do Maranhão à Independência do Brasil foi inaugurado o Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM), com o compromisso de zelar pelo patrimônio maranhense, como também divulgar e incentivar todos os segmentos da cultura.

O MHAM encontra-se instalado num prédio do século XIX que em 1836 pertenceu ao Major Inácio José Gomes de Sousa até 1857. A partir de então, o mesmo foi vendido para família Colares Moreira, que por sua vez, vendeu este imóvel à família de José Francisco Jorge, esta residiu até o ano de 1967 e em 1968, José Sarney, governador nessa época, adquiriu o mesmo com o intuito de instalar o MHAM. Sua criação foi configurada, segundo a entrevistada A, na Lei nº 2.923 de 8 de novembro de 1968¹.

De acordo com sua formação, alguns entrevistados relataram que o Museu Histórico e Artístico do Maranhão constitui-se num complexo formado pelos seguintes módulos:

- a) Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM), o qual recebe o mesmo nome do complexo e constitui-se no foco principal do estudo;
- b) Museu de Arte Sacra (MAS) encontra-se interligado ao prédio do módulo do Museu Histórico e Artístico do Maranhão e instalado no “[...] casarão colonial do XIX do Solar Barão de Grajaú, [e tem o seguinte] horário de funcionamento: terça a domingo das 9h às 17:30h” (Entrevistada A);
- c) Museu de Artes Visuais (MAV) está instalado num sobrado do século XIX, localizado na Rua Portugal, Praia Grande e seu horário de funcionamento é de terça a domingo das 9h às 17:30h;
- d) Galeria Nagy Lajos caracteriza-se como uma parte anexa ao Museu de Artes Visuais e a origem de seu nome é uma homenagem ao artista plástico Húngaro que teve grande importância para o Maranhão, no que se refere ao campo das artes e para formação de artistas maranhenses (Entrevistada A);

¹ Informação fornecida pela encarregada dos serviços de Ação e Difusão Cultural, durante a visita ao módulo Museu Histórico e Artístico do Maranhão, em São Luís, junho de 2009. Ela possui nível de formação em Técnica e Assuntos Culturais e exerce essa função há dois anos neste museu. Vale ressaltar, que no período da entrevista assumia a posição de Diretora em exercício.

- e) Museu Cafua das Mercês localiza-se num pequeno sobrado e suas coleções são constituídas por “peças de arte africana de grupos culturais” (Entrevistada A) e para o atendimento ao público possui o horário de funcionamento de segunda a sexta das 8h às 18h
- f) Igreja do Desterro, de acordo com a entrevistada A, para preservar e difundir os bens culturais relacionados à arquitetura, histórico e artes sacras maranhenses, a Secretaria do Estado da Cultura por meio do complexo Museu Histórico e Artístico do Maranhão conta com a referida igreja e com mais duas igrejas que são citadas abaixo. Tendo em vista isso, para atender o público, seu horário de funcionamento é de terça a domingo das 9h às 18h;
- g) Capela Bom Jesus dos Navegantes, atende o público de segunda a sexta das 9h às 18h;
- h) Capela São José das Laranjeiras funciona de segunda à sexta das 9h às 18h;
- i) Museu Histórico de Alcântara.

A partir disso, é necessário expor que o prédio do módulo Museu Histórico e Artístico do Maranhão fica localizado na Rua do Sol, nº. 302, no bairro Centro, mediante o relato da entrevistada A ele é “aberto a visitação pública, não há necessidade de agendamento prévio exceto para instituições escolares e grupos especiais”. Dessa forma, para atender o público tem estabelecido o seguinte horário de funcionamento de terça a domingo, cujo horário é determinado de acordo com os dias da semana. Sendo assim, de terça a sexta funciona das 9h às 19h e de sábado a domingo das 14h às 18h.

Seu ambiente encontra-se estruturado segundo o entrevistado D da seguinte forma: “Dividido em: parte superior: sala de visita, sala de música, quartos, áreas de serviços e escritório ou biblioteca. Parte inferior: senzala, cozinha, depósitos e entre outras áreas de serviços, teatro particular, jardim e um poço (incorporado pela segunda família Colares Moreira)”.²

A partir disso, é possível perceber que a área de visitação encontra-se estruturada em forma de uma residência de época, transmitindo os costumes e modo de vida dos séculos XVIII e XIX. Além disso, constitui-se como “um prédio de dois pavimentos, conhecido como

² Informação fornecida pelo estagiário do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão, durante a visita ao módulo Museu Histórico e Artístico do Maranhão, em São Luís, maio de 2009. Ele exerce esta função há um e cinco meses.

Solar Gomes de Souza abriga uma casa de época de século XIX que retrata o estilo de vida da sociedade maranhense. O casarão é mobiliado com um expressivo acervo” (Entrevistada A)

Para compor ainda este espaço conta-se com o Teatro Apolônia Pinto que faz parte do ambiente residencial e segundo a entrevistada A constitui-se num “[...] teatro particular, onde deveriam ser realizados os saraus familiares, constitui-se interessante reminiscência do fausto da vida senhorial e cultural dos grandes solares de São Luís do Séc. XIX”.

Em consideração aos espaços que compõe o museu, estes revelam cultura, informação e memória histórica, ressalta-se: “Galeria “Floriano Teixeira”, ambiente climatizado, onde são realizadas exposições de artistas maranhenses, nacionais e internacionais. A galeria recebe o nome do grande artista plástico maranhense, conhecido internacionalmente pelo seu trabalho” (Entrevistada A). Com isso, tem o intuito promover a arte, expondo e demonstrando as belezas artísticas que há no mundo, em nosso país e em nosso Estado.

Logo, para realizar os eventos culturais o museu utiliza os espaços da cafeteria dos jardins na área interna. E Além disso, “Outros equipamentos culturais e turísticos coordenados pelo Museu Histórico e Artístico do Maranhão são espaços cujos acervos são de grande importância para o Estado Maranhão”. (Entrevistada A)

De acordo com o exposto, percebe-se que esse módulo representa uma casa de época relativa à classe burguesa maranhense dos séculos XVIII e XIX, resgatando os aspectos característicos de sua origem, pois como referido anteriormente pertenceu ao Major Inácio José Gomes de Sousa, a família Colares Moreira e a família de José Francisco Jorge.

Dentro desta perspectiva,

A secretaria de Estado da Cultura, como uma das estratégias de descentralização das suas ações tem a proposta de programar nos municípios maranhenses, os Centros Integrados de Memória, abrigando em um único espaço: Museu, Biblioteca, Arquivo, Divisão de Patrimônio Cultural e História Natural. (MISSÃO, [200_?], não paginado)

Diante disso, entende-se que estes espaços são significativos para disseminação informacional e que o fato deste museu possuir uma divisão de patrimônio cultural é um aspecto favorável ao estudo, quando o mesmo vislumbra o módulo MHAM sob a ótica de patrimônio cultural ludovicense. Ressalta-se ainda, que cada compartimento tem o intuito de garantir uma viagem ao passado, pois suas peculiaridades contribuem para isso e desse modo, proporciona aos visitantes um ambiente de época, composto por espaços como: galeria, cafeteria e outros para a difusão da cultura, identidade e memória ludovicense.

6.2 Missão e objetivos

Os museus geralmente possuem a missão de resgatar historicamente, por meio de bens materiais e imateriais, o passado de uma determinada sociedade, sendo responsável pela memória e identidade da mesma. Tendo em vista isso, percebe-se que a missão do módulo MHAM não foge a regra.

Nesse sentido, a entrevistada A diz que o referido módulo possui a seguinte missão: “adquirir, preservar, conservar, formular e executar políticas culturais que garantam ao povo maranhense o exercício do direito à memória, à história e ao acesso aos bens culturais”.

Dessa forma, nota-se que segundo sua missão esse museu é rico culturalmente e é um dos responsáveis pela construção e desenvolvimento da memória, identidade e história dos ludovicenses, pois contém todo um acervo cultural que traça aspectos das famílias burguesas dos séculos XVIII e XIX, além disso, constitui-se de elementos que garantem a contação dessa história, possuindo assim, caráter e autoridade necessária, no que se refere a este assunto.

Nessa perspectiva, os objetivos articulados por esse museu, de acordo ainda com a entrevistada A é: “implementar ações com a finalidade de manter e preservar o patrimônio material e imaterial do Estado, promovendo estudo, debates e reflexões para professores, alunos, sociólogos, historiadores, pesquisadores e sociedade em geral”. (Entrevistada A)

Assim sendo, percebe-se que suas duas preocupações principais estão voltadas a manutenção e preservação de bens materiais e imateriais, estimulando através disso a divulgação e a conscientização da sociedade ludovicense, por meio de eventos acerca da conservação da histórica local e internalização da relevância de conhecer a memória e identidade que nos identifica e diferencia de outras sociedades.

6.3 Características

Percebe-se que o MHAM apresenta como característica principal em suas exposições o traçado de uma residência burguesa dos séculos XIX. Nesse sentido, observa-se também que este se configura na imagem de uma casa de época de classe alta. Pertinente a isso o entrevistado D considera que o referido museu “reconstitui o cenário de uma residência do século XIX”. Em consonância a isso, a entrevistada E confirma que o mesmo é “organizado como uma casa de época do século XIX e XX” e em complemento a essa

confirmação a entrevistada F enfatiza que este é caracterizado como uma “Casa do século XIX representa a burguesia da época.”³

Em complemento a isso, a entrevistada F ressalta que o mesmo constitui-se em “adequado, bem localizado, acessibilidade fácil”. Concorde-se com os aspectos referentes à adequação e localização, no entanto tem-se como posicionamento contrário o aspecto acessibilidade, pois para afirmar que o museu possui acessibilidade fácil, seria necessário que este fosse composto de rampas de acesso ao andar superior, onde se encontra principal local de visitação, e a partir disso, atender aos deficientes físicos. Dessa forma, seria relevante que também que este fosse preparado para atender deficientes visuais e auditivos. Particularmente este assunto é significativo para todo cidadão, entretanto não se constitui essencialmente no foco de estudo.

Portanto, retorna-se ao contexto da abordagem característica do MHAM. Nesse sentido, enfatiza-se que o museu constitui-se num “[...] espaço dinâmico de produção do conhecimento e como um equipamento turístico, de lazer e entretenimento. (Entrevistada A).

Pois se considera que este colabora com a disseminação da informação histórica ludovicense, e para isso, conta com os “projetos, folderes, divulgação pela imprensa e as informações dadas a respeito de outros órgãos”. (Entrevistadas B e C)⁴.

Configurando um espaço cultural de fundamental relevância para àqueles que o visitam e querem abranger seu conhecimento acerca das características que enfocam a sociedade de São Luís.

Nessa perspectiva, observa-se que espaço cultural tem o intuito de contribuir com resgate da memória e assim perpetuar essa identidade de geração a geração como fazia nossos antepassados quando divulgavam oralmente a história de um povo, a fim de que esta ficasse internalizada na mente de quem a ouvia e fosse contada a outras gerações, para que tudo que se refere à configuração histórica de uma sociedade fosse preservada.

Diante desse contexto, as entrevistadas B e C afirmam que o mesmo “caracteriza-se como fonte histórica e artística, guarda, preservação, expõe o passado, o presente e o futuro. Representa a arte moderna e contemporânea”. Sendo assim, pode-se dizer que o MHAM está de acordo com sua missão e objetivos, pois se preocupa com a guarda e preservação de bens

³ Informação fornecida pela Assistente administrativa, durante a visita ao módulo Museu Histórico e Artístico do Maranhão, em São Luís, junho de 2009. Ele exerce esta função há dezoito anos. Ela possui nível de formação superior incompleto em Pedagogia.

⁴ Informação fornecida pelas auxiliares do setor de Museologia, durante a visita ao módulo Museu Histórico e Artístico do Maranhão, em São Luís, maio de 2009. Elas possuem como nível de formação o ensino médio e atuam no neste museu há 11 anos

materiais e imateriais que apresentam aspectos do passado que fazem o indivíduo refletir sobre o presente e vislumbrar o futuro.

6.4 Normas para visitação

As instituições no intuito de manter seu ambiente tranquilo, organizado e sem qualquer tipo de dano usam como recurso estratégico, as normas para utilização do mesmo. E como os museus não fogem a esta regra, possuem normas que proporcionem organização e preservação do acervo, até mesmo porque uma de suas funções é resguardar a memória local.

Nessa perspectiva, o módulo MHAM estabelece como normas de visitação: “pagamento de ingresso de acesso no valor de R\$ 2,50 para estudantes e R\$ 5,00 para visitantes; não é permitido fotografar, filmar o acervo, por preservação e conservação dos referidos acervos; visitas estritamente acompanhada pela monitoria; não é permitido fazer a visitação no circuito com sacolas; identificação dos visitantes na recepção, utilizando para isto, assinaturas no livro de registro”. (Entrevistada A).

Entende-se que cada norma descrita possui sua justificativa e a fim de esclarecer isso, expõe-se que o pagamento de ingresso é necessário para manutenção do mesmo, apesar deste ser mantido pelo Estado, as três normas posteriores direcionam-se a preservação e conservação do acervo e a última possui a relevância de indicar estatisticamente o uso desse espaço que esbanja cultura e assim pode demonstrar através de dados estatísticos que ele está vivo e precisa continuar perpetuando a história ludovicense.

Em consonância a isso, as entrevistadas B e C completam estas normas dizendo que as “visitas [são] agendadas, no caso de escola, no entanto, se houver outro grupo escolar que não agendou a visita será atendido”. Isso demonstra que o museu encontra-se de portas abertas para receber seus visitantes, a fim de proporcionar a eles uma viagem ao passado da sociedade ludovicense e estimular sua imaginação ao visualizar os bens materiais e imateriais que são demonstrativos de como viviam as famílias abastadas da época já mencionada durante o contexto.

De acordo com a norma anterior a entrevistada E⁵ reafirma que: “a escola tem que ser agendada com mais de 10 estudantes. É conveniente que seja agendada, mas se não for agendada dar-se um jeito; Não pode levar alimentos, por isso nosso espaço oferece o jardim e

⁵ Informação fornecida pela Historiadora, durante a visita ao módulo Museu Histórico e Artístico do Maranhão, em São Luís, junho de 2009. Ela possui como nível de formação em História e atua neste museu há 17 anos.

aí eles ficam para lanchar. Se uma criança subir com um pirulito, pode ir atrás que em algum lugar ela jogará o papel”.

Ainda no intuito de reafirmar as normas de visitação a entrevistada F diz que é necessário “[...] não pode entrar com bolsa; no máximo 10 alunos por visita”. Sendo assim, percebe-se o quanto é relevante as normas para o MHAM, pois tratam da manutenção e preservação do acervo como já exposto anteriormente.

6.5 Fluxo de visitação

No que diz respeito ao fluxo de visitação alguns entrevistados afirmam que não é possível estabelecer o turno de maior demanda, pois isso é muito relativo e depende se há grupos de estudantes agendados ou se turistas nacionais e internacionais chegam à cidade, tendo como rol de visitação o módulo MHAM. Dessa forma, a entrevistada E afirma que “se um navio de franceses chegar pela manhã atende-se pela manhã. Há não ele atrasou só vem à tarde, atende-se à tarde. É muito relativo”. Entretanto a entrevistada A afirma que o turno vespertino constitui maior demanda. Mesmo com essa divergência de opiniões, concorda-se com alguns entrevistados que realmente é difícil prevê o turno de maior demanda, isso só ocorre quando há visitas pré-estabelecidas.

Por outro lado, os entrevistados concordam de forma individual que o período de maior demanda de visitação constitui-se na temporada de férias tanto no início quanto no final do ano, estabelecendo os meses de junho a julho e dezembro a janeiro. Diante disso, a entrevistada E esclarece que “em janeiro [a visitação possui] [...] um perfil do turista [...]. Nos outros meses estudantes de escolas públicas e particulares, quase não visitam nesses meses de férias”.

Diante deste contexto, a entrevistada A relata que o número de visitas no espaço de um mês possui “em média de 1.500 a 2.000 visitantes”, sendo possível verificar essa afirmativa por meio do Anexo A e B. Ressalta-se que os dados descritos tanto no anexo A quanto no Anexo B, referentes à demanda de visitação, constituem todo o ano de 2008. Assim, torna-se perceptível que o módulo MHAM possui uma demanda significativa no período de um mês, demonstrando que este ainda é referência histórica e faz parte do contexto estudantil a nível de conhecimento de sua própria história.

Afirma ainda que “a prioridade agora é colocar este museu em funcionamento”. Isso por que na época em que foi realizada a pesquisa de campo, o módulo MHAM passava por um processo de pintura na área de visitação e encontrava-se impossibilitado para visitas.

Entretanto, no dia 22 de Setembro de 2009, foi divulgada a seguinte notícia: “o Museu Histórico e Artístico reabre suas portas, afim de proporcionar ao público um mergulho ao passado, prestigiando o seu belíssimo acervo, composto de peças centenárias e assim valorizar uma das coisas mais importante, a nossa ‘História’”. (O MUSEU..., 2009, não paginado). Portanto considera-se que o módulo MHAM encontra-se de portas abertas para receber e atender seu público por meio do serviço de visitação e assim, propiciar a garantia de sua missão.

6.6 Corpo funcional

Atualmente o módulo MHAM constitui-se de 32 pessoas conforme a entrevistada A, composto por historiadores, especialistas em Museologia, bibliotecária, técnicos em assuntos culturais, agentes administrativos, assistente de administração, guias de museu de museu, monitores, serviços de limpeza, auxiliares de serviço de limpeza, vigias e seguranças terceirizados.

6.7 Projetos desenvolvidos

Os projetos culturais são relevantes para o desenvolvimento das instituições culturais, referente à relevância desse espaço cultural e disseminação da informação existente no mesmo, tendo a função de aproximar o público da instituição por meio de atrativos que impulse a participação pública e, além disso, estimular a sensibilidade do público-alvo. Nessa perspectiva, tem-se que os projetos culturais contribuem “[...] para o desenvolvimento cultural do público ao qual se destina ou da localidade/região na qual se insere. (BAHIA, [200_?], p. 1).

Nesse sentido, a entrevistada A enfatiza que o módulo MHAM “atualmente possui um **Programa ‘Vivência no Museu’** com vários projetos que visam sensibilizar a comunidade tornando-a mais próxima aos bens culturais”.

Esses projetos culturais, de acordo com a entrevistada A, são denominados da seguinte forma:

- a) **Memória e Envelhecimento:** possui realização bimestral, por meio da parceira com a Universidade Federal do Maranhão e o Núcleo de Educação Física. Essa atividade é ministrada por Isidoro Cruz

- profissional em gerontologia, cujo propósito é propiciar cultura, lazer e entretenimento ao público idoso e assim elevar sua auto-estima.
- b) **Cine Museu:** tem como objetivo utilizar o ambiente do módulo MHAM para exibição de filmes para o público estudantil e comunidade em geral, proporcionando a promoção da cultura e desenvolvimento social por meio do ciclo de palestras.
 - c) **Reconhecendo nossa história no Museu:** tem o intuito de estabelecer uma comunicação entre o museu e instituições que atendem deficientes físicas, intelectual, auditivas, visual e múltipla por meio da disponibilidade do acervo em diversas áreas do conhecimento.
 - d) **Práticas acadêmicas no Museu:** possui caráter educativo, cujo desenvolvimento é realizado por professores, estudantes universitários e Faculdade São Luís. Tem o objetivo de oportunizar aos professores o exercício de suas práticas pedagógicas por meio da utilização do acervo como recurso didático.
 - e) **Sarau Doces Lembranças:** possui a finalidade de revitalizar costumes e tradições cotidianas do século XIX, por meio da promoção de atividades artísticas, declamações de poesias, canto lírico, músicas executadas no piano e orquestra da câmara. Esse projeto é realizado na sala de visitas do andar superior.
 - f) **Cursos de aperfeiçoamento técnico:** tem por objetivo capacitar os profissionais da área museal, mediante a parceria com o Instituto Brasileiro de Museu e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.
 - g) **Cursos de capacitação para monitoria:** apresenta a finalidade de melhorar a qualidade no atendimento ao público e proporcionar formação continuada no campo da cultura e do patrimônio. Esse projeto é promovido no âmbito do módulo MHAM.

Entende-se que os projetos culturais constituídos pelo módulo MHAM são de grande relevância para o desenvolvimento da sociedade ludovicense, pois proporcionam momentos de cultural, lazer, entretenimento, abrangência informacional, práticas pedagógicas, revitalização de costumes e tradições do século XIX e capacitação tanto de profissionais quanto da monitoria da área de Museologia. Tudo isso, com o propósito de estabelecer um diálogo entre a comunidade e o museu, com o intuito de permite proximidade e estimular a

sensibilidade por parte da sociedade no que se refere, a esta fonte histórica e patrimônio cultural, pois quanto mais próxima e mais sensível a sociedade for em relação ao museu, em especial o módulo MHAM, mais esta poderá compreender a relevância de se apreciar o passado e sentir a necessidade de conhecer os bens materiais e imateriais que configuram sua origem em prol de uma identidade comum, perpetuando a tradição e as lembranças de outrora.

Diante deste contexto, pode-se perceber que durante as entrevistas, apenas a entrevistada F ressalta que “fará parte do Projeto Espaço Pedagógico”, os outros entrevistados relatam que não fazem parte de nenhum projeto desenvolvido pelo museu. E quanto ao projeto citado, pode-se dizer que o mesmo ainda não está em prática, pois se encontra em processo de formulação e planejamento.

No que se refere aos serviços oferecidos, ressalta-se que o módulo MHAM atualmente “[...] não possui serviços automatizados aos visitantes, porém esta elaborando um projeto de modernização administrativa que contemplará a automatização para dar um atendimento de qualidade ao público visitante. (Entrevistada A)

Afirma ainda, que a Biblioteca está sendo informatizada e que de forma gradativa busca estratégias que proporcione um serviço eficaz. Para tanto, “o Projeto de Dinamização do Museu Histórico e Artístico do Maranhão e seus Anexos visa promover o desenvolvimento da pesquisa, informatização da biblioteca e outras atividades que possibilitem a melhoria do atendimento ao público”. (PROJETO..., 2009, não paginado)

6.8 Acervo

O acervo do módulo MHAM possui caráter diversificado e mediante sua formação e desenvolvimento tem-se que à medida que, este se desenvolvia e agrupava todo o acervo constituído em um mesmo espaço, isso fez com que seus organizadores compreendessem a classificação de cada peça e entendesse que as peças relacionadas às artes visuais e as artes sacras podiam formar mais dois museus. Dessa forma, surgiram então os módulos: Museu de Artes Visuais e o Museu de Arte Sacra, os quais contribuem para o crescente número de espaços culturais em prol da constituição histórica ludovicense, resguardando e conservando a memória cultural do Estado.

Em se tratando do acervo do referido museu, pode-se dizer que o mesmo iniciou sua coleção por meio de doações, advindas de seus fundadores e outros como: Osvaldo Soares, Luís Alfredo Neto Guterres e Dadá Pinheiro Costa, sendo que além dessas pessoas citadas, houve outras que contribuíram significativamente para a composição desse acervo

museológico. Em consonância a isso, a Fundação de Cultura do Maranhão (FUNCMA) responsável pelos museus e por órgãos culturais do Estado, adquiriu por compra outra parte do acervo.

No caso do acervo com peças sagradas, Pereira (2003, p. 18) informa que:

[...] foi concedido através de contrato de comodato firmado entre a Arquidiocese de São Luís, a Irmandade do Bom Jesus dos Navegantes e a então Fundação Cultural do Maranhão, que tornou o Museu Histórico órgão responsável pela guarda e preservação do acervo sacro.

Nota-se que a partir da criação dois outros museus citados, o módulo MHAM tornou-se responsável pelo desenvolvimento destes e pela formação de suas coleções. Sendo este o cerne e a essência que envolve a articulação de serviços e informações disseminadas nos três espaços culturais, disseminando aqueles que necessitam de informações, as coleções que desvendam o passado dos maranhenses ao longo dos anos.

Diante disso, Pereira (2003) diz que atualmente as coleções que se destacam no módulo MHAM são formadas da seguinte maneira: numismática, móveis, artigos de porcelana, vidro, cristal, pintura, azulejos, documentos, ilustrações, e artes sagradas. De acordo com isso, os entrevistados relatam de forma específica que o acervo deste módulo constitui-se da seguinte forma: arte sacra católica (Imaginária, prataria e ourivesaria, alfaias, paramentos e móveis), artes visuais (Artes Plásticas – escultura, desenho, pintura, serigrafia, gravura, cerâmica – azulejaria, Fotografia), mobiliário, louças, vidros, cristais, numismáticos, heráldicos, porcelanas, ágatas, metal, diplomáticas (documentos), cristais, peças africanas, telas, esculturas, imagem de Santo Antônio e imagem de São Benedito.

Dessa forma, enfatiza-se que de modo imaginário e por meio de suas características, cada peça possui a responsabilidade de transferir a quem a observa o contexto histórico pelo qual a mesma perpassou, resgatando a memória internalizada. Em se tratando disso, tem-se que esse acervo possui “[...] características próprias da época; seguia estilos da época; reproduz a época; peças em estilos ecléticos; origem européia em grande parte do acervo. Era uma forma de esbanjar riqueza”. (Entrevistada D). Conforme o exposto, a entrevistada E afirma que o módulo MHAM tem o acervo “diversificado, origem brasileira, [e] [...] Portugal. Cada peça tem a sua característica [...] Cada peça tem o seu histórico. Para complementar ainda essa afirmativa, ressalta-se que essa coleção “há constituição de franceses, portugueses, do século XIX” e “características predominantes [...] [não só do século XIX, mas também do] início do XX”. (Entrevistada F).

Nessa perspectiva, a entrevistada A relata mediante a entrevista realizada que as peças adquiridas recentemente são: “Nossa Senhora das Dores (Imagem de Roca) procedência: Igreja de São José de Ribamar; dois quadros da artista plástica Rosana Carvalho Martins (Balula); um garrafão que pertenceu aos padres jesuítas no séc. XIX procedente de Portugal; Santo Antonio e São Benedito (Imagem de Gesso); 67 quadros doados pelo professor Erasmo Dias da UFMA”.

Além disso, as entrevistadas B e C concordam entre si que uma das últimas peças adquiridas constitui-se no “[...] garrafão de vinho do século XIX de Portugal”. Sendo assim, para formar todo esse acervo o módulo MHAM “[...] hoje conta [...] com 6.500 peças aproximadamente”. (Entrevistada A).

Nesse sentido, tem-se que a formação de coleções conta geralmente com a aquisição por meio de compra, doação e permuta condicionada pelas diretrizes das instituições, empresas ou organizações. Diante disso, percebe-se que o módulo MHAM não é diferente, pois segundo a entrevistada A, a aquisição das peças constituintes do acervo pode ser realizada “[...] através de compra, permuta, contrato de comodato e doações. E ainda por “[...] transferência, [...], por exemplo, fulano de tal não quis a santa doou para cá”. (Entrevistada E)

Depois que a peça é adquirida, antes desta ser divulgada e exposta, torna-se necessário que a mesma seja tratada da seguinte forma: efetua-se o registro por meio da identificação e histórico da peça, comprovante de aquisição. Por seguinte encaminha-se para o setor de conservação e restauro para que seja feito o processo de limpeza e higienização da peça, a partir disso, devolve-se a peça para o setor de museologia para que esta seja acondicionada na reserva técnica e faça parte posteriormente da exposição no circuito. (Entrevistada A)

Entende-se que após este tratamento, a peça encontra-se preparada para ser exposta e admirada pelos visitantes e assim, considera-se que esta contará sua história a cada pessoa que a visualizar, demonstrando a partir disso, o tempo, o espaço e as pessoas que em conjunto com a mesma fazem parte desta história.

Portanto, para apreciar mais o módulo MHAM é de fundamental relevância conhecer seu acervo de modo específico e assim contribuir com uma reflexão acerca do valor que este proporciona a sociedade ludovicense. Desse modo, apresenta-se algumas coleções de azulejaria, porcelana, numismática, mobiliário, documento, artes plásticas e artes sacras.

6.8.1 Azulejaria

Traduz o final do século XVII, retratando o fato histórico de ter sido instalada no Brasil, uma nova ordem social, além disso, demonstra o costume exigente e refinado da classe burguesa ao utilizar na edificação e revestimento de seus sobrados os azulejos. Tem-se como justificativa ao uso dos azulejos nessa época, o clima quente e úmido, então os mesmos proporcionavam o benefício de refletir os raios solares e impedir infiltrações.

Mediante isso, Pereira (2003, p. 21) ressalta que:

Azulejos foram importados principalmente de Portugal, mas são encontrados azulejos franceses, alemães e belgas. O MHAM possui uma coleção de azulejos dos séculos XVIII, XIX e XX. São na sua maioria de procedência portuguesa, havendo também alguns franceses e alemães. São quase sempre do tipo padrões repetidos, em que se deve observar o tipo ou processo decorativo de estampilha e decalcomania. Constam na coleção de azulejos – pertencentes ao acervo – quatro painéis de azulejos figurativos, possuindo as seguintes características: dois portas-machado, um granadeiro do batalhão de fuzileiros do Império e um estilo D. Maria I.

Assim, percebe-se que para reunir essa coleção teve-se como recurso a importação, pois se tem como hipótese, o fato de que o Maranhão apesar de ter esse rico artefato histórico inserido no revestimento de casarões antigos, não disponha de uma coleção dos mesmos para compor o acervo do MHAM. Além disso, atualmente é perceptível o abandono de casarões antigos e a não conservação e preservação das fachadas revestidas de azulejos, tendo como reflexo a escassez de alguns padrões dos mesmos.

Nota-se também, a diversidade referente aos países e aos séculos pertencentes à coleção de azulejos dispostas no museu. Ainda nesse contexto percebe-se que no ramo da museologia várias palavras tornam-se motivo de estranhamento, pois ao relatar a aquisição da coleção de azulejos o autor descreve o processo de estampilha⁶ que caracteriza uma peça histórica ou artística, sendo uma forma de identificá-lo através deste processo.

Assim sendo, observa-se que o público visitante tem a oportunidade de visualizar azulejos que perpassaram nosso passado histórico, formando atualmente nossa identidade cultural, demonstrando ainda, que a burguesia era detentora dos mesmos e que estas famílias burguesas preocupavam-se em conservar seu imóvel, bem como dar um toque de requinte ao mesmo. Percebe-se que a preservação e conservação desse acervo histórico é relevante para perpetuar a história ludovicense.

⁶ Significa selo (BUENO, 1996, p. 268)

6.8.2 Porcelana

Desde os primórdios há registros que identificam a existência da cerâmica e a medida que a mesma foi avançando e se aperfeiçoando surge um material fino e requintado, denominado porcelana. Desse modo, ela compreende a lista de artefatos históricos que formam o MHAM. Portanto, Pereira (2003, p. 21): diz que esta coleção composta, “[...] desde a faiança, biscuit até a porcelana propriamente dita. Existem peças personalizadas e anônimas; iconográficas e reclame; de marcas conhecidas e famosas, principalmente da Inglaterra, da França, de Portugal e do Brasil”.

Essa coleção pertence aos séculos XIX e XX, e assim como a azulejaria percebe-se que a coleção de porcelana contida no MHAM advém de vários países. Além disso, revela que algumas famílias continham a característica de imitar os hábitos europeus referentes ao uso de porcelana em objetos que constituem os serviços de café, almoço e jantar e também para objetos que serviam como adereço à ornamentação do ambiente dessas residências ludovicenses, a exemplo, tem-se baixelas, xícaras, vasos, dentre outros.

Deste modo, essa coleção constitui-se em mais um rico acervo para garantir a lembrança de um passado ludovicense não muito distante. Promovendo assim, aos ludovicenses o conhecimento de alguns fatos passados de sua terra de origem.

6.8.3 Numismática

Corresponde a coleção de moedas pertencentes ao acervo do MHAM. Desde o surgimento da moeda, ela passou a assumir não só o papel econômico, mas também de refletir os acontecimentos históricos que permeia a vida de uma sociedade. Segundo Pereira (2003, p. 22), “o acervo do MHAM dispõe de coleções de moedas que datam desde o período colonial até nossos dias. Tais moedas têm origens diversas: Maranhão, Brasil, e outros países”.

Desta forma, o percurso histórico da economia brasileira é retratado por meio do acervo de moedas, revelando que o Brasil no período colonial utilizava o real português, depois passou para mil réis. Logo adiante, houve a circulação do real hispano-americano. Contudo, quando o Brasil foi descoberto, para que os processos econômicos fossem executados utilizava-se como unidade monetária, o açúcar. Diante disso, Pereira (2003, p. 22) retrata que:

No Maranhão, como nos outros lugares, circulavam moedas de ouro, de prata e de cobre. Além disso, muitas mercadorias eram utilizadas como meio de troca e de

pagamento: sal, açúcar, cacau e pano de algodão (1963). Porém, a falta de troco provocou graves problemas. Na tentativa de solucioná-los, a Coroa Portuguesa (1749) ordenou a cunhagem de moedas maranhenses de ouro [...], de prata [...] e de cobre [...].

Então, observa-se que materiais que parecem, a primeira vista, insignificantes para relembrar a História, são extremamente importantes para descrevê-la, pois possui formato e desenhos próprios, distinguindo a época e em consonância a outros documentos é possível relatar a situação econômica dessa época em questão. Assim, de acordo com as coleções de moedas, é possível demonstrar ao longo dos anos, os reajustes monetários, os quais foram denominados da seguinte forma: réis, cruzeiro, cruzeiro novo, cruzado e real. Portanto, essa coleção permite que relembremos os aspectos históricos da economia brasileira e maranhense.

6.8.4 Mobiliário

Retrata o requinte de famílias ricas do século XIX e XX, que tinham como sinônimo de bom-gosto à ostentação e o conforto transmitidos pelos luxuosos móveis que ornamentavam suas residências. Desse modo, o acervo do MHAM segundo Pereira (2003, p. 23), “[...] apresenta uma variedade de estilos, entre os quais podemos citar: D. José, Império, D. João VI, Diretório, Neoclássico”.

Dessa forma, pode-se perceber que além de retratar aspectos dos séculos XIX e XX, a coleção de móveis contida no referido museu também faz com que os visitantes conheçam os estilos que perpassaram os tempos. E isso é possível, porque desde tempos remotos, haviam pessoas preocupadas em perpetuar a cultura, e assim foram conservados e preservados documentos e artefatos que recordam algum fato, momento, estilo e modo de vida de uma sociedade, oportunizando a geração futura a construção não só de nossa identidade, mas também de nossa história.

Esses móveis também demonstram características de superioridade, pois eram feitos com materiais de cedro, angelim, sucupira e outros. Tendo em vista isso, hoje se tem a oportunidade de visualizar a beleza e o luxo desses móveis, demonstrando aptidão dos marceneiros. Assim sendo, esse acervo mostra a memória econômica, social e cultural da classe burguesa maranhense, apontando relíquias que evidenciam a herança da vida familiar e o fato de terem presenciado a perda e a perpetuação de várias famílias.

6.8.5 Documentos

Esse acervo constitui-se de documentos referentes a fatos históricos e pessoas notáveis maranhenses e diante disso, Pereira (2003, p. 24) expõe “[...] a exemplo de Arthur Azevedo, Graça Aranha, Fernando Perdigão, Catulo da Paixão Cearense e outros”.

Logo, os referidos documentos são preciosas fontes de informação, pois descrevem fatos que formam nossa história. Sendo assim, constitui-se em testemunhas escritas de uma época distante.

6.8.6 Artes Plásticas

Esse acervo é formado por peças de escultura, pintura, desenhos e gravuras que retratam os séculos XIX e XX, criadas por artistas do Estado e de outras capitais do Brasil, demonstrando a diversidade de estilos e de escolas. “O acervo reúne nomes como Celso Antônio, João Manuel da Cunha, Newton Sá, Flory Gama, Maia Ramos, Ambrósio Amorim, Antônio Almeida, Nagy Lajos, Dila e outros tantos que envaidecem as artes plásticas do Maranhão”. (PEREIRA, 2003, p. 24).

No ano de 1988 o Museu de Arte de São Paulo contribuiu para a formação da coleção de artes plásticas do MHAM, doando obras de artistas brasileiros e estrangeiros, mediante isso, o político Assis Chateaubriand, organizou as mesmas. “[...] destaca-se nesta coleção uma obra de Pablo Picasso de 1950 [...]” (PEREIRA, 2003, p. 24).

Portanto em meio à formação deste acervo, o MHAM passou a receber doações de outras instituições, de colecionadores e artistas. Logo, percebe-se que esta coleção foi formada por doações e que essas obras são a imagem e reflexo das características de uma sociedade, pois hipoteticamente sabe-se que as artes plásticas retratam informações que os artistas querem transmitir aos admiradores destas obras.

6.8.7 Arte Sacra

As obras pertencentes a este ao acervo de ourivesaria refletem os séculos XVIII e XIX, demonstrando os estilos: barroco, rococó, neoclássico e destacam-se ainda, as imagens de roca da Idade Média, as quais se tornaram públicas no âmbito brasileiro por meio de Irmandades Religiosas. Além disso, possui origem portuguesa, mineira, baiana, pernambucana e maranhense.

Mediante o contexto, Pereira (2003, p. 24) ressalta que: “[...] A maioria das peças é oriunda da cidade de Porto, grande centro produtor de Portugal. Encontram-se na coleção peças com marcas do ourives Porto Antônio Nogueira [...]”. Dessa forma, percebe-se a grande influência que Portugal teve não só na tumultuada colonização do Brasil, mas também nas obras de arte, destacando-se nesse sentido as artes sacras. Enfatiza-se ainda, que essa influencia foi relevante para o desenvolvimento da cultura brasileira e, por sua vez, para a cultura maranhense, suscitando nesse sentido a agregação de costumes portugueses.

Assim sendo, expõe-se segundo Pereira (2003) que grande parte dessa coleção foi constituída por um acordo entre o MHAM e a Arquidiocese de São Luís e Irmandade de Bom Jesus dos Navegantes. Em consonância a isso, nota-se a relevância que esse acervo possui para a sociedade ludovicense, pois formam o contexto histórico da fé cristã, descrito pelas imagens sacras esculpidas, de modo a revelar as gerações vindouras, informações que contribuam para aquisição de conhecimento acerca do passado de um povo.

Pode-se perceber também que essas coleções só demonstram a classe nobre desses períodos, permitindo que nós enquanto visitantes ávidos por cultura, bem como, conhecimento, conheçamos apenas uma parte da história do Maranhão. Pois não se percebe nesse acervo marcas da grande massa popular maranhense que contribuiu para a construção dessa história. O que se pode destacar é que essa falha começou a desenvolver-se juntamente com a formação e desenvolvimento deste museu, pois o mesmo foi idealizado e organizado por grandes intelectuais que demonstravam o pertencimento a famílias nobres e a partir disso, foram doadores de grande parte das coleções, retratando, portanto, o reflexo das famílias nobres maranhenses. No entanto, surgem algumas indagações, como viviam as famílias de baixa renda? Quais suas artes plásticas? Seu mobiliário? Suas numismática (moedas)? E suas obras sacras?

6.9 Perfil do público-alvo

O público-alvo encontra-se composto, de acordo com os entrevistados, de turistas nacionais e internacionais, inclusive franceses; crianças; estudantes de escolas públicas e particulares e população local. Quanto a isso, as entrevistadas B e C ressaltam que “o público escolar geralmente é turistas nas férias. Crianças em épocas festivas”.

Percebe-se que o módulo do MHAM atrai um rico público que afirma seu caráter público e de acesso a todos. E em virtude disso, nota-se que cada público possui um interesse distinto no momento de visitação, sendo assim, os turistas interessam-se pelas peculiaridades

históricas do Estado, as crianças interessam-se pelas atividades lúdicas proporcionadas pela biblioteca ou pelo próprio museu em épocas festivas e os estudantes e a população local são atraídos pelo fato de poderem adquirir o conhecimento mais abrangente acerca de sua cidade.

Dessa forma, destaca-se que o público-alvo é compreendido, segundo a percepção do entrevistado D como curioso, interessado. Sendo que grande parte fica deslumbrada, causando interesse mais aprofundado, no entanto, alguns demonstram timidez. Em complemento, as entrevistadas B e C percebem o público sob a ótica do interesse unânime, ao despertar o interesse em buscar mais conhecimento. Demonstram também encanto e deslumbre pelo o que é oferecido como fonte histórica. Em evidência a estas percepções, de acordo com as entrevistadas A e F defendem o fato de que a circuito de visitação e o próprio módulo MHAM constitui-se num espaço satisfatório para o público-alvo, pois “[...] os visitantes gostam muito”. (Entrevistada F)

Contrário a isso, a entrevistada E, diz que a percepção obtida acerca do museu a partir do público atendido pelo mesmo “depende, o estrangeiro dá 10, o brasileiro dá 9 e o maranhense às vezes dá 0. O estrangeiro chega aqui, ótimo, nota 10, ai chega um paulista, carioca, ótimo gostei, mas deveria ter [...]. E o daqui chega dizendo é uma vergonha em ter que pagar para entrar no museu. Estrangeiros acham ótimo, turista nacional acha mais ou menos e o maranhense dar nota zero”.

Observa-se nesse caso, que nem tudo são flores e não seria diferente, no que se refere ao módulo MHAM, entretanto, essa afirmativa da referida entrevistada constitui-se em mais uma razão em avaliar o papel deste museu como patrimônio fundamental para a preservação da memória e identidade cultural ludovicense e mostrar à sociedade de São Luís a relevância do mesmo como fonte histórica. Diante disso, considera-se que

O contexto pessoal do visitante a um museu revela todas as suas motivações, expectativas, interesses e crenças do indivíduo, pois todo o arcabouço de interesses e motivações implícitas ou explícitas, são responsáveis por determinar as razões da ida ou não de uma pessoa ao museu. (FERREIRA JUNIOR, 2006, p. 22)

Nessa perspectiva, reflete-se acerca dos motivos que fazem com estes visitantes maranhenses, que nivelam de forma negativa o museu, visitem o mesmo e se realmente eles são motivados a ir por meio da sensibilidade que os bens materiais e imateriais podem transmitir ao ser humano. Se possivelmente não há expectativa, interesse ou uma percepção sensível em relação ao que o museu pode proporcionar, conseqüentemente esses visitantes avaliaram de forma negativa o módulo MHAM, pois ainda na perspectiva de Ferreira Junior (2006, p. 23) tem-se que:

A expectativa do indivíduo está intimamente relacionada com o contexto histórico-social do qual se encontra, pois a procura a um museu, frente a um contexto atual, onde as mídias de entretenimento e individuação se tornam mais avançadas, revelam a busca de uma interação do indivíduo com o grupo a pertencente, podendo variar devido aos fatores pessoais, de classe e de instrução. O resgate da memória ou sensibilização pela obra de arte, respondem ao anseio da criação de um imaginário sempre furtivo ao indivíduo no dia-a-dia.

Assim, observa-se que a ótica do indivíduo ao visitar um museu depende da vivência histórico-social e cultural que ele possui no meio em que se encontra inserido, pois mesmo com os atuais avanços tecnológicos que encham os olhos de todos, ainda é positivo o fato de um indivíduo buscar por meio dos museus uma proximidade com a sociedade da qual faz parte, sendo que possui como foco principal para isso, a sensibilidade, a qual é estimulada pelo imaginário existente no cotidiano do mesmo. Por isso, é possível justificar o fato de uns indivíduos serem sensíveis ao ambiente museal e outros não. O que não é justificável é desfavorecer esse ambiente rico historicamente, sem perceber o que este tem a oferecer como local construtor de memória.

6.10 Relevância histórica e cultural ludovicense

Os museus constituem-se em instituições culturais relevantes para salvaguardar a história, a memória, o patrimônio e a identidade de uma sociedade, resgatando o passado com intuito de compreender o presente e vislumbrar o futuro. Em consideração a isso, Matos e Lucas (2009, p. 171) afirmam que:

O museu tem sido uma das instituições mais criativas e dinâmicas do século XX, quando quase meio mundo apontava sua extinção, que parecia claramente previsível [...]. Temos um processo constante que se renova: de simples depósito de objetos consagrados, destinados à apreciação de uns poucos iniciados, o museu hoje representa uma nova ágora cultural nas cidades contemporâneas.

Por meio desta afirmativa, percebe-se que os museus atualmente são caracterizados pela dinâmica e criatividade, mesmo tendo passado por um período de descrédito a ponto de ser considerado extinto. Hoje este espaço cultural é comparado à ágora, uma

[...] praça principal na constituição da **pólis**, a cidade grega da Antiguidade clássica. [...] Enquanto elemento de constituição do espaço urbano, a ágora manifesta-se como a expressão máxima da esfera pública na urbanística grega, sendo o espaço público por excelência. É nela que o cidadão grego convive com o outro, onde ocorrem as discussões políticas e os tribunais populares: é, portanto, o espaço da cidadania. Por este motivo, a ágora (juntamente da pnyx, o espaço de realização das assembleias) era considerada um símbolo da democracia direta, e, em especial, da

democracia ateniense, na qual todos os cidadãos tinham igual voz e direito a voto. (ÁGORA, [200_?], grifo do autor, não paginado)

Dessa forma, entende-se que hoje os museus são reconhecidos com a mesma relevância que os gregos atribuíam a *Ágora* na Antiguidade Clássica, e a partir disso, vislumbra-se o mesmo como espaço mediador da memória e da cultura, tendo como enfoque fundamental a participação e interação dos visitantes com as exposições dispostas.

É nesse contexto que se encontra enquadrado o módulo MHAM, um museu de grande relevância histórica e cultural para a cidade de São Luís do Maranhão, pois mediante o relato da entrevistada E, corrobora-se que este museu se constitui numa fonte histórica, pois possui obras inéditas, como por exemplo, o quadro de Picasso, acrescenta ainda, que o museu é uma fonte histórica viva e apresenta a história viva, valendo à pena o visitante conferir. Destaca desta forma, que São Luís é uma fonte histórica.

Por meio desse relato observa-se que o caráter de fonte histórica viva atribuída ao módulo MHAM refere-se à aquisição de peças inéditas inseridas ao conjunto de coleções constituintes do mesmo. No intuito de ampliar essa relevância conferida ao museu como fonte histórica, argumenta-se que por meio destas coleções expostas e peças adquiridas torna-se possível compreender e explicar a realidade da sociedade, pois as fontes históricas podem tornar o homem capaz de perceber as relações sociais que existiram em outras épocas. Nessa perspectiva, Accioly (2007, não paginado) afirma que:

Quanto mais vasos, tijolos, estátuas, desenhos e escritos forem encontrados, mais condições teremos de construir um modelo de como aquela cultura funcionava. Tanto quanto seria importante escavarmos mais de uma casa soterrada para entendermos seu projeto arquitetônico.

Além disso, a referida entrevistada afirma que este museu contribui com o processo educativo da comunidade, pois uma das finalidades do museu é educar. Sendo que esse processo educativo é percebido através da natureza pública que o torna acessível a todos, cuja ênfase envolve a transmissão de informações a toda e qualquer pessoa. Dentro desta perspectiva, cabe destacar que mediante o expressivo desenvolvimento da técnica museográfica, ressalta-se que a mesma:

[...] colabora, em grande parte, para se conseguir que os objetos realmente se comuniquem, não só pela ordenação deles mas por sua colocação, o uso da cor e da luz, assim como da seleção da linguagem, da quantidade de informações da localização oportuna desta. É um meio de educação informal [...] porque é um lugar para todos, aberto ao uso de todos, que pode ser visitado em diferentes horários e quantas vezes se deseje. A exposição é um meio altamente didático e o sujeito de conhecimento pode estar diante do objeto e recolher tudo o que ela possa expressar. (KERRIOU, 1992, p. 92-93)

Dentro deste contexto, enfoca-se que a técnica museográfica tem a preocupação de verificar todos os aspectos correspondentes ao objeto em exposição, referentes à disposição, a iluminação, a linguagem, informação a ser transmitida e a localização do mesmo. Associado a isso, admiti-se o módulo MHAM como um órgão transmissor desta educação informal, onde se visualiza a exposição como um recurso didático e consiste numa fonte de captação do conhecimento expresso.

Neste rol de relevância atribuído ao módulo MHAM, a entrevistada E considera ainda o mesmo como patrimônio da cidade. Equivalente a isso, a entrevistada F destaca que o museu é “um ambiente preparado, que contribui de maneira significativa na garantia do conhecimento e da perspectiva cultural e histórica onde ele está envolvido”. Baseado nisso, Kerriou (1992, p. 89) destaca o patrimônio como fator inerente ao museu, em especial a categoria de patrimônio cultural, pois esta instituição foi designada para conservá-lo. Esse enfoque, é um dos fatores contribuintes para o reconhecimento do módulo MHAM como patrimônio cultural, pois ainda na perspectiva deste mesmo autor (1992, p. 90) “O museu é um produto cultural europeu e é neste continente onde a instituição nasce e se consolida como conservadora do patrimônio cultural da humanidade [...]”.

Por outro lado, o entrevistado D apresenta o museu em questão como um local oportuno aos estudantes universitários que permite abrangência de conhecimento e chances no mercado de trabalho. No que se refere ao valor histórico e ao uso do espaço para eventos culturais, este entrevistado diz que o MHAM “serve como um cenário para o dia-a-dia, local onde a população utiliza como cenário para formação, exposição, lançamento de livros. Ele é referência para o Estado”.

Nesse contexto, o entrevistado expõe que este museu mostra o passado da sociedade ludovicense e o visitante interessa-se pela história disposta acerca do Maranhão. Afirmar ainda que seu espaço reconstitui um determinado grupo, onde os lucros econômicos eram refletidos no mobiliário e isso possibilita a aquisição de conhecimento por parte dos visitantes, pois “[...] como sujeitos históricos, membros de uma comunidade, temos a obrigação de participar nesta tarefa de preservação do patrimônio cultural, bem como no resgate do que se está perdendo, vale dizer o próprio, o que permaneceu na memória coletiva”. (KERRIOU, 1992, p. 98).

Dentro desta perspectiva, pode-se perceber a responsabilidade que cada indivíduo possui no que tange a preservação e o resgate tanto do patrimônio cultural quanto das fontes históricas existentes no meio em que vive, pois se considera que somos agentes construtores e divulgadores dessa história. Para isso, torna-se relevante que nós, enquanto agentes

multiplicadores da história que nos identifica e nos reconhece como participantes da sociedade em que estamos inseridos. E assim, evidencia-se o quanto é relevante que a sociedade ludovicense internalize esta consciência de responsabilidade em prol da edificação e conservação da história maranhense, em especial ludovicense. Tendo nesse sentido, como espaços que podem contribuir com esta preservação, um rol de instituições culturais, dentre estas como fora apresentado mediante o estudo, o módulo MHAM que

[...] apropriou-se de uma memória maranhense que já não faz parte do dia-a-dia da sociedade contemporânea. As gerações de intelectuais dentro da elite maranhense cada vez mais estão rareando quanto ao brilho e esplendor dos atenienses de outrora. Assim a criação de um espaço para a preservação de uma memória que resgate esse passado da história é de grande importância [...]. (FERREIRA JÚNIOR, 2006, p. 38)

Para tanto, aborda-se que sua divulgação é feita pela promoção de seminários, fóruns, projetos envolvendo o público estudantil e turístico (Entrevistada F). E assim, pode contribuir de modo significativo mediante as práticas sociais e culturais para o desenvolvimento da sociedade ludovicense por meio da difusão e preservação da identidade cultural. (Entrevistada A). Expõe ainda que sua divulgação é proporcionada “através de pesquisa e da difusão dos bens patrimoniais estimulados a visitação aos museus, bem como através do projeto de levar o acervo à comunidade por meio de exposições temporárias realizadas em espaços alternativos”. Dessa forma, entende-se que esta difusão ou mesmo comunicação torna-se até mais abrangente, pois sua transmissão pode ocorrer por meio da estrutura arquitetônica, do discurso revelado através dos objetos e dos projetos desenvolvidos. Com isso, pensa-se que o próprio museu nos impulsiona a uma comunicação por meio dos objetos que possui. Diante deste contexto, refleti-se que:

À disseminação da informação, os museus passaram a se preocupar com os conteúdos e com as formas de expor seu acervo, de maneira que pudessem estar presentes no cotidiano de um contingente cada vez maior da população, principalmente nos grandes centros urbanos, transformando um consagrado tabu de que eram apenas visitados por especialistas ou estudantes, nas expedições obrigatórias determinadas pela escola. (MATOS; LUCAS, 2009, p. 174)

Dentro de tal perspectiva, observa-se que o módulo MHAM, bem como outros museus, constitui-se num ambiente público, sendo acessível a todos que queiram visitá-lo e também se revela por excelência um espaço rico na guarda e preservação da memória ludovicense refletida por meio do acervo exposto. Nesse ponto de vista, reconstrói o passado que pode ser identificado pelos visitantes, a fim de que os mesmos reflitam acerca de sua própria realidade e possam se perceber dentro da sociedade que faz parte.

Sendo que o retrata desta sociedade foi no passado muito

Influenciada pela cultura francesa difundida após 1789, a elite maranhense assimilou muito bem o gosto francês através da moda, dos costumes e a linguagem. Resultando desse impacto de decadência econômica, na sociedade maranhense, uma necessidade de valorização do passado em face de construção do mito da origem francesa de São Luís. Conferindo-lhe um passado grandioso. (LACROIX apud FERREIRA JÚNIOR, 2006, p. 37)

Essa influência encontra-se configurada nas características ludovicenses e nos traços culturais, entretanto conferi-se que a cidade São Luís não foi apenas influenciada pelos franceses, outros povos como: índios, negros, holandeses e portugueses perpassaram por esta ilha e cada qual deixou a sua herança, sendo também os atores responsáveis pela construção e desenvolvimento deste município. Observa-se nesse caso, que esta herança disposta contribuiu amplamente para a diversidade cultural que abrange a ilha ludovicense, sendo refletida por meio do cotidiano das pessoas e pela rica manifestação cultural desenvolvida neste cenário que se estende para outros estados e para outros países, a qual proporciona e favorece a vinda de campo turístico, que se constitui no público-alvo de visitante do museu em destaque e a partir disso, terá a oportunidade de conhecer nossa história e recontá-la a outras sociedades, cujo fator fundamental gira em torno do fato de perpetuar a história ludovicense.

A partir disso, Kerriou, (1992, p. 98) aponta que:

A diversidade cultural é comum aos povos latino-americanos e a respeitamos e reconhecemos. Apontamos por onde o patrimônio cultural de um país é aquele que os diversos grupos sociais produzem e decidem que devem transcender, por importante ou necessário, o qual deve ser considerado de maneira integral, levando em conta os produtos materiais, assim como também a tradição, o costume, a memória histórica, o uso, o valor, enfim o fenômeno cultural. Aqui, então, fica incorporado o cotidiano, o fazer constante do homem. Ele é o único que pode dar o valor real a cada coisa e decidir por que deve preservá-la e para quem preservá-la.

Cabe destacar que o homem avalia o valor de cada bem material e imaterial através do que este pode transmitir acerca da existência e relações do homem em outrora, pois segundo o autor ele é responsável pela valorização e pela preservação atribuída aos produtos materiais que represente o passado como sentido contínuo que interfere na vivência do mesmo frente ao contexto social.

Tendo em vista isso, refleti-se que

[...] o desafio dos museus no século XXI, seria a capacidade de manter o elo de interesse do homem e o passado, através da preservação de um patrimônio material e imaterial capaz de dar subsídios a formação das memórias coletivas responsáveis pelas identidades de um povo. (FERREIRA JÚNIOR, 2006, p. 21)

Portanto, o módulo MHAM, assim como museus deste século vigente, insere-se neste desafio e estrategicamente buscam prevalecer o tempo e continuar disseminando história e informação aos seus visitantes, utilizando para isso a informatização de seus serviços, atualizando e tornando eficiente o atendimento, promovendo eventos e desenvolvendo projetos que possam aproximar cada vez mais o museu da sociedade e a sociedade do museu. Com essa proximidade, é possível vislumbrar como fator positivo o reconhecimento do módulo MHAM como fonte histórica e patrimônio cultural ludovicense, aos quais se deposita o engrandecimento do passado maranhense que marca a singularidade do Estado e da cidade de São Luís, com isso, almeja-se que a sociedade ludovicense cuide de sua herança e não permita que a mesma se desfaleça pelo tempo e seja esquecida na memória de cada dos indivíduos que formam a mesma.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Conforme os dados coletados a partir da pesquisa de campo, por meio dos questionários aplicados (Apêndice A) aos estudantes da Universidade Federal do Maranhão dos cursos de Biblioteconomia, Ciências Sociais, História e Turismo, no período de junho a julho de 2009, sendo que no turno vespertino a pesquisa alcançou os cursos de: História, Ciências Sociais e Turismo e no turno matutino o curso de Biblioteconomia. Expõe-se que a análise e tabulação destes dados são conduzidas sob a forma de gráficos, que vislumbrem uma resposta plausível a problemática do estudo. Vale ressaltar, que os dados foram tabulados segundo Nakamura (2006) e que o texto entre aspas sem indicação de autor, corresponde à justificativa dos estudantes referente a alternativa assinalada no questionário, as quais não puderam ser indicadas por letras, devido o grande número de respostas.

Desse modo, o perfil dos estudantes pesquisados situa-se nos aspectos relacionados ao período acadêmico, sexo, faixa etária e ocupação. No que se refere ao período acadêmico, percebe-se que entre a amostra referente aos cursos de Biblioteconomia, Ciências Sociais e História, predomina o sétimo período com cerca de 32% no primeiro, 23,1% no segundo e 22,5% no terceiro. Para tanto, o curso de Turismo distinguiu-se destes, pois os dados mostram que o oitavo período apresentou um quantitativo mais significativo na pesquisa, atingindo 37,1%, conforme mostra o gráfico 01.

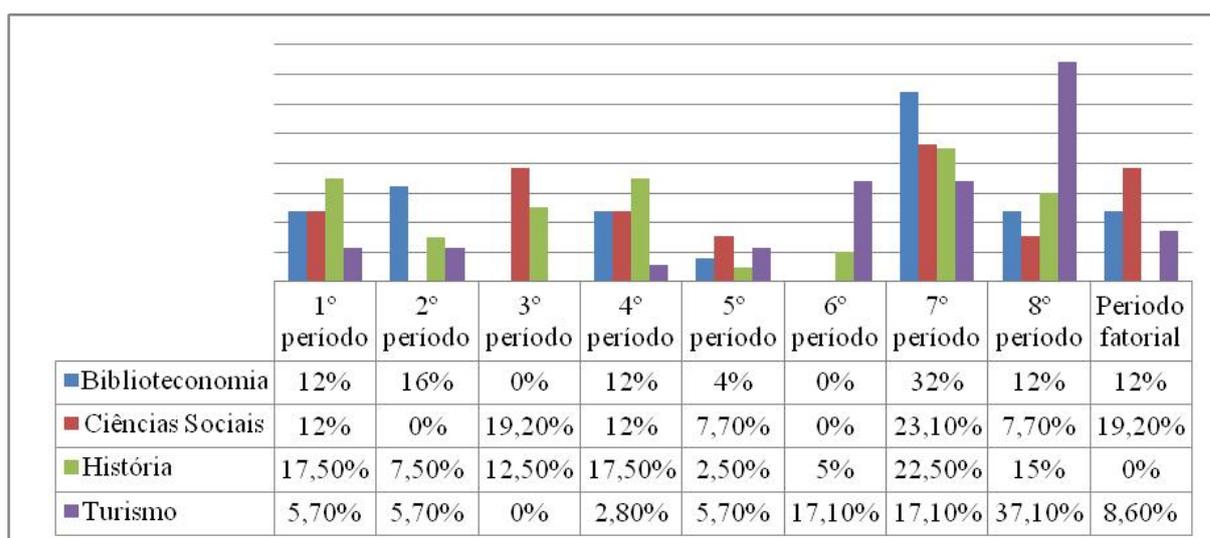


Gráfico 01 – Distribuição dos estudantes questionados quanto ao período em que se encontram matriculado.

Quanto ao sexo averiguou-se que a pesquisa contemplou o público feminino nos cursos de Biblioteconomia (92,3%), História (65,5%) e Turismo (57,1%). No caso do curso

de Ciências Sociais, a amostra excedente constitui o público masculino com 53,8%. Esses quantitativos podem ser visualizados no gráfico 02.

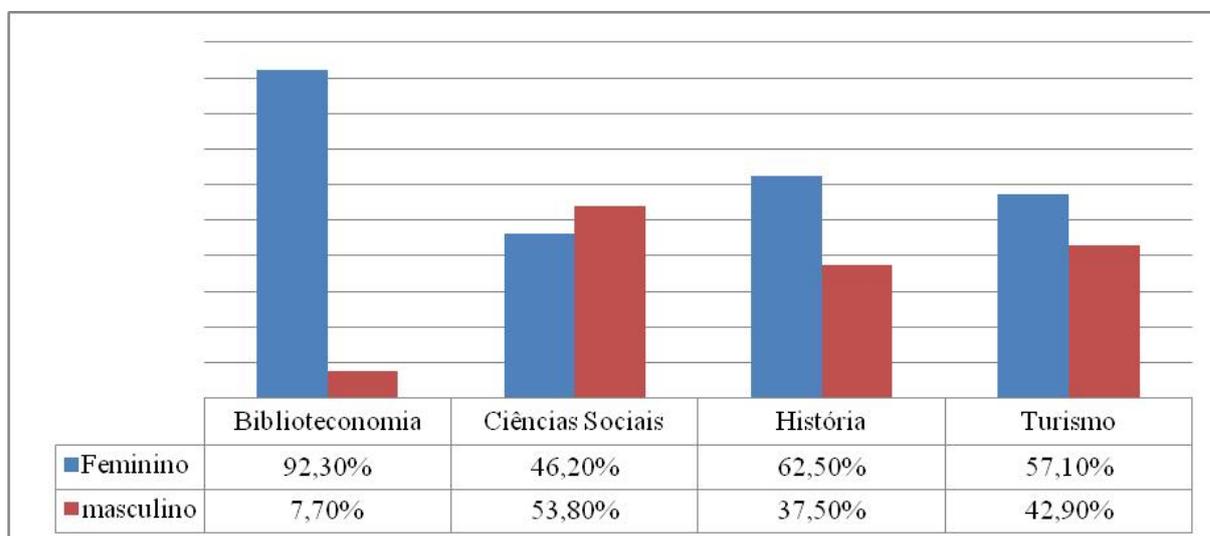


Gráfico 02 – Distribuição dos estudantes questionados quanto ao sexo.

No quesito faixa etária, verificou-se que os estudantes questionados dos cursos de Ciências Sociais, História e Turismo, apresentam distintas idades, entretanto visualiza-se uma representação maior no intervalo de 17 a 22 anos, apresentando respectivamente os valores de 53,8%, 67,5% e 57,1%. Quanto ao curso de Biblioteconomia, observou-se a predominância do intervalo de 23 a 28 anos, compreendido em 50% dos estudantes pesquisados, como pode ser observado no gráfico 03.

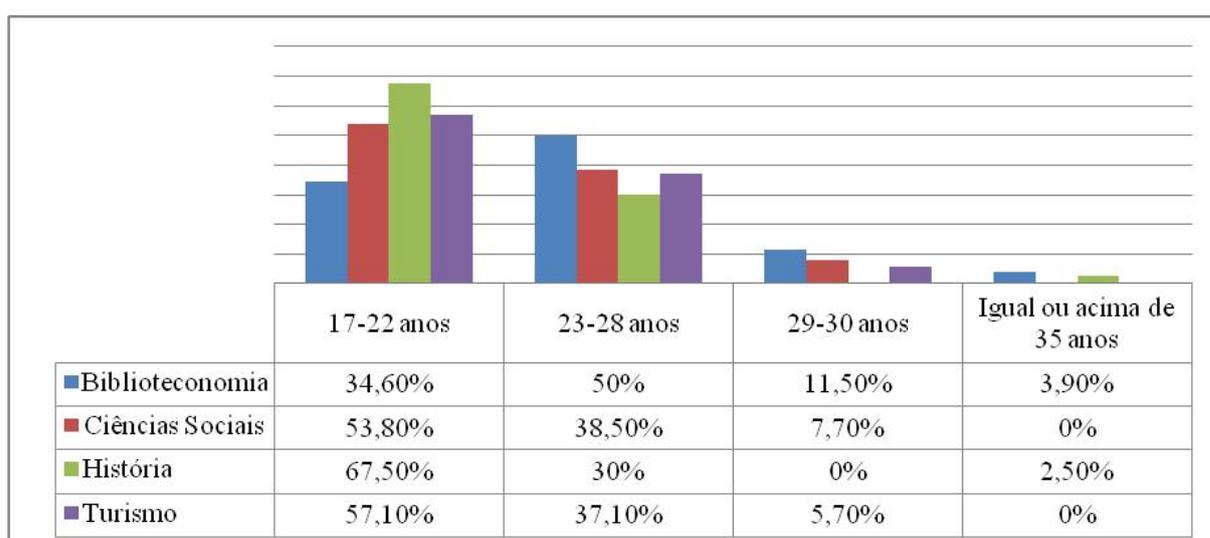


Gráfico 03 – Distribuição dos estudantes questionados quanto à faixa etária.

Em relação à ocupação, verificou-se que o maior destaque foi dado a opção estudante, pois os cursos de Biblioteconomia, Ciências Sociais, História e Turismo, apresentaram em particular os índices de 50%, 84,6%, 85% e 85,7%, conforme o gráfico 04. É conveniente destacar que o curso de Biblioteconomia possui uma parte considerável de estagiários (46,2%) atuantes na área em questão. Vale ressaltar também, que a parte referente aos estudantes que exercem ocupação profissional (37,8%), compreendida na amostra retirada dos referidos cursos, abordam:

- a) auxiliares administrativos;
- b) auxiliar de odontologia;
- c) agente de atividade social;
- d) agente de aeroporto;
- e) agente de viagem;
- f) organizador de eventos;
- g) técnico em informática;
- h) representante de vendas;
- i) corretor de imóveis;
- j) porteiro;
- k) agente de crédito;
- l) professores.

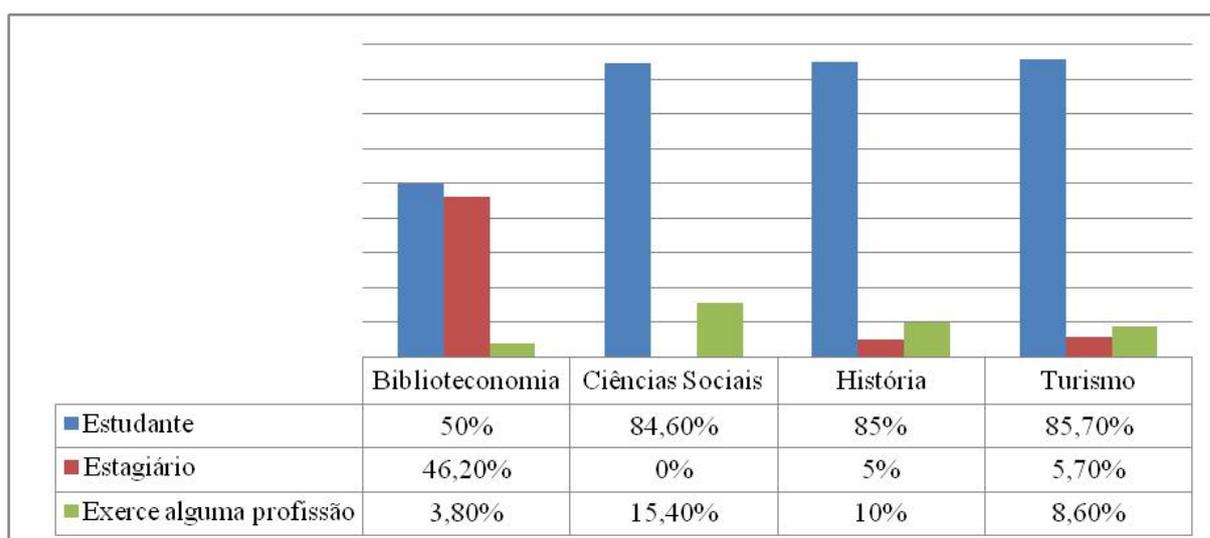


Gráfico 04 – Distribuição dos estudantes questionados quanto à ocupação profissional.

Nesse sentido, inferi-se que a maior parte dos estudantes pesquisados aborda um perfil traçado da seguinte forma:

- a) Quanto ao período acadêmico situa-se no 7º período;

- b) Quanto ao sexo abrange o público feminino;
- c) Quanto à faixa etária apresenta até 22 anos;
- d) Quanto à ocupação são estudantes.

A partir disso, pressupõe-se que a amostra pesquisada é significativa diante da análise quantitativa dos dados, pois demonstra no que se refere principalmente ao aspecto período acadêmico, estudantes capazes de tratar do assunto com domínio e clareza.

Mediante o perfil dos estudantes pesquisados, enfatiza-se a seguir os dados direcionados ao estudo. Quanto a isso, aborda-se que quando os estudantes foram questionados acerca do grau de importância atribuída a História, detectou-se que os cursos de Biblioteconomia, Ciências Sociais e Turismo admitem a mesma sob a condição de ser relevante para o presente e para o futuro com 37,8%, 50% e 54,3%, englobando um quantitativo de 142,1%, como se pode observar no gráfico 05.

E essa condição atribuída teve por justificativa, os argumentos descritos pelos estudantes, quando estes expõem que: “um estado sem identidade seu povo não tem diretrizes para seu crescimento sócio-econômico e político-cultural, bem como seu relacionamento com outras nações na tomada de decisão relevante para o mundo”. E a História “contribui para o entendimento do mundo contemporâneo e para sua formação”. Portanto, esta “[...] desenvolve os canais de informações que são relevantes para o homem tomar conhecimento de uma evolução” e “só é possível pensar em uma perspectiva para o futuro tendo consciência de que tudo que somos foi fruto de uma construção histórico-cultural”.

Esses argumentos enfatizam a relevância do homem resguardar sua identidade e memória, bem como, conhecer as características singulares que perpassam por ele, a fim de resgatar a tradição. Desta forma, concorda-se que a História constitui-se em uma relevante narração de fatos vividos pelo homem, pois prima pelo desenvolvimento futuro e formação evolutiva a partir de uma construção histórico-político-cultural advindas de perspectivas passadas. Diante disso, vale salientar que “[...] somos herdeiros de histórias já vividas. Ao mesmo tempo, deixamos nossas experiências para as gerações futuras” (PILETTI; PILETTI, 2002, p. 13). Com isso, a História promove o surgimento da identidade individual e grupal de um povo, sendo que a memória fruto da História, para Rodrigues (2007, p. 18) “[...] é uma forma de os indivíduos e as sociedades recompor a relação entre o presente e o passado, para manter o equilíbrio emocional”, que perpetuará sua condição futura e servirá de alicerce para o conhecimento da herança e para as tomadas de decisões. Isto confirma o fato dos estudantes terem admitido a História pertinente ao presente e ao futuro.

Conforme ainda, a exposição do gráfico 05, observou-se que o curso de História (45%), difere-se deste posicionamento, pois considera com mais ascendência a relevância da História para o desenvolvimento social, cultural, memorial e político do homem, isso se atribui ao fato da perspectiva histórica que se encontra internalizada nos estudantes deste curso, devido a isso, eles percebem a relevância desta, incorporada aos referidos aspectos e a responsabilidade deles e todo e qualquer cidadão acerca da continuidade desse valor. É importante ressaltar que uma parte considerável do curso de Biblioteconomia (34,6%) e Ciências Sociais (38,5%) concorda com esse posicionamento.

Assim, os estudantes de História consideram que: “não há como se acompanhar o desenvolvimento do homem sem acompanhar o desenvolvimento do próprio saber deste. Saber no sentido de conhecimento sobre si e sobre os outros, que permite a sua organização social entre outras ações, isto tudo só é possível com o estudo da História”. Em consonância a isso, afirmam também que “[...] a história é construída através do desenvolvimento social, cultural, memorial e político do homem”. Além disso, “o conhecimento do passado é de fundamental importância para a formação e identificação cultural e histórica da população”.

E isto permite analisar a História sob a perspectiva do homem como ator principal desta ciência que vive intrinsecamente relacionado à mesma, interferindo e sendo interferido por esta por meio da ação social quando refletir e tentar tomar decisões que solucionem problemas relacionados à sociedade; cultural ao fazer parte de uma cultura a ponto de emitir a mesma em suas características; memorial ao preservar ou constantemente resgatar lembranças que lhe façam conhecer o passado, a fim de confirmar sua existência política quando prima por uma sociedade organizada ou organiza seu espaço.

Assim, Piletti e Piletti (2002, p. 13, grifo do autor) afirmam que “[...] nos relacionamos sempre com o passado, seja por aquilo que dele ainda *permanece* em nossa sociedade, seja pelas *rupturas* e pelo *surgimento do novo*”, pois quando atualmente nos deparamos com baixos salários, trabalho escravo e exploração infantil e outros problemas que afligem a sociedade, percebemos que estes aspectos negativos também permearam nosso passado e continuam rodando nosso presente, entretanto, espera-se que essa não seja a realidade de nosso futuro, pois com ação de vários atores sociais conscientes de sua cidadania e responsabilidade social poderemos transformar essa realidade escura numa realidade de luz. Aproximando esse enfoque no campo da Biblioteconomia, admiti-se que “[...] o bibliotecário, consciente e engajado no seu papel social, pode colocar em prática o seu discurso sobre o significado da informação para a construção da cidadania”. (MORIGI; VANZ; GALDINO, 2002, p. 143). Portanto ele é um dos profissionais responsáveis pela admissão e consciência

histórica do indivíduo, traduzindo a informação que possa resgatar o passado, configurando a reflexão sobre o presente, a fim de racionalizar mudanças acerca de uma realidade problemática e vislumbrar um novo futuro.

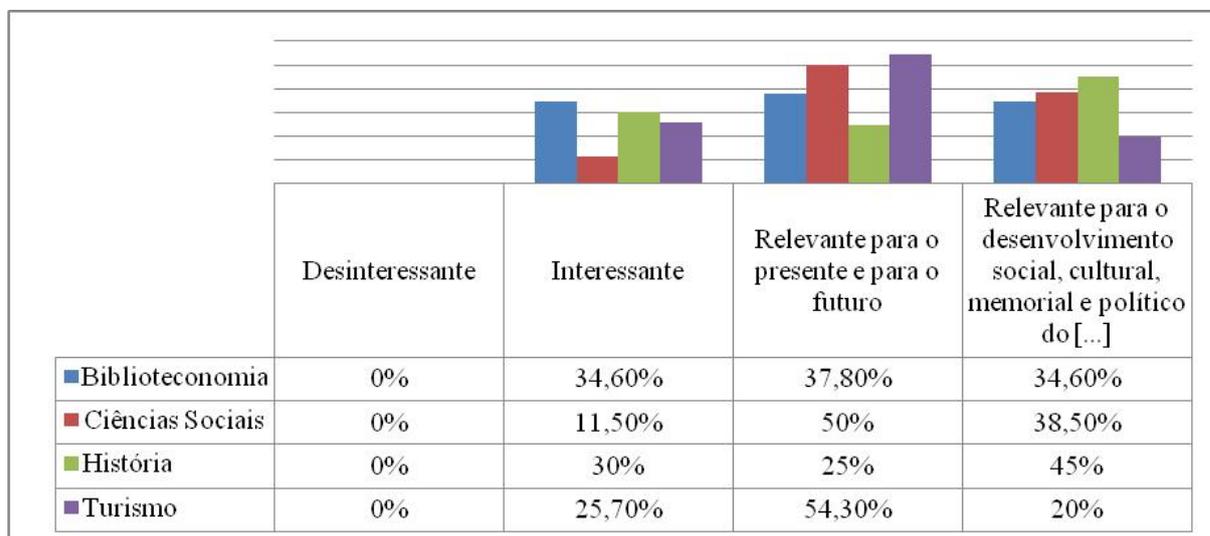


Gráfico 05 – Representação esquemática do grau de importância atribuída a História.

Diante da relevância atribuída à história, houve a necessidade de questionar aos estudantes se havia alguma relação entre história, fontes históricas e patrimônio cultural, a partir disso, obteve-se uma afirmação unanimidade por parte do curso de Ciências Sociais quantificando 100% e quase unânime nos cursos de Biblioteconomia, História e Turismo, apresentando respectivamente os valores referentes a 96%, 92,3% e 97,1%, representados no gráfico 06. Borrifasse

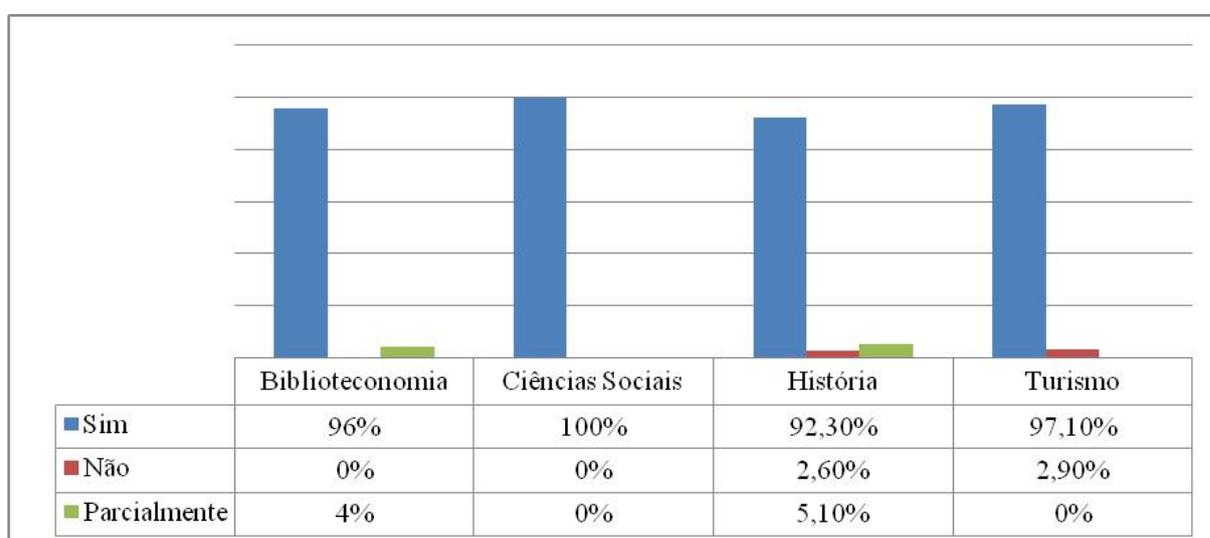


Gráfico 06 – Representação esquemática referente à relação existente entre História, fontes históricas e patrimônio cultural

Nessa perspectiva, o reconhecimento dos estudantes de forma praticamente unânime, no se refere, a relação existente entre a História, as fontes históricas e o patrimônio cultural, confirma-se quando estes afirmam que “as fontes históricas e o patrimônio cultural podem servir de objetos de estudo para a análise historiográfica”. Sendo assim, “o patrimônio cultural de um determinado lugar é construído a partir da história deste, que pode ser observada nos documentos (fontes)”. Pode-se notar que essas afirmativas superaram as expectativas pré-estabelecidas no estudo, no fato de se perceber que essa relação entre a ciência denominada História e seus alicerces chamados de fontes históricas e patrimônio cultural é compreendida de modo abrangente pelos estudantes, quando descrevem ainda que “patrimônio cultural e fontes históricas estão intrinsecamente relacionadas com a história, pois são as provas concretas daquilo que a história investiga” e “é a partir das fontes históricas e do patrimônio cultural que podemos ter acesso a história do local”.

Enfatizam o resgate da história local e a relação intrínseca desses aspectos em questão, mostrando que “a história é documentada através de suas fontes e sua maior referência é seu patrimônio cultural” e assim, “para entender a história é necessário uma investigação por meio de fontes históricas e o patrimônio cultural é um indício uma prova de acontecimentos históricos”. Sendo o patrimônio cultural e as fontes histórias considerados indícios de História, traduzindo para nós a compreensão desta relação.

Evidenciam também, que “a partir das fontes históricas a história vai se construindo explicando aspectos físicos, culturais e sociais de um povo e essas fontes descobertas (reliquias) passar a ter um valor cultural de grande dimensão a ponto de se tornar patrimônio cultural”. Diante desse olhar de construção e descobertas, analisam sob a luz da memória histórica que “[...] todos os fatos e elementos contidos na história, nas fontes históricas, assim como o patrimônio cultural fazem parte da memória da sociedade”.

Portanto, estes dados favoráveis a relação da História, fontes históricas e patrimônio cultural relevam de modo tangível que um complementa o outro e juntos formam o passado de uma sociedade, demonstrando a forma de vida, assim como, refletindo acerca do modo de pensar de nossos antepassados. Desse modo, conclui-se que tanto as fontes históricas como o patrimônio cultural são responsáveis pela construção da História, permitindo a desenvoltura do homem em garantir a memória, a cidadania e a perpetuação dos valores culturais. Nesse sentido, Petta e Ojeda (1999, p. 1) ressaltam que “[...] o conhecimento histórico é uma reconstrução dos fatos passados a partir de fontes históricas, ou seja, é o nosso pensamento de hoje tentando alcançar o modo de pensar e de viver de outros tempos e de outros povos”. Consoante a isso, expõe-se que:

Patrimônio cultural é a soma dos bens culturais de um povo, que são portadores de valores que podem ser legados a gerações futuras. É o que lhe confere identidade e orientação, pressupostos básicos para que se reconheça como comunidade, inspirando valores ligados à pátria, à ética e à solidariedade e estimulando o exercício da cidadania, através de um profundo senso de lugar e de continuidade histórica. (MINAS GERAIS, [200_?], não paginado).

É interessante denotar que existe uma intensa proximidade entre as fontes históricas e o patrimônio cultural no se refere a alguns aspectos característicos e mediante a função de remontar a História, sendo diferidos pelo fato das fontes históricas terem um caráter mais abrangente, pois a memória humana é considerada uma fonte, enquanto que o patrimônio cultural limita-se apenas a bens materiais e imateriais que demonstrem a cultura de uma sociedade. Diante desse destaque dado as fontes históricas e patrimônio cultural, pode-se perceber como a História é relevante para as outras áreas, pois tem a finalidade de explicar a existência de algo ou então o surgimento de uma ciência, contribuindo para o desenvolvimento e prática de muitos profissionais.

Dentre as áreas em que existe uma interdisciplinaridade direta com a História, aborda-se a Biblioteconomia que segundo Morigi, Vanz e Galdino (2002, p. 143) “[...] precisa ser vista como parte da totalidade do processo de constituição da configuração histórica da sociedade”. Pois a Biblioteconomia tem um caráter investigativo no trato da informação e através disso, precisa de fontes que permitam a recuperação concreta da informação solicitada pelo usuário. Sendo assim, essa área conta com o auxílio das fontes históricas e consequentemente do patrimônio cultural para também fazer parte do processo, a fim de constituir a história de uma sociedade.

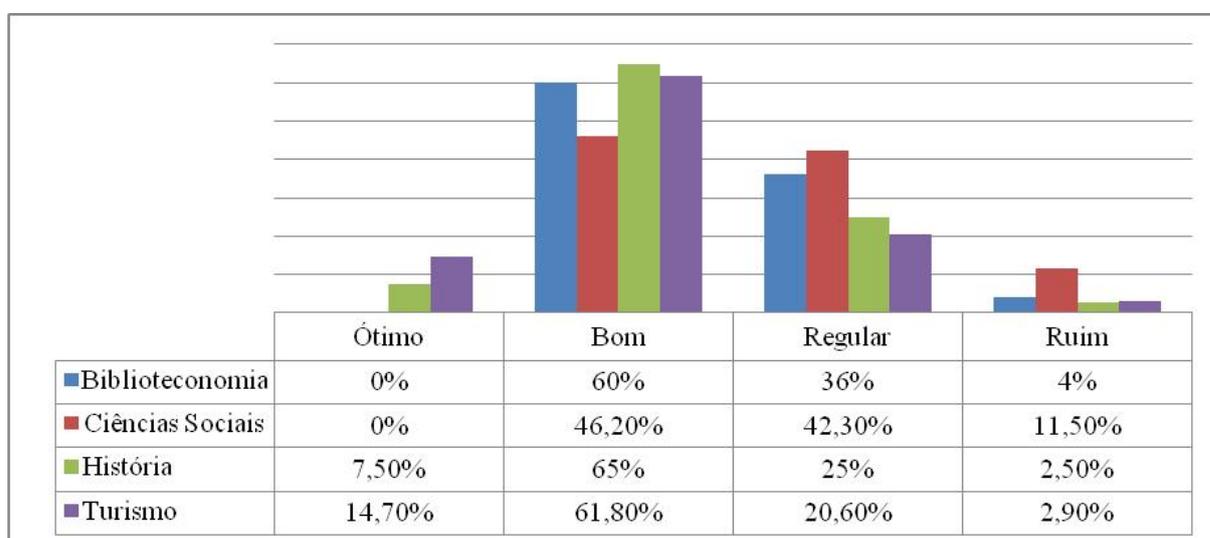


Gráfico 07 – Representação esquemática relacionada ao nível de conhecimento sobre fontes históricas e patrimônio cultural.

Em relação ao nível de conhecimento acerca das fontes históricas e patrimônio cultural, verificou-se que os índices mais significativos perpassaram pela opção determinada pelo termo bom, com 60% para o curso de Biblioteconomia, 46,2% para o curso de Ciências Sociais, 65% para o curso de História e 61,8% para o curso de Turismo. Entretanto, a título de informação, é conveniente comentar que mesmo depois de terem reconhecido a relação entre a História, fontes históricas e patrimônio cultural no quesito anterior, houve um percentual de 123,9% de estudantes dos cursos de Biblioteconomia (36%), Ciências Sociais (42,2%), História (25%) e Turismo (20,6%) que avaliaram o nível de conhecimento sobre fontes históricas e patrimônio cultural de forma regular e outros percentuais encontram-se distribuídos entre as opções: ótimo e ruim.

Nessa perspectiva, inferi-se que mesmo diante dos referidos índices verificados no gráfico 07, atribuídos a opção regular, isso não desfavorece o fato de ter sido detectado que os estudantes possuem em sua maioria um bom conhecimento, no que diz respeito às fontes históricas e patrimônio cultural. Pois, supõe-se que esse bom conhecimento reconhecido pelos estudantes pode viabilizar a conscientização dos mesmos em preservar e conservar essas categorias em questão, beneficiando a construção e o desenvolvimento da História. Pois é importante ressaltar a necessidade do indivíduo em conhecer as **fontes históricas**, “para analisar e interpretar os acontecimentos históricos”. (RAMALHO, 2009, não paginado) e o **patrimônio cultural** para perceber que o mesmo “[...] está presente em toda parte, não para ser simplesmente consumido pelo turista, mas para servir-lhe de elemento de reflexão”. (FUNARI; PINSKY, 2004, p. 10).

Nota-se que esse conhecimento, pode valorizar a diversidade cultural, contribuir com o exercício da cidadania e com o respeito dado aos valores sociais e culturais de outros povos. Em se tratando das peculiaridades do estudo, enfatiza-se que a maior parte dos estudantes questionados do curso de Biblioteconomia possui um bom nível de conhecimento, que pressupostamente conduzirá o desempenho dos futuros profissionais bibliotecários, a fim de garantir de modo eficaz e eficiente o acesso a informação, permitindo que o indivíduo reconheça sua singularidade e sinta-se parte da sociedade em que se encontra inserido. Nesse sentido, aborda-se o fato deste indivíduo conhecer a herança histórico-cultural deixada pelos nossos antepassados, cujo intuito é estimular a formação da memória individual e coletiva do ser humano e promover a cidadania.

A isso, Mongi, Vanz e Galdino (2002, p. 143) afirmam:

[...] que essa promoção [da cidadania por meio da democratização da informação] favorece a compreensão dos direitos e deveres de cada cidadão e o bibliotecário, consciente e engajado no seu papel social pode colocar em prática o seu discurso sobre o significado da informação para a construção da cidadania.

Segundo os autores, o profissional bibliotecário precisa constantemente conscientizar-se de sua responsabilidade social em promover a relevância da informação para que o indivíduo possa construir sua história e cidadania. Equivalente a isso, observa-se atualmente, ainda que de forma tímida, que esse profissional tem assumido seu papel social, promovendo por meio do conhecimento histórico tem transformado realidades negativas em realidades positivas. Sendo assim, espera-se que não só os bibliotecários mais também que indivíduo possa reconhecer que as fontes históricas e o patrimônio cultural são categorias pertinentes a sua história.

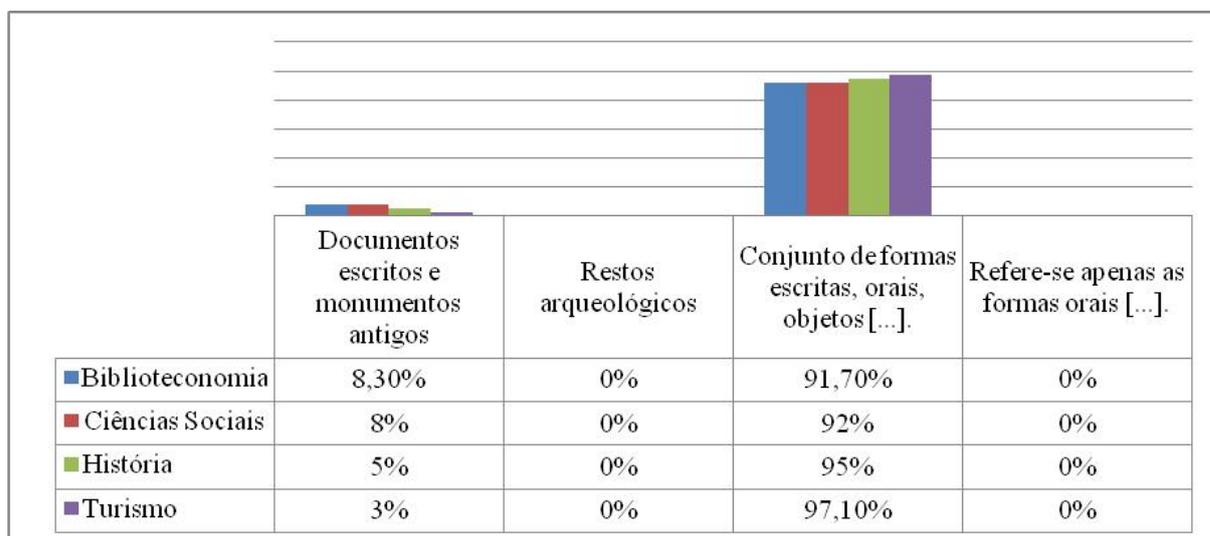


Gráfico 08 – Representação esquemática referente ao quê os estudantes pensam sobre fontes históricas.

Os gráficos 08 e 09 permite-nos confirmar com mais abrangência como os estudantes, a partir do conhecimento que cada um possui acerca das fontes históricas e patrimônio cultural, pensam e conceituam fontes históricas e patrimônio cultural. No que se refere ao gráfico 08, relacionado ao que os estudantes pensam sobre as fontes históricas, percebeu-se que a maioria dos estudantes de Biblioteconomia (91,7%), Ciências Sociais (92%), História (95%) e Turismo (97,1%) atribuem as fontes históricas o seguinte pensamento: conjunto de formas escritas, orais, objetos, dentre outros que resgatem vestígios da História. O que vai de encontro com o que diz Accioly (2007, não paginado) quando informa que: “Fonte Histórica é a denominação de todo ‘artefato’, escrito ou não, que preserve, de alguma forma, a história de uma época, de uma civilização ou de qualquer objeto de estudo”. De acordo com esse pensar dos estudantes e o que diz o autor é possível admitir o

quanto essa fonte constitui-se em vários artefatos que evidenciem com propriedade e abrangência, a possível veracidade dos fatos que História propuser a estudar.

Por outro lado houve uma minoria de estudantes que fazem parte destes cursos citados que optou por documentos escritos e monumentos antigos, atingindo um percentual de 24,2%. Por meio desta abordagem, teve-se a possibilidade de considerar, o nível de relevância e sensibilidade que os mesmos conferem a esta fonte, reconhecendo um entendimento limitado ou abrangente a partir da opinião de cada um. Daqui se pode concluir que o fato dos estudantes inquiridos terem optado pela alternativa referente ao conjunto de formas escritas, orais, objetos, dentre outros que resgatem vestígios da História, identifica as vantagens das fontes históricas, e isso é fundamental para promoção do conhecimento e da relevância destas fontes para desenvolvimento do homem.

No que se trata do gráfico 09, referente ao conceito atribuído pelos estudantes ao patrimônio cultural, salienta-se que houve uma coincidente preponderância entre os cursos de Biblioteconomia, Ciências Sociais, História e Turismo, apresentando respectivamente os valores de 75%, 65%, 63% e 55,9% direcionados a opção que arrola ao patrimônio cultural o conceito de representar e resgatar a cultura de uma sociedade, tendo em média 65% dos estudantes pesquisados. No entanto, foi detectado que o conceito que mais se aproxima da definição de patrimônio cultural relacionado ao resgate da identidade e memória do homem, obteve um baixo índice, apresentando 16,7%, 27%, 21% e 44,1%, atingindo uma média de 27,2%, vale ressaltar, que o primeiro não está de todo modo incorreto, mas só atribui a esta categoria o valor cultural, sendo esta considerada uma desvantagem para esta definição, pois este tipo de patrimônio possui uma atribuição mais ampla do que apenas o resgate cultural.

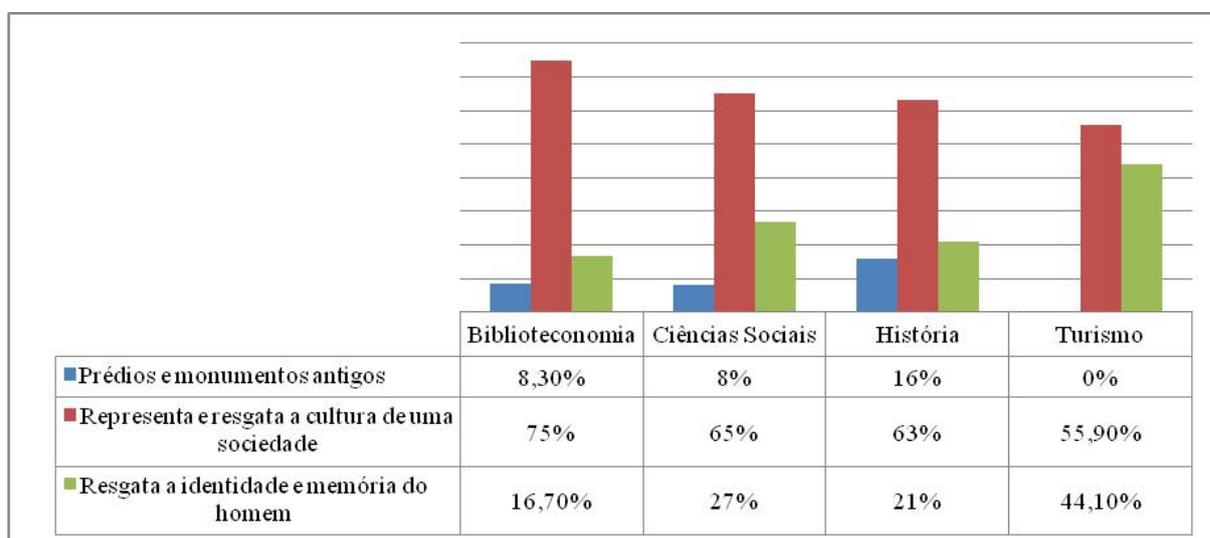


Gráfico 09 – Representação esquemática acerca do conceito atribuído ao patrimônio cultural.

Quanto ao conceito referente a prédios e monumentos antigos obteve-se uma média mínima de 7,95%, sendo este uma forma limitada de reconhecer o patrimônio cultural.

No que diz respeito ao valor dado ao conceito de resgate da identidade e memória, Rodrigues (2007, p. 17) expõe que o patrimônio cultural é valorizado

[...] como um fator de memória das sociedades. [...] além de servir ao conhecimento do passado, os remanescentes materiais de cultura são testemunhos de experiências vividas, coletiva ou individualmente, e permitem aos homens lembrar e ampliar o sentimento de pertencer a um mesmo espaço, de partilhar uma mesma cultura e desenvolver a percepção de um conjunto de elementos comuns que fornecem o sentido de grupo e compõem a identidade coletiva.

De acordo com o autor o patrimônio cultural dá ênfase com mais afinco ao resgate da identidade e memória do homem, sendo que esse valor memorial é essencial para que o mesmo sinta que pertence a um espaço e possui uma cultura comum, dando sentido ao desenvolvimento de sua vida. A partir disso, fornece a identidade através da memória (lembranças vividas ou lembranças contadas a partir de alguns artificios) particular e coletiva que garante ao homem a certeza de sua existência e apresenta a confiante direção de seu caminho. De todo modo é compreensível o fato dos estudantes terem associado o patrimônio cultural ao resgate da cultura, pois o próprio nome é um indicativo e essa não deixa de ser uma de suas funções.

Portanto, conclui-se que diante do baixo índice dado ao conceito que mais se aproximava de patrimônio cultural, foi identificada certa limitação no conhecimento exposto pelos estudantes inquiridos, quando declararam apenas a cultura como fator principal. Dessa forma, é de fundamental relevância esclarecer que com esta restrita opinião, não será percebido o amplo valor que o patrimônio cultural tem ao dar significado ao desenvolvimento do homem, pois resgata assim as fontes históricas, o passado, as lembranças e particulariza ou torna coletivo este homem no âmbito social.

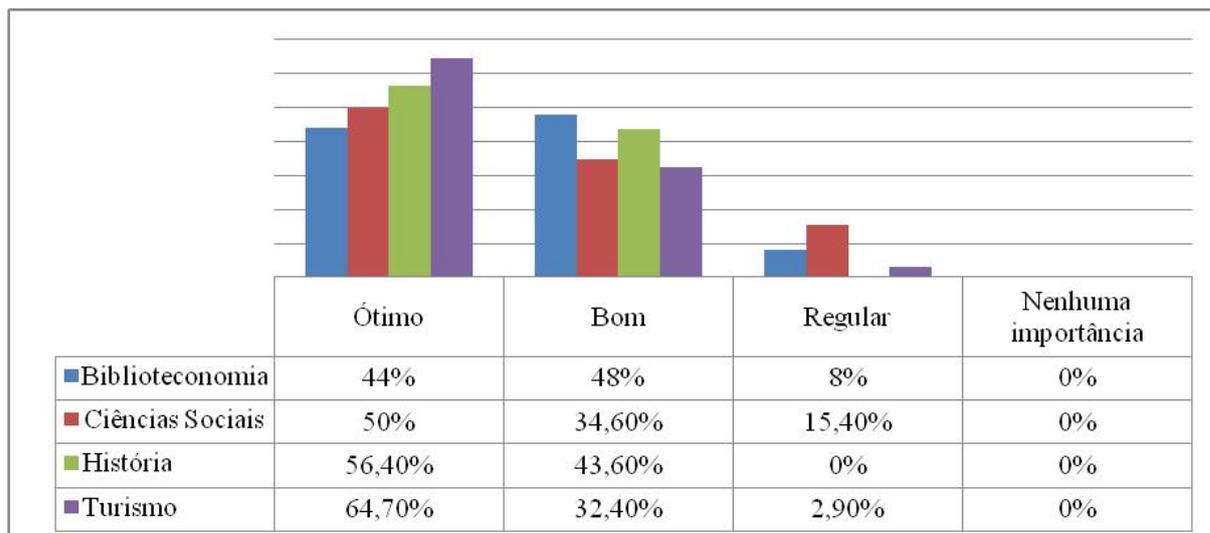


Gráfico 10 – Representação esquemática do nível de importância aplicado às fontes históricas e patrimônio cultural ludovicense.

Quando indagados sobre o nível de importância aplicado às fontes históricas e patrimônio cultural ludovicense, obteve-se respectivamente 44%, 50%, 56,4% e 64,7%, sob uma média de 54% de estudantes dos cursos Biblioteconomia, Ciências Sociais, História e Turismo que responderam que tanto as fontes históricas quanto o patrimônio cultural de São Luís possui um ótimo nível, como pode ser observado no gráfico 10.

Para tanto, afirmaram que “São Luís é uma cidade onde qualquer pessoa respira história. Sua arquitetura, principalmente do Centro Histórico proporciona uma alusão regular de como ela seria no séc. XVIII-XIX. Outros concordam entre si que as fontes históricas e o patrimônio cultural ludovicense constituem-se em guardiões do passado e da cultura, a fim de contribuir com a formação e reconhecimento da identidade cultural. Sendo essa “[...] uma forma de preservar a história e a memória cultural de São Luís”. Essa preservação tem como intuito “[...] cultivar valores, costumes que faz uma sociedade diversificada”. Sendo assim, argumenta-se que “[...] essas fontes históricas e todo conjunto cultural que a cidade de São Luís possui é que a fez patrimônio cultural da humanidade e capital brasileira da cultura”.

Essas opiniões reforçam a relevância relacionada às fontes históricas e o patrimônio cultural existente na cidade de São Luís, indicando sua contribuição no enriquecimento da mesma. Em reforço a este entendimento Pereira (2001, p. 21) afirma que a “[...] evolução histórica da cidade de São Luís, [...] contempla todos que a visitam ou residem no mais belo complexo arquitetônico colonial com particularidade da arquitetura portuguesa, e os quais, tornaram-na Patrimônio da Humanidade”.

O autor supracitado ressalta que esse complexo arquitetônico resultou de um expressivo desenvolvimento, configurado num conjunto de elementos referente à fundação

francesa, colonização portuguesa e invasões holandesas, além das heranças indígenas e negreiras, as quais formaram a cidade de São Luís. E esses elementos constituintes, compõem as fontes históricas e o patrimônio cultural que retratam o passado e recontam essa história aos ludovicenses. Com efeito, esta capital tornou-se um local capaz de ser contemplado pelos ludovicenses e pelos turistas.

Nesse contexto, percebe-se que a maior parte dos estudantes possui uma opinião favorável a relevância das fontes históricas e patrimônio cultural ludovicense, pois reconhece que por meio destes dois instrumentos de resgate histórico, podemos identificar a nossa história, estilos predominantes, manifestações culturais próprias e as peculiaridades que nos tornam singulares em relação a outras sociedades.

Enfatiza-se ainda, em meio às opiniões, que uma parte considerável avalia as fontes históricas e patrimônio cultural através do nível bom, atingindo uma média de 40% (Gráfico 10) dos estudantes questionados. Essa avaliação teve a justificativa de que “essas fontes junto com o patrimônio nos dão base para tentar compreender a história de nossa sociedade e cidade e por isso têm um papel de suma importância dentro desse contexto”. Pois, “fazem parte da história do povo ludovicense, poderá melhorar se tivéssemos mais conscientização e preservássemos todos os monumentos da cidade”.

Com isso, é possível refletir sobre o valor que devemos dar a estes instrumentos da História que segundo um estudante “[...] não são exploradas ao máximo e também preservadas”, afetando a perpetuação destas heranças que permitem mediante a opinião de outro estudante “[...] as futuras gerações saberem que possui uma história e passado”. Por outro lado, de uma forma mais favorável às fontes históricas e ao patrimônio cultural, um estudante relata que estes “[...] [possuem] uma grande relevância para o povo ludovicense e também para outras pessoas que apreciam a cultura maranhense”.

Com uma média de 7% (Gráfico 10), uma pequena parte dos estudantes classificou como regular o nível das fontes históricas e patrimônio cultural ludovicense. Desse modo, na opinião de um estudante “o tratamento e a ênfase dada é muito aquém do necessário de modo geral, as políticas culturais do estado são muito limitadas deficientes não alcançando a população de modo efetivo e o pouco feito no âmbito material é bastante questionável”. Outro expõe que “falta maior respeito com a preservação”. Para completar, verificou-se certa limitação quando alguns estudantes ressaltaram que “não temos muitas fontes para explicar nosso passado” e que não se preocupam com estas questões.

Nessa perspectiva, Ferreira Junior (2006, p. 40) enfatiza que

[...] a sociedade maranhense no seu dia-a-dia parece não reconhecer que faz parte desse patrimônio, relegando à história as suas riquezas do passado. Um passado tão distante, não se reconhecendo nos casarões com seus gradis, suas fachadas, nas ruas e becos, nas praças com monumentos despercebidos no corre-corre do cotidiano. Numa cidade latente de lembranças evocadores das mais diferentes memórias individuais numa atmosfera viva de um passado dinâmico com o presente.

Portanto, mesmo que a pesquisa tenha obtido um índice favorável a relevância das fontes históricas e patrimônio cultural ludovicenses, é necessário refletir acerca dos enfoques negativos detectados nas opiniões, possivelmente geradas pela falta de uma preservação mais consciente por parte de todos os cidadãos ludovicenses e pelo não reconhecimento desses instrumentos históricos que pode ser gerado, como justifica autor, devido a correria do dia-a-dia. Deste modo, cabem aos profissionais, em destaque os profissionais bibliotecários de São Luís, internalizar de modo constante essa relevância, por meio da promoção de palestras, eventos que tratem deste assunto, exposições de fotos, pinturas e obras de arte que evidenciem as fontes históricas e o patrimônio cultural existente na cidade. E assim, propiciar um conhecimento consciente aos ludovicenses, proporcionando a estes instrumentos históricos o valor necessário e conscientizando os ludovicenses de sua responsabilidade enquanto agente de preservação da história, cultura, memória e conseqüentemente identidade da capital de São Luís.

Nessa perspectiva, visualiza-se que a biblioteca constitui-se no local mais recorrido pelos estudantes de Biblioteconomia (76%), Ciências Sociais (96%), História (60,5%) e Turismo (80%), no que se refere à realização de uma pesquisa, como exposto no gráfico 11, sendo esta uma das instituições culturais que fornecem o acesso a estas fontes históricas e patrimônio cultural, ou que propriamente constituem nestes instrumentos da História.

Quanto ao museu, que por natureza acarreta uma maior proximidade com a história e conseqüentemente com as fontes históricas e patrimônio cultural, sem desmerecer a relevância das bibliotecas e dos arquivos neste processo, obteve-se um baixo índice de opiniões, apresentado 16%, 2,6% e 10% por parte dos estudantes de Biblioteconomia, História e Turismo, e 0% no diz respeito aos estudantes de Ciências Sociais, demonstrando que eles não reconhecem o museu como espaço de pesquisa. Verificou-se também que a instituição arquivo de acordo com os referido cursos alcançou os índices de 4%, 4%, 37% e 10% e a opção outro registrou apenas 4% por parte do curso de Biblioteconomia, cujas justificativas mais freqüentes envolveram o uso da internet e de modo geral relataram que a escolha de uma determinada instituição cultural depende do objeto de estudo, conforme o gráfico 11 e a livre opinião dos estudantes.

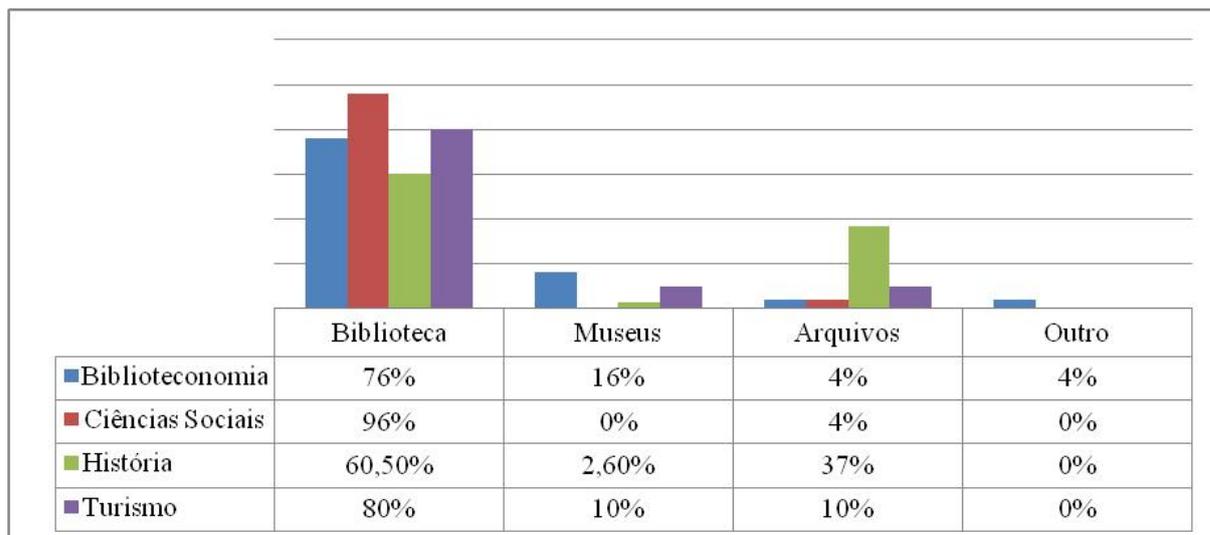


Gráfico 11 – Representação esquemática acerca do primeiro local recorrido pelos estudantes ao realizar uma pesquisa.

Em se tratando do foco de estudo, a análise pôs em evidência o museu como espaço de pesquisa. Equivalente a isso, Campello e Caldeira (2005, p. 142) dizem que “entre as atividades educacionais desenvolvidas destacam-se a pesquisa e a divulgação do acervo, conduzidas por meio do estudo das peças da coleção de reserva e de exposições permanentes, além de mostras especiais, dirigidas a estudantes, principalmente”.

Entretanto, foi detectado um baixo percentual diante deste aspecto, que pressupõe como justificativa o pouco contato que por vezes os estudantes possuem durante a vida estudantil com o museu e a falta de estímulo a conhecer e perceber o valor dos mesmos. Isso acarreta uma questão histórica e cultural por parte do indivíduo, pois resgata o fato de no passado os museus serem templos de contemplação, alvo apenas das classes ricas, sendo alheio a todo e qualquer cidadão que não estivesse inserido na classe nobre. Apenas na década de 70, os museus

[...] deixam de ser espaços consagrados exclusivamente à cultura das elites, aos fatos e personagens excepcionais da história e passam a incorporar questões da vida cotidiana das comunidades [...]. Atuando como instrumentos de extensão cultural, desenvolvendo atividades para atender um público diversificado – crianças, jovens, idosos, deficientes físicos – e, ao mesmo tempo, estendem sua atuação para além de suas sedes, chegando às escolas, fábricas, sindicatos e periferias da cidade. (JULIANO, [200_?], p. 27).

Percebe-se que atualmente, os museus possuem outra realidade, por que eles são espaços abertos ao público e possuem uma amplitude muito maior do que outrora. No entanto, essa distância entre o público e o museu retratada no passado, pode constituir-se ainda no entrave que afasta o indivíduo desta instituição, mesmo que de forma espontânea. Pois hoje,

A sociedade passa por um dilema de valorização e desvalorização da memória. Ela é valorizada no momento em que se multiplicam os meios de registro e gravação dos fatos [...] e das instituições preservadoras, como, por exemplo, os museus, as bibliotecas e os arquivos. E é desvalorizada por não ser considerada essencial para o conhecimento, pois se pode usar máquinas ao invés da memória e também pela propaganda sempre oferecendo o “novo”[...]. (FERREIRA JUNIOR, 2006, p. 17)

Percebe-se que o autor enfatiza a preocupação que o indivíduo possui em ampliar o registro da memória e o número de instituições culturais que a resguardam, no entanto, desvaloriza a relevância da mesma para produção de conhecimento, devido à comodidade que as máquinas proporcionam ao homem ao armazenar uma gama de informações que podem a qualquer momento e em qualquer lugar recordar o indivíduo de algo.

Vale ressaltar, que essa memória pode ser também considerada importante, porém torna-se por vezes artificial e passageira, pois é reativada sempre que necessário e não fica totalmente guardada na memória humana. Além disso, vivemos bombardeados por uma série de propagandas que estão sempre induzindo o homem a ter algo novo. Essa desvalorização pode suscitada também pela falta de tempo ou desconhecimento do homem, no que se refere à relevância que os bens materiais e imateriais possuem no desenvolvimento da identidade memorial. Sendo assim, ressalta-se o quanto a memória é relevante para o conhecimento do ser humano, pois se encontra associada ao indivíduo por constituir a história e a cultura do mesmo, dando significado à existência deste.

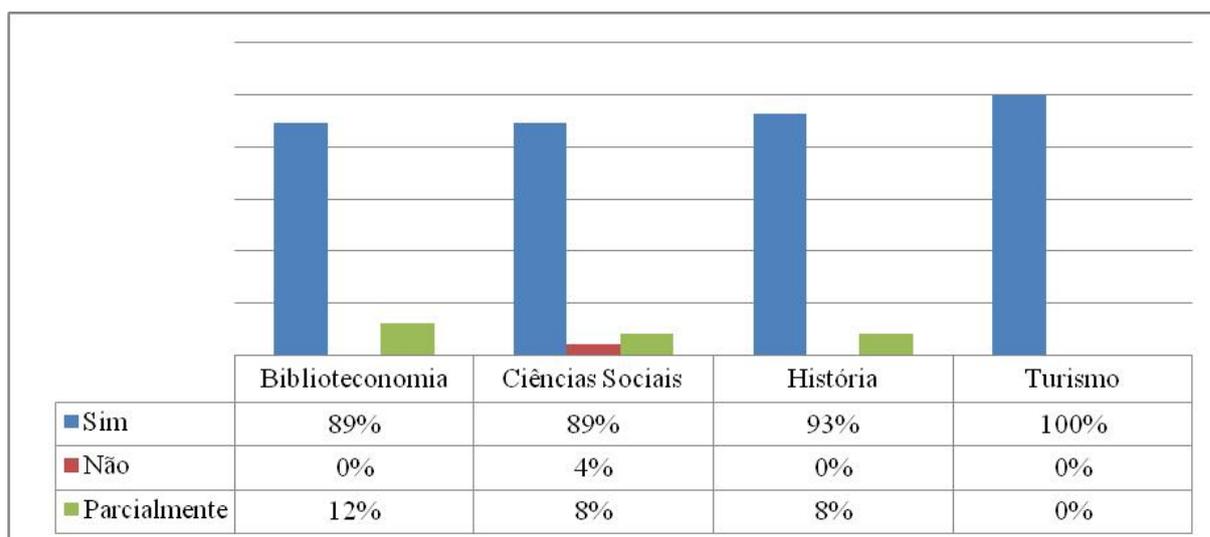


Gráfico 12 – Representação esquemática do ponto de vista dos estudantes acerca da relação entre museu, fontes históricas e patrimônio cultural.

Diante deste contexto, perguntou-se aos estudantes se há alguma relação entre museu, fontes históricas e patrimônio cultural, notou-se que o resultado foi positivo, atingindo 89%, para os estudantes de Biblioteconomia e de Ciências Sociais, 93% para os estudantes de

História e de forma unânime para os estudantes de Turismo, com 100%, mediante a apresentação do gráfico 12.

Isso vai de encontro com as informações de Kerriou (1992, p. 90) quando diz que “sua estreita relação com o patrimônio cultural estabelece sua função primordial, que é preservação do mesmo, e dela se desprendem as outras de investigação, recolha, conservação e exibição com fins de educação e lazer”. Percebe-se que em decorrência da relação estabelecida entre o patrimônio cultural e os museus, é instituído o ato de preservar e conservar os bens materiais e imateriais, através do entretenimento e desenvolvimento educacional.

Vale ressaltar, que de acordo com o gráfico 12, os resultados ao serem somados indicam também que 28% de estudantes dos cursos determinados, responderam que há uma relação parcial entre museu, fontes históricas e patrimônio cultural e que houve um percentual negativo de 4% por parte do curso de Ciências Sociais. Ainda que a pesquisa tenha adquirido estes resultados, o saldo positivo, atende as expectativa e garante a identificada relação.

No que tange a instituição museu, aborda-se que os maiores índices para a opção sim, foram identificados nos cursos de História e Turismo com 65% e 77%. Entretanto os cursos de Biblioteconomia e Ciências Sociais apresentam um índice elevado, no que se refere a alternativa negativa, demonstrado por meio dos valores 62% e 58%. Isso pode ser observado no gráfico 13.

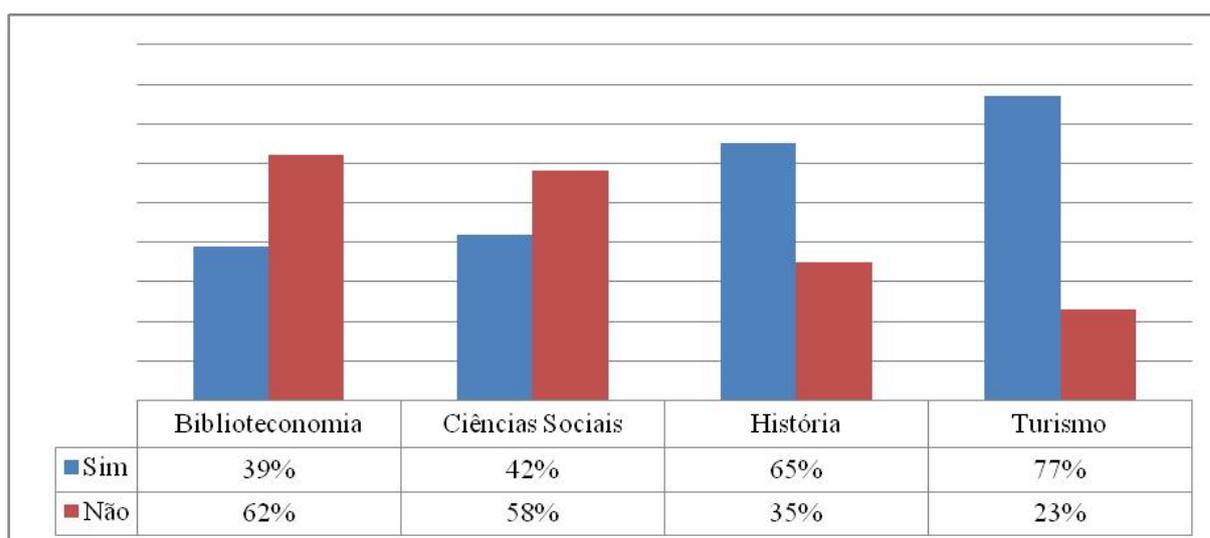


Gráfico 13 – Representação esquemática do número de estudantes que já visitaram o Museu Histórico e Artístico do Maranhão.

Nota-se que houve quase uma equiparidade entre os estudantes que já visitaram ou não o Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM). Mesmo que os resultados

contradigam o que se pré-estabelecia, é compreensível que o maior nível de visitação perpassasse pelos curso de História e Turismo, pois estes apresentam uma íntima afinidade com este museu, relacionada aos aspectos característicos condicionados principalmente a história ludovicense e ao fato deste ser um ponto turístico.

No que se trata dos estudantes que já visitaram o MHAM, foi identificado uma média de 55,7% dos cursos citados. Com isso, detectou-se que 13% dos estudantes de Biblioteconomia, 13% dos estudantes de Ciências Sociais, 24,6% do estudantes de História e 34,8% dos estudantes de Turismo frequentam anualmente o referido museu. Ainda mediante estes resultados, observou que as alternativas semanalmente e mensalmente constataam uma média de e sob os cursos apresentados, segundo o gráfico 14.

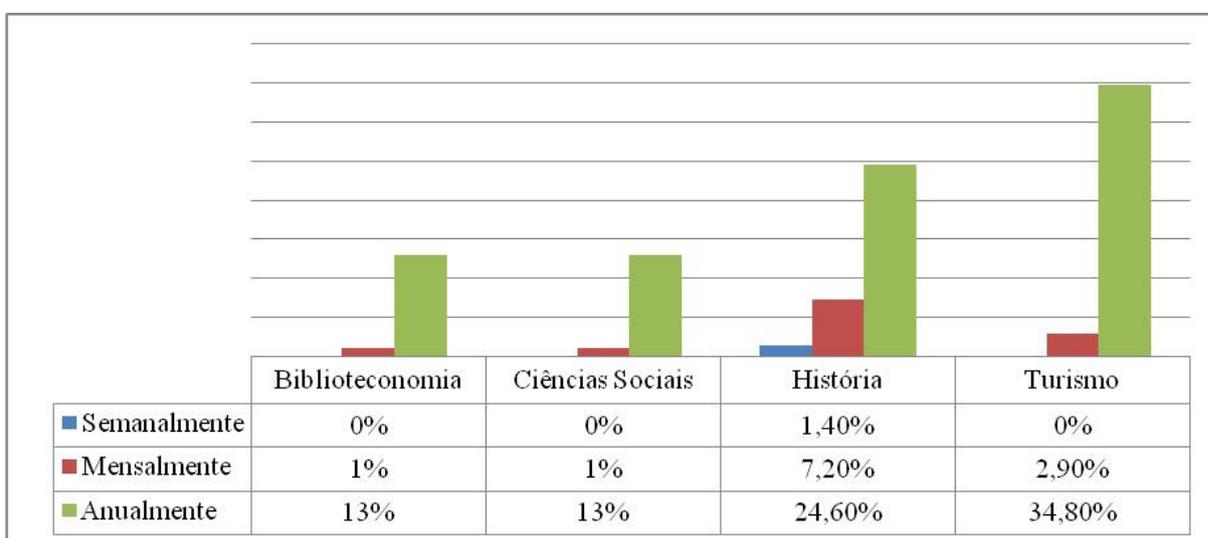


Gráfico 14 – Representação esquemática da frequência dos estudantes que já visitaram o Museu Histórico e Artístico do Maranhão

Portanto, esses resultados evidenciam que os estudantes não possuem a praxe de frequentar constantemente este museu, confirmando o fato deles não assumirem essa instituição cultural como espaço de pesquisa, pois supõe-se que se houvesse este reconhecimento os resultados referentes a frequencia seriam outros. Para tanto, a análise demonstrou que há uma rara frequencia ao MHAM.

Quanto aos estudantes que ainda não visitaram o MHAM, obteve-se uma média de 44,5% dos universitários questionados, sob essa média observou-se que 28,3% de estudantes de Biblioteconomia, 26% de Ciências Sociais, 25% de História e 15% de Turismo admitem que sentem vontade de visitar este museu. (Gráfico 15).

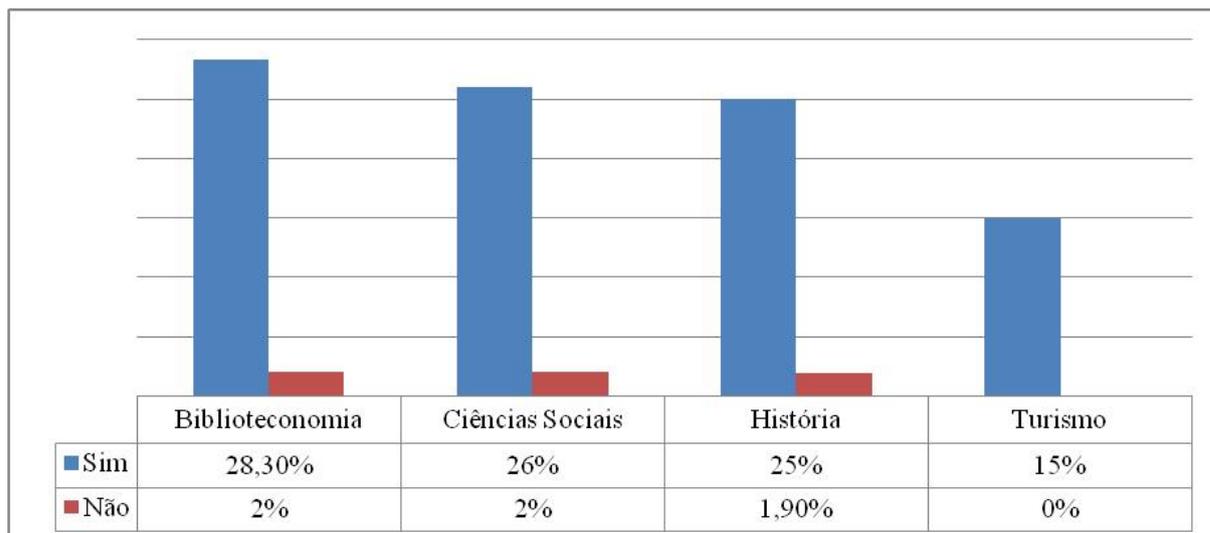


Gráfico 15 – Representação esquemática do número de estudantes que admitiram não ter ainda visitado o MHAM, mas que sentem vontade visitar o mesmo.

Deste modo, a análise constatou que em média 95% destes estudantes, sentem vontade de visitar o referido museu. Sendo este resultado satisfatório para o estudo, pois pressupõe uma relevância atribuída ao museu por parte dos estudantes questionados. Pois “á visita a museus desperta a curiosidade, aprimora a opinião, exercita o espírito crítico sobre o legado das diversas civilizações, desenvolve novos hábitos culturais e possibilita uma visão de mundo diversificada”. (CALDEIRA, 2005, p. 143). Considera-se então que a visita a museus é uma relevante atividade para o desenvolvimento do ser humano.

Diante desta análise, perguntou-se aos estudantes que já visitaram ou não o MHAM, como eles avaliavam este museu frente à sociedade ludovicense, detectou-se que a maioria reconhece que o MHAM constitui-se numa fonte histórica e patrimônio cultural relevante para preservação da memória histórica ludovicense, atingindo em média o valor de 73,6%. Outra opção que alcançou um índice favorável refere-se ao fato de contribuir para a preservação da identidade cultural, alcançando a média de 11,1%, configurado no gráfico 16.

De acordo com isso, Ferreira Junior (2006, p. 40) confirma que “o MHAM é um lugar de memória evocativo de uma história revisada [...] [que] traz lembranças [...] que constroem a sociedade maranhense [...]”. Para tanto, pode torna concreta a memória coletiva e individual dos ludovicenses, por meio de fragmentos da história retratados em objetos expostos, os quais se constituem em vestígios que confirmam essa história e reconhecem a identidade histórico-cultural da sociedade em questão.

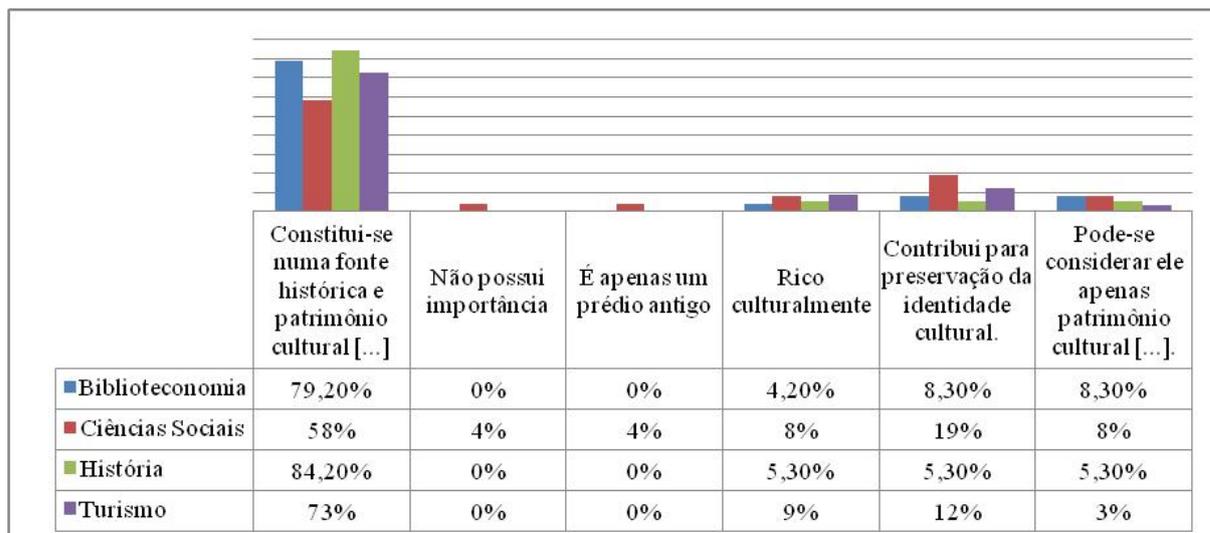


Gráfico 16 – Representação esquemática da avaliação dos estudantes sobre o Museu Histórico e Artístico do Maranhão diante da sociedade ludovicense.

Apesar das expectativas terem sido alcançadas, atingindo um resultado favorável ao reconhecer que o MHAM é uma fonte histórica e patrimônio cultural ludovicense, além de ter sido considerado necessário para a preservação da identidade cultural, torna-se importante apresentar a média percentual (Gráfico 16) dos estudantes que não o consideram desta forma ou possuem uma percepção limitada do mesmo, por meio das seguintes opções:

- a) não possui importância (1,7%);
- b) é apenas um prédio antigo que foi construído no século XIX (1%);
- c) rico culturalmente (6,6%);
- d) pode-se considerar ele apenas um patrimônio cultural indispensável para a conservação da história cultural de São Luís (6,1%).

Deste modo, foi possível comparar estatisticamente que a análise inicial em relação aos resultados demonstrados anteriormente, tem um quantitativo elevado e confere sem dúvida ao MHAM o título de fonte histórica e patrimônio cultural ludovicense.

Mediante a avaliação dos estudantes frente ao museu em destaque, percebeu-se mediante a apresentação do gráfico 17, que a maior parte dos estudantes assegura que este possui teor científico com uma média positiva de 89,8% diante dos cursos de Biblioteconomia, Ciências Sociais, História e Turismo. E afirmam que “a construção da História para ser vista como memória preservada precisa se respaldar a partir de conceitos, técnicas, documentos e qualquer outro elemento que possa dar um sentido verossímil [...]”. Por isso, “ele é um importante acervo da identidade do Maranhão, logo, serve de base para muitas reflexões, ajudando o desenvolver-se uma pesquisa, por exemplo.”

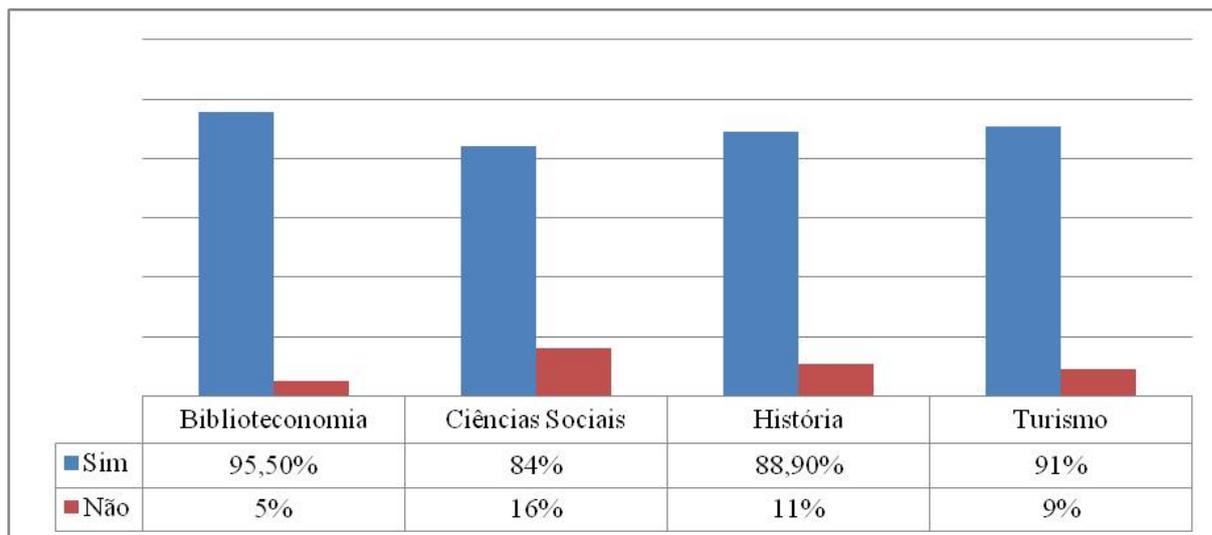


Gráfico 17 – Representação esquemática referente ao Museu Histórico e Artístico do Maranhão possuir teor científico.

Diante disso, aborda-se segundo Caldeira (2005, p. 147) que os museus históricos possuem agregado a sua natureza o teor científico e artístico por meio dos objetos que o constituem o mesmo e podem ser utilizados pelos visitantes, pois assumem uma característica didática. Isso pode ser identificado no caráter do MHAM quando um estudante ressalta que o teor científico é compreendido por este museu pelo fato de ser “[...] uma fonte histórica que resgata a identidade da sociedade, comprovando as informações acerca de um povo”. Pois ainda na visão dos estudantes, os objetos que o compõe são relíquias que confirmam a veracidade de acontecimentos que ocorreram no percurso histórico do Maranhão. Sendo assim, enfatiza-se que para termos acesso a essa veracidade podemos conta com o museu citado, pois de acordo com um dos estudantes, ele “[...] contribui e muito para o conhecimento de toda uma sociedade”.

Contrário a isto, identificou-se que houve uma média negativa de 10,2% de estudantes referentes aos cursos citados que não percebem ou desconhecem a cientificidade no âmbito do MHAM. Ainda que, exista esse percentual, houve um favorável resultado a respeito do teor científico existente neste museu, sendo que isso confirma o que fora pressuposto, contribuindo para abrangência de conhecimento.

Nesse sentido, observou-se que com a média de 95,8%, os estudantes dos cursos de Biblioteconomia, Ciências Sociais, História e Turismo assumem a relevância do MHAM para a disseminação da informação, mediante o gráfico 18. Desse modo, afirmam que “O MHAM é um local que possui uma inesgotável fonte de informação e de elementos que nos remetem ao passado”, pois se constitui dentre algumas observações descritas num “[...] centro

de disseminação da cultura ludovicense permite o visitante a conhecer o passado da cidade e resgatar a identidade”.

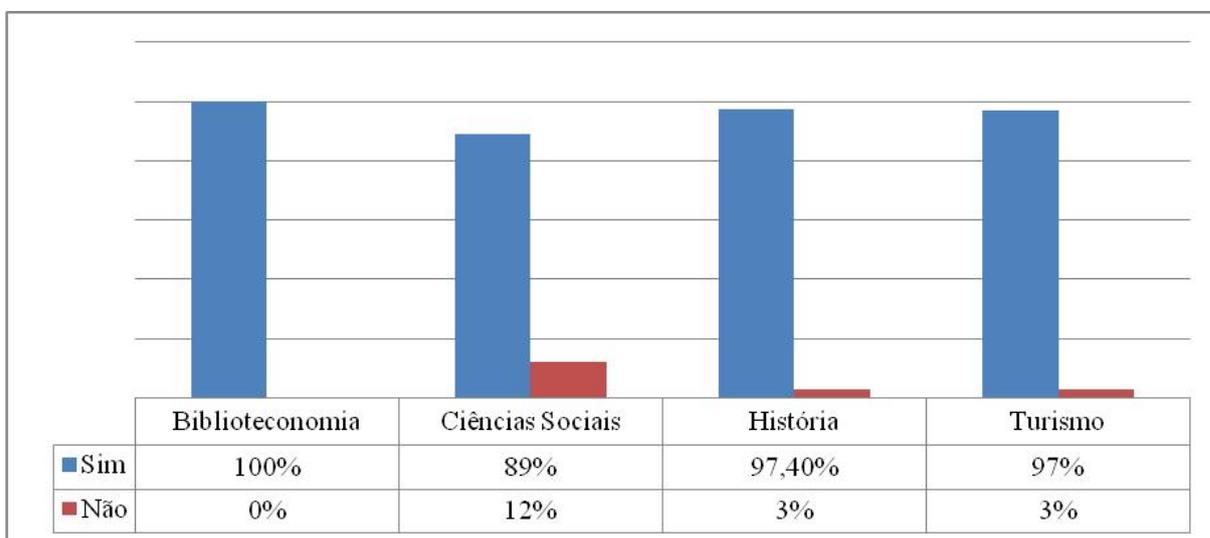


Gráfico 18 – Representação esquemática da importância do Museu Histórico e Artístico do Maranhão para a disseminação da informação.

Isso permite que o museu seja analisado sob as seguintes justificativas apresentadas: “uma vez que têm alto teor histórico e cultural ao ser visitado, este torna-se um importante meio de disseminação da informação ao divulgar a cultura ludovicense”. Pois “É uma instituição de caráter histórico que apesar de ser constituído de basicamente objetos e móveis, retratam e passam informações sobre o modo de vida de uma época. É uma forma de disseminar a informação histórica”. Diante ainda destas percepções expostas pelos estudantes, ressalta-se a precisão das informações, que reconhecem o MHAM como patrimônio e canal de comunicação devido o acúmulo de informações culturais disponíveis a comunidade ludovicense, e os fatos históricos emitidos por este museu transmitem a riqueza histórico-cultural.

Partindo das reflexões dos estudantes, Souza (2009, não paginado) complementa ao afirmar que: “a informação inserida no âmbito do museu pode ser concebida e manifestada a partir de uma série de aspectos e nuances que caracterizam o pensar e as práticas museológicas com vistas à construção de conhecimento”. O autor acentua a presença da informação nas particularidades do museu, enfatizando que o ambiente, as imagens, objetos, dentre outras instâncias são elementos informacionais que podem proporcionar ao visitante a aquisição deste bem, que compõe a matéria-prima do conhecimento. Em se tratando dos objetos museológicos, ressalta-se que os mesmos são provas da existência do passado, pois proporcionam ao indivíduo a partir da elaboração da informação, conhecer e aproximar-se do

que a priori pode ser desconhecido, sendo parte fundamental da construção deste conhecimento.

Diante da disseminação da informação traduzida pelo museu, Ferrez e Bianchini (apud SOUZA, 2009, não paginado) expõem que existe “[...] um paralelo entre a perspectiva museológica quanto aos sistemas de documentação e a questão dos sistemas de recuperação da informação no âmbito da Ciência da Informação”, conseqüentemente há um analogia entre o museu e a Biblioteconomia, pois este dispõe de uma estrutura formada por conceitos que suscite uma linguagem documental fundamental para a recuperação informacional, sendo possível perceber e analisar o objeto a luz dos significados que propicie a história e a cultura da sociedade na qual o homem encontra-se inserido. Conclui-se que a Museologia e a Biblioteconomia são áreas que possuem afinidade e assemelham-se em vários pontos, principalmente no que se refere à preservação, socialização e recuperação da informação.

8 CONCLUSÃO

Percebe-se que ao longo da História o homem foi deixando indícios de suas vivências e de seus feitos denominados de fontes históricas, que desvendem a memória, identidade e cultura do mesmo, relevando peculiaridades que denotam o encadeamento da origem humana. Considerando isso, são classificadas em vários formatos, desde desenhos pictográficos a produções cinematográficas, que possam ser transmitidos de geração a geração, pois são formas de registrar informações e garantir que o homem configure seu passado, contribuindo para a sua formação e desenvolvimento. Diante disso, compreende-se que o homem pode entender o presente quando se depara com situações negativas ou positivas da sociedade que se encontra inserido, no caso das situações negativas pode também por meio dessa compreensão buscar soluções que transforme esta realidade.

Nesse conjunto de instrumentos que referenciam a História, destaca-se o patrimônio cultural que arrola os bens materiais e imateriais, essenciais para que o homem conheça aspectos característicos que o identifica. Para tanto, ressalva-se que no Brasil a preservação e conservação do patrimônio desenvolveu-se na década de 30 com a criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. No entanto, sua valorização ocorreu apenas nos anos 70, com a assinatura do Compromisso Brasília, com ações, a nível federal, com intuito de proteger o patrimônio, permitindo que o indivíduo perceba que compartilha com outros indivíduos de um espaço comum. Desse modo, o patrimônio cultural abrange produções artísticas, costumes dentre outros objetos ou manifestações que traduzam os aspectos histórico-culturais do passado e do presente. Nesse sentido, tem a relevância de formar a identidade e singularidade de um povo, socializando o homem, bem como, apontando os pontos comuns que diferencie uma sociedade de outra.

Desta forma, procurou-se analisar as fontes históricas e a categoria patrimônio cultural sob a ótica dos museus, mediante uma abordagem interdisciplinar com a Biblioteconomia, pois tanto as fontes históricas quanto o patrimônio cultural podem ser aplicados ao campo da Museologia e da Biblioteconomia, devido à conservação e preservação da memória pelas instituições culturais que as representam, operada por meio da utilização de fontes de informação, dentre elas as fontes históricas em relação ao patrimônio cultural. Em decorrência disso, reúnem bens culturais que emanam informação, a fim de serem disseminados aos usuários ou público. A partir disso, observou-se que as instituições culturais figuradas em museus e bibliotecas existem sob a tríade: espaço, documento e comunidade que se encontram inseridas.

Em se tratando de museu, entende-se que são instituições culturais que resguardam a memória de uma sociedade, pois é um dos cerne que contribui para preservação da continuidade da história humana e disseminação da informação ao público que o contempla. Tendo em vista essa percepção, admiti-se o museu como um espaço que integra aspectos científicos, culturais e sociais, tendo a função de informar de modo ilustrativo e criativo, por meio de exposições permanentes ou temporárias, atividades e outras formas de interação que contribuam com a produção de conhecimento. Dessa forma, observa-se que os museus são relevantes desde a sua evolução iniciada na Grécia, sendo enriquecido e composto a cada época que perpassava, até atingir o potencial que apresenta atualmente.

Para abordar essa instituição cultural, teve-se como cenário a cidade de São Luís do Maranhão que se constitui numa capital marcada pelo potencial artístico e cultural revelado pelas manifestações culturais e pelo rico conjunto arquitetônico deixado por todos os povos que perpassaram a cidade desde a sua descoberta, fundação e desenvolvimento.

Dessa forma, considera-se a cidade de São Luís um espaço cabível ao estudo proposto, sendo favorável pelo encadeamento de fontes históricas e patrimônio cultural, que circundam a mesma e fazem parte de toda a sua história. Considerando a relação entre a abordagem museológica, sociedade ludovicense, fontes históricas e patrimônio cultural, teve-se o propósito de direcionar este enfoque ao módulo Museu Histórico e Artístico do Maranhão.

A escolha deste museu foi baseada na sua estrutura, nos objetos em exposição e na transcendência histórica considerada significativa para conhecimento da história ludovicense e por assemelhar-se com as bibliotecas, por ser espaço de memória e transmissão de informação. Nessa perspectiva, teve-se o interesse de perceber entre a diretoria, funcionários e estudantes universitários da UFMA, o museu citado como fonte histórica e patrimônio cultural da cidade de São Luís do Maranhão e se era possível considerar este espaço como um veículo de informação para o conhecimento histórico. Pois, objetivou-se avaliar o papel do módulo Museu Histórico e Artístico do Maranhão como patrimônio indispensável para a preservação da memória e identidade cultural ludovicense. Para tanto se buscou o reconhecimento deste museu como fonte histórica e patrimônio cultural ludovicense.

Nesse sentido, verificou-se a partir das entrevistas que tanto a diretoria quanto os funcionários reconhecem o módulo MHAM como fonte histórica e patrimônio cultural, no qual expõe a preservação do passado, enfocando a arte moderna e contemporânea da sociedade que se insere, enaltecendo a singularidade do Estado, conseqüentemente da cidade de São Luís, por meio da conservação e preservação da herança deixada por nossos

antepassados, e assim, não permitindo que o tempo desfaleça essas heranças. Admiti-se que se constitui num espaço de interesse na busca de informação, pois garante o conhecimento e o aspecto histórico-cultural, evidenciando os artefatos inéditos que são acréscimos a postura reconhecida, além disso, dissemina a cultura maranhense. Tendo em vista isso, foi possível identificar como público-alvo, os estudantes, crianças, população local e turistas nacionais e internacionais, responsáveis pelo favorecimento desta instituição cultural, sendo um dos elementos fundamentais que formam a tríade que sustenta o mesmo. Com esses argumentos favoráveis ao objetivo proposto, confirmou-se que o módulo MHAM constitui-se num bem cultural ludovicense, bem como, outros aspectos característicos delineados no decorrer da pesquisa, que o identifica como parte do conjunto arquitetônico que fundamenta o título de Patrimônio Cultural da Humanidade a cidade de São Luís.

Identificou-se também em meio aos estudantes questionados a afirmação de que o módulo MHAM pode ser considerado uma fonte histórica e patrimônio cultural relevante para preservação da memória ludovicense, tendo um reconhecimento maior e previsto por parte dos estudantes de História. Com isso, confirmam o teor científico inserido na informação contida no museu e assumem quase que de forma unânime a relevância deste para disseminação da informação, contudo, vale ressaltar que a unanimidade a esta afirmação é ratificada pelos estudantes do curso de Biblioteconomia, demonstrando a sensibilidade em relação aos aspectos históricos e reconhecendo a protuberância da História frente a outras áreas do conhecimento.

Dessa maneira, verifica-se que objetivos estabelecidos na pesquisa foram confirmados, pois o valor do módulo MHAM como fonte histórica ludovicense foi reconhecido tanto pela diretoria, funcionários e estudantes da UFMA, adotando assim seu papel de patrimônio indispensável para a preservação da memória e identidade cultural ludovicense. Quanto a isso, aborda-se que o referido museu apresenta documentação, objetos, mobiliário e postura de época que se enquadra no campo das fontes e do patrimônio. Nesse sentido, percebe-se a utilização de fontes históricas e do patrimônio cultural para demonstrar a memória, identidade e cultura da cidade. Nessa perspectiva, evidencia-se que a existência de todas estas atribuições figuradas ao museu, ocorre devido aos predicados históricos, artísticos e culturais identificados na cidade de São Luís, revelando a sincronia entre o passado, presente e futuro.

Sendo assim, espera-se que os estudantes acadêmicos continuem reconhecendo a relevância do módulo MHAM como fonte histórica e patrimônio cultural, contribuindo assim para a preservação e conservação desta instituição cultural e conseqüentemente para a

continuidade da memória histórica e cultural ludovicense, sobretudo os estudantes de Biblioteconomia, pois assim como os historiadores e museólogos, necessitam das fontes históricas para disseminar a informação, admitindo que é possível encontrar informação em diferentes suportes informacionais, por vezes não convencionais, mas preciosos para a produção do conhecimento. Desse modo, o estudo tem a relevância de demonstrar não só para os estudantes acadêmicos, mas também para os ludovicenses como os museus são atraentes e protuberantes no contexto da sociedade. E assim, contribuir de forma significativa para a divulgação deste local de memórias e afirmar que os objetos materiais e imateriais que compõem o módulo MHAM, configuram sua existência por meio da tripla relação entre: período, local e sociedade, com o intuito de sempre reafirmar a herança cultural ludovicense.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Síndrome de museus? In: RIO DE JANEIRO. Coordenação de Folclore e Cultura Popular. **Museu de Folclore Edison Carneiro**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1996. p. 51-66.

ACCIOLY, Bruno. **Fonte Histórica**. [S.l.], 2007. Disponível em: <<http://www.designios.com.br/2007/09/30/fonte-historica/>>. Acesso em: 20 fev. 2009

ÁGORA. In: WIKIPÉDIA, Enciclopédia Livre. [S.l., 200_?]. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ágora>>. Acesso em: 19 nov. 09

ALMEIDA, Maria Emília Campos. **História: nível I – 3º etapa: curso de ensino fundamental para jovens e adultos**. [São Luís: s.n., 199_?].

AMARAL, José Ribeiro. Os franceses no Maranhão. In: _____. **O Maranhão histórico: artigos de jornal (1911-1912)**. São Luís: Instituto Geia, 2003. p. 29-32

ARQUITETURA. In: CIDADES Históricas Brasileiras. São Luís, [200_?]. Disponível em: <http://www.cidadeshistoricas.art.br/saoluis/sl_arq_p.php>. Acesso em: 05 jun. 2009

ARTE. In: WIKIPÉDIA, Enciclopédia livre. [S.l., 200_?]. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte>>. Acesso em: 17 nov. 2009.

AZEVEDO NETO, Américo. Algumas observações: um esclarecimento. In: _____. **Bumba-meu-boi no Maranhão**. São Luís: Ed. Alcântara, 1983. p. 59-74.

BAHIA. Fundação do Estado da Cultura. **Orientações para Elaboração de Projetos Culturais**. [Salvador, 200_?]. Disponível em: <http://www.mav.ufba.br/boletim/2/manual_projetos.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2008.p. 1

BUENO, Francisco Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 1998. p. 268.

CALDEIRA, Paulo da Terra. Museus. In: CAMPELLO, Bernadete, CALDEIRA, Paulo da Terra. **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 151-156.

CARVALHO, Maria Michol Pinho de. **Divino Espírito Santo (Re) ligando Portugal/Brasil no imaginário religioso popular**. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA: mundos sociais: saberes e práticas, 6., 2008, Lisboa. Anais eletrônicos... Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2008. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/188.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2009. p. 1-14.
CARVALHO, Vilmar. **Museu, história e educação**. [S.l., 2005?]. Disponível em:

<br.geocities.com/vilmarcarvalho4/museu_texto.htm>. Acesso em: 29 jan. 2009

CASTELLI JUNIOR, Roberto. Explique aos estudantes o que são fontes históricas. **Nova Escola**, São Paulo, [200_?]. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/ensino-medio/explique-aos-estudantes-sao-fontes-historicas-425655.shtml>> Acesso em: 29 jan. 2009

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. A pesquisa: noções gerais. In: _____. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996. cap. 3. p. 44-58

KURSCH. **A importância das fontes históricas**. [S.l.], 2007. Disponível em: <http://diascomuns.blogspot.com/2007_09_01_archive.html>. Acesso em: 06 abr. 2009

DIAS, J. P. Sousa. **Fontes históricas**. ([200_?]). Disponível em: <<http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/Farmacia-e-Historia/node10.html>>. Acesso em: 06 abr. 2009

FALCÃO, Cyro. Origem do boi da Ilha. In: _____. **Bumba-meu-boi do Maranhão**. São Luís: Universidade do Maranhão, [199_?].

FERREIRA JUNIOR, Bernardo Coelho. **Memória e história no Museu maranhense**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 81-108..

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Org.). Introdução. In: _____. **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 15-24.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HISTÓRIA do Maranhão. In: GUIA de São Luís. São Luís, [200_?]. Disponível em: <<http://www.guiasaoluis.com.br/maranhao.htm>>. Acesso em: 5 jun 2009.

JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro fontes históricas como fonte. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 9-21.

JULIÃO, Letícia. **Apontamentos sobre a História do museu**. [S.l., 200_?]. Disponível em: <http://app01.museudoindio.gov.br/downloads/cadernodiretrizes_segundaparte.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2009.

KERRIOU, Miriam Arroyo de. Museu, patrimônio e cultura: reflexões sobre a experiência mexicana. In: SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultural. Departamento do Patrimônio

Histórico. **O direito à memória:** patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992. p. 89-99

LIMA, Carlos de. A festa. In: _____. **Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão)**. 2. ed. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória-Grupo de Trabalho de Alcântara, 1988. p. 21-36.

MACEDO, Fabiana Borges. **Famílias ludovicenses:** um estudo sobre a transmissão dos valores culturais e familiares na perspectiva de avós e netos. [S.l., 200_?]. Disponível em: <http://biblioteca.universia.net/irARecurso.do?page=http%3A%2F%2Fwww.unicamp.br%2Ftede%2F%2Ftede_busca%2Farquivo.php%3FcodArquivo%3D133&id=27341111>. Acesso em: 5 jun. 2009.

MARANHÃO – Cultura Popular. In: BRAZILIAN Tourism. [200_?] Disponível em: <<http://www.braziliantourism.com.br/ma-cp-po.html>>. 5 jun 2009.

MATOS, Cinara Beatriz de; LUCAS, Elaine Rosângela de Oliveira. **Caracterização do museu do lixo**. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 169-191, jan./jun. 2009. Disponível em: <revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/download/656/724>. Acesso em: 5 jun 2009.

MEIRELES, Mário M. O Maranhão na colônia. In: _____. **História do Maranhão**. 4. ed. Imperatriz, MA: Ética, 2008. p. 17-183.

MINAS GERAIS. Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico. **Sobre cultura e patrimônio cultural**. Belo Horizonte, [200_?]. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=66&Itemid=114>. Acesso em: 7 mar. 2009.

MIRANDA, Rose. Patrimônio imaterial e museus: uma breve abordagem. **Revista Museu**. [S.l.], c2004. Disponível em: <www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?...>. Acesso em: 7 mar. 2009.

MISSÃO. In: MUSEU Histórico e Artístico do Maranhão. São Luís, [200_?]. Disponível em: <<http://www.cultura.ma.gov.br/portal/mham/index.php?page=missao>>. Acesso em: 13 nov. 09

MORIGI, Valdir; VANZ, Samile Andréa de Souza; GALDINO, Karina. **O bibliotecário e suas práticas na construção da cidadania** Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 134-144, 2002. Disponível em: <www.ced.ufsc.br/bibliote/acb/painel/cidadania.ppt>. Acesso em: 7 mar. 2009.

O MUSEU Histórico reabre suas portas. São Luís, 2009. Disponível em: <http://www.cultura.ma.gov.br/portal/mham/index.php?page=noticia_estend&id=2>. Acesso em: 13 nov. 2009

NASCIMENTO, Maria Nadir. São Luís, capital do Maranhão. In: _____. **Geografia do Maranhão**. São Luís: FTD, 2001. P. 68-70.

NAKAMURA, Rodolfo. **Pesquisa de opinião: como fazer tabulação cruzada usando MS Excel e MS Access**. São Paulo, 2006. p. 1-13. Versão 1.0. Disponível em: <<http://www.dozen.com.br/nakamura>>. Acesso em: 29 nov. 2009.

PEREIRA, Josimar. **Museu Histórico e Artístico do Maranhão: 30 anos contando a nossa história**. São Luís: UNIGRAF, 2003.

PEREIRA, Sylvania de Jesus. **Estilos arquitetônicos do centro histórico de São Luís-MA**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2001.

PETTA, Nicolina Luiza de; OJEDA, Eduardo Aparicio Baez. Introdução ao estudo da história. In: _____. **História: uma abordagem integrada**. São Paulo: Moderna, 1999. p. 1-5.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. Glossário. In: _____. **História e vida integrada**. São Paulo: Ática, 2002. p. 161-169.

PROJETO de Dinamização do Museu Histórico e Artístico do Maranhão e Anexos. São Luís, 2009. Disponível em: <http://www.cultura.ma.gov.br/portal/mham/index.php?page=projeto_extend&id=2>. Acesso em: 13 nov. 2009

RAMALHO, Emanuel J. **O estudo da História**. [S. l.], 2009. Disponível em: <<http://blig.ig.com.br/portalthistoria/2009/01/19/introducao-a-historia/comment-page-1>>. Acesso em: 06 abr. 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Org.). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 15-24.

SÃO Luís do Maranhão (Patrimônio Histórico da Humanidade). In: VELHOS Amigos: site da maturidade. Natal, [200_?]. Disponível em: <<http://www.velhosamigos.com.br/Reportart/reportart48.html>>. Acesso em 05 jun. 2009.

SOUZA, Daniel M. V. Informação e construção de conhecimento no horizonte museológico. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 10, n. 6, dez. 2009. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez09/Art_06.htm>. Acesso em: 15 dez. 2009.

TEIXEIRA, Cláudia Adriana Rocha. Educação patrimonial no ensino de História. **Biblios**, Rio Grande, v. 22, n. 1, p. 199-211, 2008. Disponível em: Acesso em: <http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/biblos/article/view/868>

UNESCO. Patrimônio Cultural. Brasília, [200_?]. Disponível em: <http://www.brasilia.unesco.org/areas/cultura/areastematicas/patrimonio>>. Acesso em: 20 fev. 2009

ZANIRATO, Silvia Helena; RIBEIRO, Wagner Costa. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. **Rev. Bras. Hist.** V. 26, n. 51, São Paulo, Jan./Jun. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010201882006000100012&script=sci_arttext>. Acesso em: 7 mar 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário aplicado aos estudantes da UFMA dos cursos de: Biblioteconomia, Ciências Sociais, História e Turismo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Caro (a) estudante

Este questionário será realizado no intuito de desenvolver um estudo monográfico, o qual possuir como tema arrolado “Museu Histórico e Artístico do Maranhão como fonte histórica e patrimônio cultural ludovicense”, a fim de avaliar este museu como patrimônio indispensável para a conservação da memória e identidade cultural de São Luís. Vale ressaltar que sua contribuição em responder as questões será de fundamental importância para a abrangência do referido estudo, e assim almeja-se tornar conhecido à perspectiva histórica e cultural que circunda o museu.

Desde já, agradeço.

Soraya Vieira de Albuquerque

1) Que curso você faz? E que período está cursando?

2) Qual o seu sexo?

() Feminino

() Masculino

3) Qual sua idade?

() 17 – 22 anos

() 23 – 28 anos

() 29 – 34 anos

() Igual ou acima de 35 anos

4) Qual é a sua ocupação?

() Estudante

() Estagiário. Qual a área? _____

() Exerce alguma ocupação profissional.

Qual _____

5) Qual o grau de importância você atribui a História?

- Desinteressante.
- Interessante.
- Relevante para o presente e para o futuro.
- Relevante para o desenvolvimento social, cultural, memorial e político do homem.

Por quê _____

6) Existe alguma relação entre História, fontes históricas e patrimônio cultural?

- Sim
- Não
- Parcialmente

Por quê _____

7) De que modo é classificado seu conhecimento acerca das fontes históricas e patrimônio cultural?

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Ruim

8) Diante de sua resposta positiva ou negativa, o que você pensa sobre fontes históricas?

- Documentos escritos e monumentos antigos.
- Restos arqueológica.
- Conjunto de formas escritas, orais, objetos, dentre outros que resgatem vestígios da História.
- Refere-se apenas as formas orais de informação.

9) De acordo com o contexto, conceitue patrimônio cultural?

- Prédios e monumentos antigo.
- Representa e resgata a cultura de uma sociedade.
- Resgata a identidade e memória do homem.

10) Desse modo, qual o nível de importância possuem fontes históricas e patrimônio cultural ludovicense para você?

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Nenhuma importância

Por quê _____

11) Diante deste contexto, ao realizar uma pesquisa, você recorre primeiro a qual instituição cultural?

- Bibliotecas

- Museus
- Arquivos
- Outro. Qual _____

12) Do seu ponto de vista, há relação alguma entre museu, fontes históricas e patrimônio cultural?

- Sim
- Não
- Parcialmente.

13) Você já visitou o MHAM?

- Sim
- Não

14) **Se a resposta for positiva**, responda com que frequência você visita o MHAM, seja para pesquisa ou para entretenimento?

- Semanalmente
- Mensalmente
- Anualmente

15) **Se a resposta for negativa**, você sentir vontade de visitar o MHAM?

- Sim
- Não

16) Que avaliação você faz diante MHAM para sociedade ludovicense?

- Constitui-se numa fonte histórica e patrimônio cultural relevante para preservação da memória histórica ludovicense.
- Não possui importância.
- É apenas um prédio antigo que foi construído no século XIX.
- Rico culturalmente.
- Contribui para preservação da identidade cultural.
- Pode-se considerar ele apenas patrimônio cultural indispensável para a conservação da história cultural de São Luís.

17) É relevante dizer que o MHAM possui um teor científico? Por quê?

- Sim
- Não

18) Você considera o MHAM importante para a disseminação da informação? Por quê?

- Sim
- Não

APÊNDICE B – Ofício para entrevistas no Museu Histórico e Artístico do Maranhão



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Ofício nº. 035/2009 – CB

São Luís, 04 de maio de 2009

Prezado Diretor (a)

Para o desenvolvimento de minha monografia, a qual tem como tema arrolado “Estudo do Museu Histórico e Artístico do Maranhão como patrimônio cultural e fonte histórica ludovicense”, objetiva-se avaliar o papel deste museu como patrimônio indispensável para a conservação da memória e identidade cultural de São Luís, sob a orientação da Prof^a. Ms. Raimunda Ribeiro Araújo.

Nessa perspectiva, pretende-se colaborar como os ludovicenses para a divulgação desse espaço histórico e internalizar o fato de que os objetos materiais possuem importância informacional, por que eles são frutos da relação de tempo, espaço e sociedade, servindo para enriquecer a cultura e tradição do indivíduo. Esse estudo também, constitui-se no cerne que promoverá o título de Bacharel em Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão.

Desse modo, para sua consecução será desenvolvida uma pesquisa de campo, abrangendo os diretores, funcionários e visitantes do referido museu, além disso, será utilizado como instrumento de coleta de dados a observação. Assim sendo, venho através deste, solicitar que Vossa Senhoria conceda-me uma entrevista que contribuirá de forma valiosa com informações que deverão compor o estudo proposto e, além disso, permita que sejam:

- a) realizadas entrevistas com os funcionários;
- b) aplicados questionários com os visitantes;
- c) observações no âmbito do Museu Histórico e Artístico do Maranhão.

Certa de seu atendimento, agradeço a sua atenção.

Atenciosamente,

Soraya Vieira de Albuquerque
Aluna do Curso de Biblioteconomia

VISTO: Profª. Ms. Raimunda Ribeiro Araújo
Coordenadora do Curso de Biblioteconomia

Ilmo. Senhor (a)
Diretor (a) do Museu Histórico e Artístico do Maranhão

APÊNDICE C – Entrevista aplicada à diretoria do Museu Histórico e Artístico do Maranhão

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
DIRETORIA

Caro entrevistado (a),

Esta entrevista será realizada no intuito de avaliar o papel do Museu Histórico e Artístico do Maranhão como patrimônio indispensável para a conservação da memória e identidade cultural de São Luís. E essa avaliação constitui-se na essência fundamental do estudo monográfico em desenvolvimento. Cabe ressaltar que sua contribuição em responder as questões será de grande valia para a abrangência do referido estudo, de modo a garantir e consertir o conhecimento acerca da perspectiva histórica e cultural que permeia este museu.

1 IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

- 1) Nome completo:
- 2) Nível de formação:
- 3) Cargos e funções exercidas no Museu Histórico e Artístico do Maranhão:
- 4) Há quanto tempo você exerce suas funções neste museu:

2 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO MUSEU HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO MARANHÃO

- 1) Em que missão o Museu Histórico e Artístico do Maranhão se encontra respaldado?
- 2) Quais os objetivos articulados por este museu?
- 3) Em que lei se configura sua criação?
- 4) Como se encontra estruturado seu ambiente?
- 5) Como é formado seu acervo?
- 6) E quais as características principais desse acervo?
- 7) De que forma este acervo é adquirido?

- 8) Como é tratado o acervo após ser adquirido? E qual a forma de organização do mesmo?
- 9) Quais as peças adquiridas recentemente?
- 10) Qual o total de peças existentes no acervo?
- 11) Qual o perfil do público-alvo?
- 12) Quantas pessoas formam o corpo funcional do museu, considerando a atribuição, formação ou especialidade de cada um?
- 13) Para o desenvolvimento de uma instituição cultural torna-se necessário oferecer serviços que atendam de modo rápido e preciso as necessidades informacionais de seu público. Desse modo, quais os serviços oferecidos pelo museu? E esses serviços são automatizados?
- 14) Quais os projetos desenvolvidos pelo museu?

INFORMAÇÕES GERAIS

- 1) Em média há quantos visitantes no Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM) no espaço de um mês?
- 2) Em que períodos ocorrem uma demanda maior de visitantes?
- 3) Qual o turno do expediente em que a demanda de visitantes é maior?
- 4) Quais as normas ou regulamentos que dão diretrizes as visitas ao museu?
- 5) Como é realizada a avaliação do nível de satisfação do público? E com que frequência?
- 6) Como este museu colabora para a disseminação de informações referentes à história e a cultura ludovicense?
- 7) Diante disso, como você caracteriza o MHAM?
- 8) Como é configurada sua percepção acerca do MHAM a partir do público que visita e é atendido pelo mesmo?
- 9) Em sua opinião, qual a relevância do MHAM para a sociedade ludovicense e será que este pode ser considerado fonte histórica e patrimônio cultural? Por quê?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
FUNCIONÁRIO (A)

Caro entrevistado (a),

Esta entrevista será realizada no intuito de avaliar o papel do Museu Histórico e Artístico do Maranhão como patrimônio indispensável para a conservação da memória e identidade cultural de São Luís. E essa avaliação constitui-se na essência fundamental do estudo monográfico em desenvolvimento. Cabe ressaltar que sua contribuição em responder as questões será de grande valia para a abrangência do referido estudo, de modo a garantir e consertir o conhecimento acerca da perspectiva histórica e cultural que permeia este museu.

1 IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

- 1) Nome completo:
- 2) Nível de formação:
- 3) Cargos e funções exercidas no Museu Histórico e Artístico do Maranhão:
- 4) Há quanto tempo você exerce suas funções neste museu:

2 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO MUSEU HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO MARANHÃO

- 1) Como se encontra organizado o ambiente do Museu Histórico e Artístico do Maranhão?
- 2) Como é formado seu acervo?
- 3) E quais as características principais desse acervo?
- 4) Quais as peças adquiridas recentemente?
- 5) Qual o perfil do público-alvo?

INFORMAÇÕES GERAIS

- 1) Você faz parte do desenvolvimento de algum projeto do museu?
- 2) Em que períodos ocorrem uma demanda maior de visitantes?

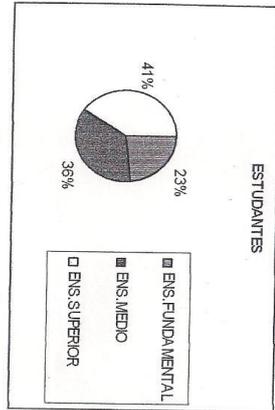
- 3) Qual o turno do expediente em que a demanda de visitantes é maior?
- 4) Quais as normas ou regulamentos que dão diretrizes as visitas ao museu?
- 5) Diante disso, você pode dizer como este museu colabora para a disseminação de informações referentes à história e a cultura ludovicense?
- 6) Como você caracteriza o MHAM?
- 7) Quais as percepções obtidas acerca do MHAM a partir do público que você atende?
- 8) Em sua opinião, qual a relevância do MHAM para a sociedade ludovicense e será que este pode ser considerado fonte histórica e patrimônio cultural? Por quê?

ANEXOS

ANEXO A – Estatística de visita da categoria estudante ao módulo Museu Histórico e Artístico do Maranhão

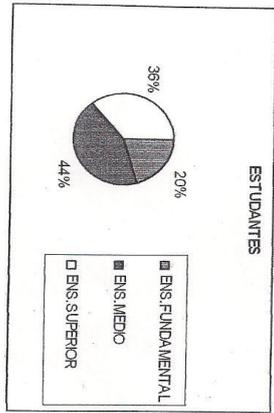
ESTATÍSTICA DE VISITA NO MHAM
ESTUDANTES

JANEIRO

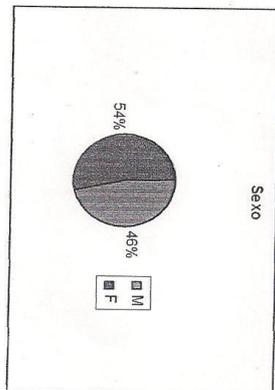
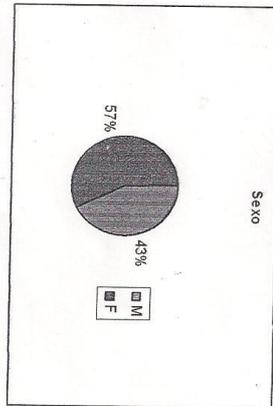


TOTAL DE ESTUDANTES = 1134

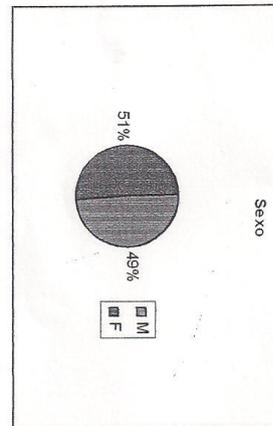
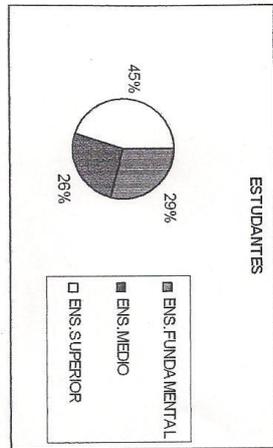
FEVEREIRO



TOTAL DE ESTUDANTES = 552

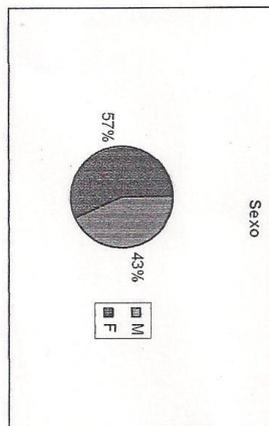
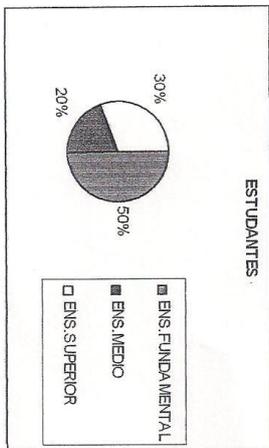


MARÇO



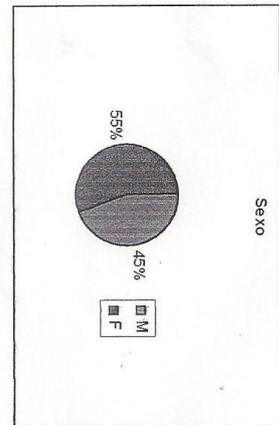
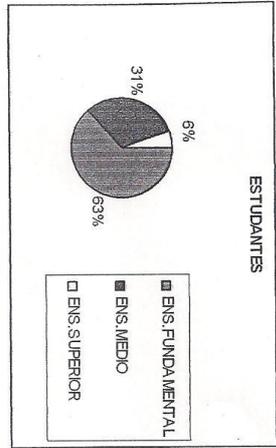
TOTAL DE ESTUDANTES = 512

ABRIL



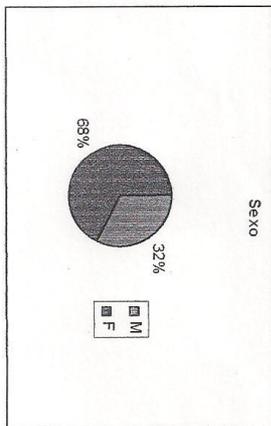
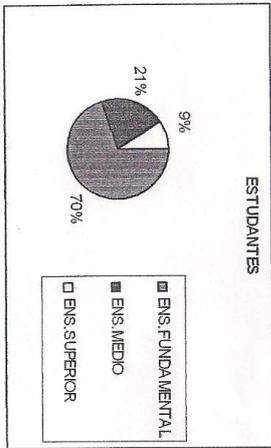
TOTAL DE ESTUDANTES = 706

MAIO



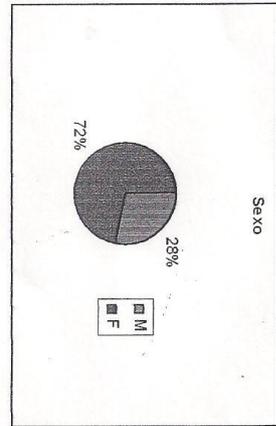
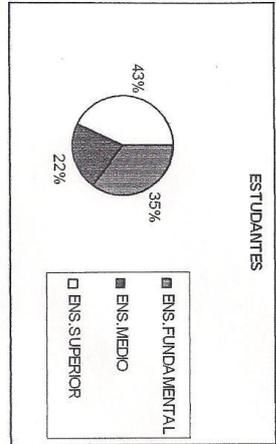
TOTAL DE ESTUDANTES = 821

JUNHO



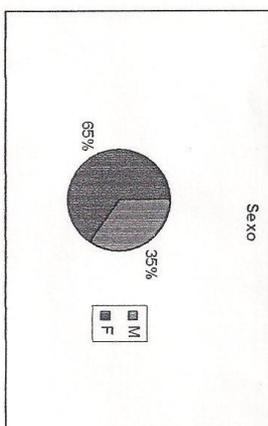
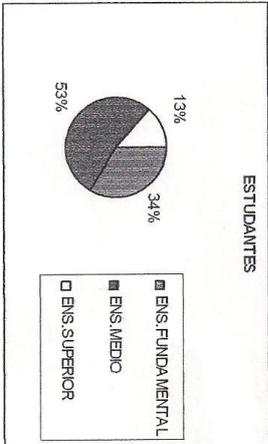
TOTAL DE ESTUDANTES = 933

JULHO



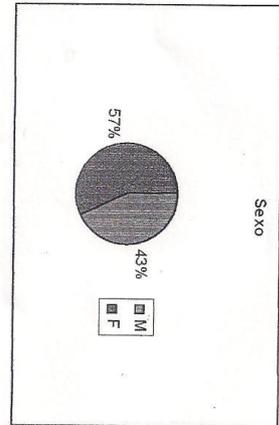
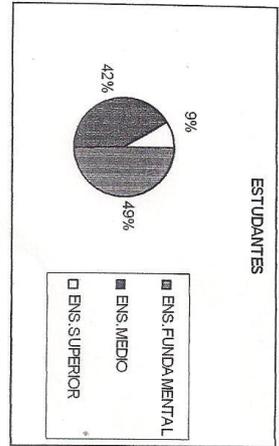
TOTAL DE ESTUDANTES = 674

AGOSTO



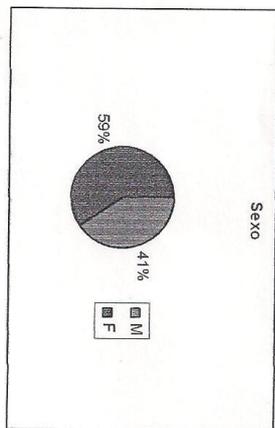
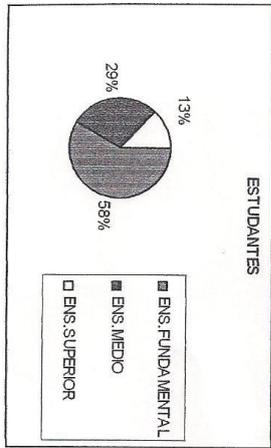
TOTAL DE ESTUDANTES = 362

SEPTIEMBRE



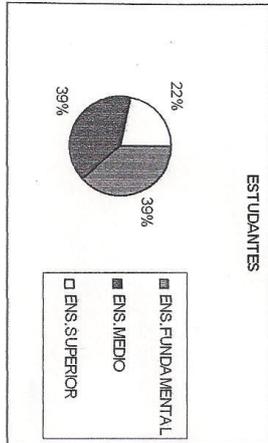
TOTAL DE ESTUDANTES = 790

OUTUBRO



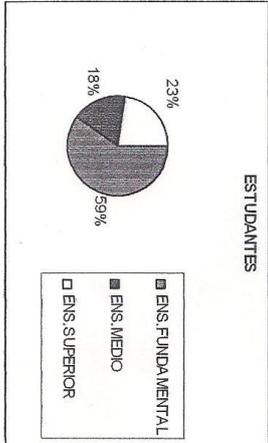
TOTAL DE ESTUDANTES = 1201

NOVEMBRO

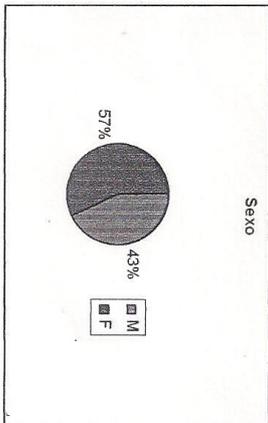
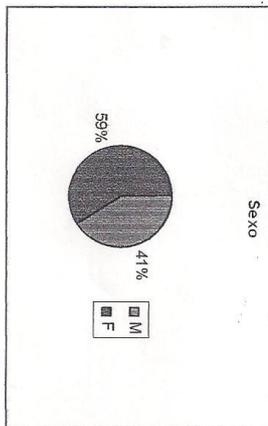


TOTAL DE ESTUDANTES = 736

DEZEMBRO



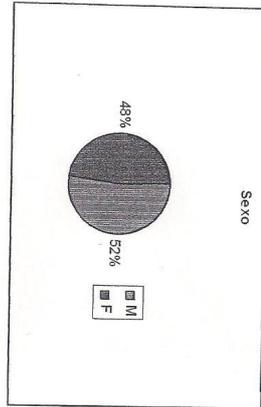
TOTAL DE ESTUDANTES = ATÉ O DIA 19 = 386



ANEXO B – Estatística de visita da categoria visitantes ao módulo Museu Histórico e Artístico do Maranhão

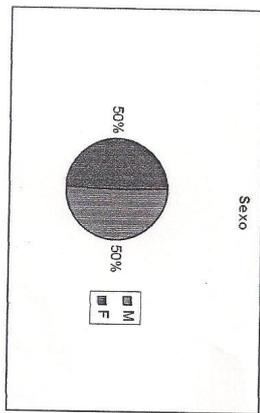
ESTATÍSTICA DO MHAM
VISITANTE

JUNHO



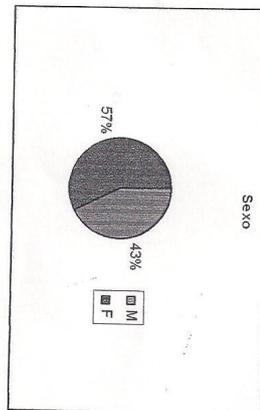
TOTAL DE VISITANTES DO MHAM = 272

AGOSTO



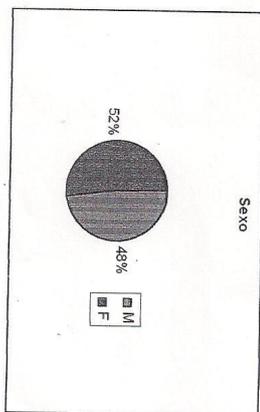
TOTAL DE VISITANTES DO MHAM = 313

JULHO



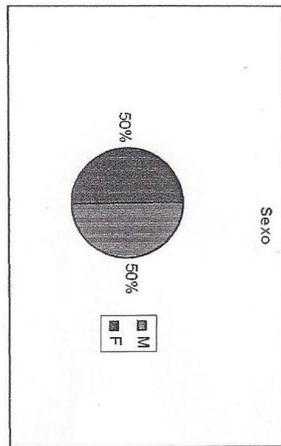
TOTAL DE VISITANTES DO MHAM = 587

SETEMBRO



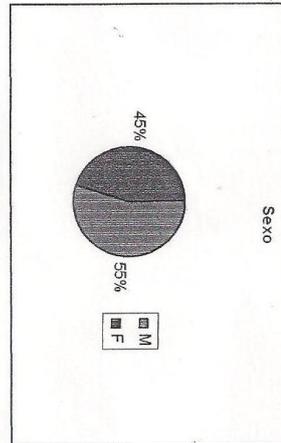
TOTAL DE VISITANTES DO MHAM = 283

OUTUBRO



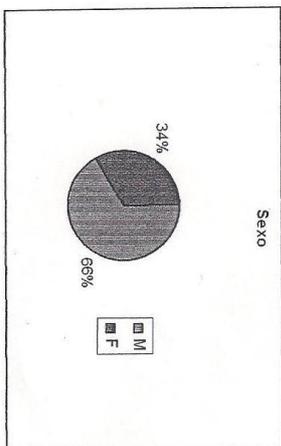
TOTAL DE VISITANTES DO MHAM = 306

NOVEMBRO



TOTAL DE VISITANTES DO MHAM = 258

DEZEMBRO



TOTAL DE VISITANTES DO MHAM = 167